

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Auxiliadora de Lima Wang

**Análise de interações verbais em um *blog* jornalístico: possíveis
relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si**

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Maria Auxiliadora de Lima Wang

**Análise de interações verbais em um *blog* jornalístico: possíveis
relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si**

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Maria Auxiliadora de Lima Wang

**Análise de interações verbais em um *blog* jornalístico: possíveis
relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Doutora Maria Eliza Mazzilli Pereira.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora:

Agradecimentos

Como “um galo sozinho não tece a manhã”, este trabalho seria impossível não fosse a colaboração de várias pessoas com quem interagi ao longo de seu planejamento e sua execução. Minha imensa gratidão a todos pelas contribuições diretas ou indiretas. Se o resultado não foi melhor, isso se deu por lacunas em minha história de reforçamento. Agradeço especialmente:

A minha família:

Wang: meu marido, grande companheiro, que esteve do meu lado em todos os momentos importantes de minha vida desde que nos conhecemos. Agradeço-lhe por sua paciência, generosidade, seu incentivo, seu otimismo quase panglossiano, pelo convívio reforçador, por tantas ajudas técnicas para a realização deste e de outros trabalhos, e especialmente pelo sistema – e muitos relatórios – que criou para esta pesquisa. Você ampliou meu ambiente notavelmente.

Victor: por ter enriquecido minha história de forma singular. Obrigada por me compreender quando não pude participar de suas brincadeiras. Peço-lhe desculpas pelas vezes que o deixei sem história, antes de você dormir. Você tem sido exatamente o filho que eu gostaria de ter: é um “rapazinho” esperto, compreensivo e bem-educado.

Meus pais e irmãos: pelo modelo que constituem para mim, por me encorajar em minhas “escolhas”, mesmo quando elas nos afastaram a milhares de quilômetros de distância. A torcida de vocês tem sido fundamental em minha caminhada.

A meus professores do PEXP:

Maria Eliza: minha gratidão a você por me orientar em um projeto desafiante como este, e fazê-lo de forma exemplar. Obrigada pela disponibilidade, generosidade, dedicação, pela paciência com minhas teimosias, inseguranças, e minhas incontáveis refações textuais. Você me faz acreditar que o mundo de Sidman é possível.

Amalia: agradeço-lhe pelo exemplo de versatilidade, de dedicação e de rigor científico, pelas aulas surpreendentes, pelas contribuições para este estudo. De modo especial, agradeço-lhe por permitir que eu “experimentasse” as atividades do programa, a despeito dos vários indícios de que eu não tinha o perfil dos alunos da casa. Sem essas contingências iniciais, dispostas por você e por seu grupo, esse trabalho não teria existido.

Teia: agradeço-lhe por abrir meus olhos para certos aspectos do mundo, até então nebulosos para mim (especialmente em suas aulas de conceitos básicos e de comportamento verbal); pelo modelo na defesa entusiasmada, mas não menos crítica, da análise do comportamento; pelas contribuições para este trabalho.

Paula: agradeço pela disposição de ensinar aqueles que mais precisam ser ensinados, pelo exemplo de generosidade e de equidistância na relação professor-aluno.

Maria do Carmo: agradeço pelo exemplo de dedicação à ciência, pela disposição singular para dialogar com diferentes áreas e para compartilhar conhecimentos; por ter ampliado meu olhar sobre o processo de construção da história e, por tabela, minhas perspectivas sobre a construção da notícia.

Roberto: agradeço pela descrição precisa das contingências de reforço em suas aulas de história da prática, que tanto me ajudou naquele momento; por me dirigir uma única pergunta que modificou completamente meu paradigma sobre a relação professor-aluno.

Nilza, Fátima, Ziza, Sérgio: não tive o privilégio de assistir à suas aulas, no entanto, vocês contribuíram com minha formação por outros meios, seja pelas próprias produções bibliográficas, pela indicação e pelo empréstimo de livros e artigos.

Aos demais professores de minha banca:

Ana Lucia: agradeço-lhe pelas contribuições para este trabalho, e pela forma como contribuiu: encantou-me o fato de você ter uma sugestão de mudança na primeira página do projeto de qualificação e fazê-la por último.

Ricardo Alexino: por aceitar prontamente participar de minha banca de defesa, mesmo sabendo tratar-se de uma pesquisa fora da área de comunicação. Foi muito bom reencontrá-lo depois de tanto tempo. Seja bem-vindo à análise do comportamento!

Martha Hübner, cujo curso sobre os 50 anos de *Verbal Behavior* (ABPMC 2007), fortaleceu minha noção sobre a validade de pesquisas como esta.

Meus colegas do PEXP:

Patrícia Klukiewicz e Ghoerber: pelo carinho com que me acolheram em meus primeiros dias de aula no programa. Gestos como os de vocês, naqueles dias, me fazem ter alguma fé na continuidade de nossa espécie.

Carol Alves: cuja dissertação inspirou-me a planejar e executar esta pesquisa.

Angelo: pelas contribuições para este trabalho, por tantas discussões importantes para minha formação ao longo de nossa breve convivência, pelo modelo de maturidade intelectual, nem sempre comum em um pesquisador tão jovem quanto você.

Sabrina: pelo modelo que você é para mim como pessoa altamente reforçadora, solícita, solidária, amiga.

A outros colegas com quem tive contatos enriquecedores ao longo do mestrado: Andréa Brocal, Aline, Amália, Anna e Daniel Matos, Ana Cecília, Dani Lacerda, Evelyn, Flavia Baião, Juliana Vedova, Lívia, Luciana Cardoso, Marcio Juliano, Mateus, Mayra, Paula Barcellos, Regina Barreira, Renata, Thais Guimarães, entre outros.

Aos funcionários do laboratório:

Dinalva: pela calorosa acolhida, desde meus contatos iniciais com o programa. Agradeço-lhe, ainda, pelo carinho, incentivo, apoio, pela torcida: do início ao fim.

A Conceição, Neusa e o Maurício: vocês que fazem parte do cenário que torna o laboratório o segundo lar de tanta gente.

A outros amigos, que constituem audiência importante para mim:

Cristina Masuda, cuja excelência profissional me inspirou desde o momento em que nos conhecemos, na época da graduação. Agradeço-lhe pelas memoráveis “maratonas culturais” que fizemos juntas, pela amizade longa, pela revisão em meu *abstract*.

A outros amigos que também me marcaram de forma única, e, acabei sem espaço, aqui, para contar como se deu o marco de cada um em minha história. Agradeço-lhes pelas trocas, pelos encorajamentos, pela amizade: Aleksandra, Cecília Ferreira, Edna, Helga, Hilário, Lourdes, Raquel Prado, Rosangela Paixão, Sandra e Sonia Fernandes, Sonia de Pieri, Sonia Molist.

Ao pessoal do *blog*:

Luis Nassif: cujo trabalho à frente do *blog* foi fundamental para a realização desta pesquisa. Ao se apropriar, com tanta eficiência, do potencial da Internet para criar uma rede social invejável, como a do *blog*, você chamou minha atenção para outras possibilidades fornecidas pela Web para a produção e a difusão de conhecimentos.

Agradeço também aos demais participantes do *blog*, que me proporcionaram momentos agradáveis, por vezes divertidos, com a leitura de seus textos e comentários ao longo desta pesquisa (e continuam a fazê-lo no dia-a-dia do *blog*).

Tecendo a manhã

João Cabral de Melo Neto

Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzam
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma tela tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Funções do ouvinte no episódio verbal.....	4
1.2. Como diferenças de repertório podem afetar a relação falante-ouvinte.....	5
1.3. Falante como seu próprio ouvinte.....	7
1.4. Alguns aspectos sobre o controle mútuo falante-ouvinte.....	10
1.5. A mídia como objeto de pesquisa e fonte de dados em análise do comportamento.....	14
1.6. Controle mútuo imprensa-leitor.....	20
1.7. Interações verbais mediadas por novas tecnologias.....	24
2. MÉTODO	36
2.1 Fonte.....	36
2.2 Quem é Luis Nassif.....	36
2.3 Como o <i>blog</i> está estruturado.....	37
2.4 Sobre o critério de seleção dos textos.....	38
2.5 Procedimento.....	40
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
3.1 Esclarecimentos.....	45
3.2 Sobre o conjunto dos dados coletados.....	46
3.3 Temas mais freqüentes nas interações.....	52
3.4 Variedade temática nos triviais.....	53
3.5 Sobre os textos mais comentados e os textos menos comentados.....	57
3.6 Possíveis controles de leitores sobre o jornalista e vice-versa e de leitores entre si.....	63
3.7 Alguns aspectos acerca do controle do jornalista sobre o leitor.....	69
3.8 Análise das categorias de comentários e das categorias de réplicas.....	73
3.9 Intervalo e duração das interações entre os participantes do <i>blog</i>	80
3.10 Mudança de relato de alguns participantes do <i>blog</i> ao longo do tempo.....	84
3.11 Alguns aspectos sobre o controle múltiplo do comportamento verbal.....	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
5. REFERÊNCIAS	96
6. ANEXOS	100

7. LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Subdivisão dos comentários segundo alguns aspectos da variável direção.....	43
Tabela 2. Categorias de comentários com suas definições.....	44
Tabela 3. Relação dos textos principais com respectivos títulos e códigos, autores, horários de publicação, temas, nº de comentários, nº de réplicas do jornalista, intervalos entre sua publicação e a publicação do 1º comentário e entre a publicação do 1º e último comentários.....	47
Tabela 4. Relação dos cinco triviais analisados (o de 1º de julho e os quatro dos dias seguintes ao acidente da TAM).....	56
Tabela 5. Relação dos cinco textos mais comentados, em ordem decrescente de comentários, em que se apresentam título e código, autor, texto ou parte dele e número de comentários.....	58
Tabela 6. Relação dos cinco textos menos comentados, em ordem decrescente de comentários, com título e código, autor, texto ou parte dele e número de comentários.....	61
Tabela 7. Interações envolvendo leitor e jornalista, dispostas cronologicamente, em que se observam controles mútuos.....	68
Tabela 8. Interações envolvendo leitores e jornalista e leitores entre si, dispostas cronologicamente, em que ficam implícitos ou explícitos controles mútuos.....	68
Tabela 9. Interações envolvendo leitores, jornalista e leitores entre si, dispostas cronologicamente, em que ficam implícitos ou explícitos controles mútuos.....	69
Tabela 10. Número total de comentários por categoria e porcentagem de cada categoria (sobre o total de comentários).....	74
Tabela 11. Categorias dos comentários replicados pelo jornalista (dirigidos a ele, implícita ou explicitamente, a outros e sem destinatário específico).....	75
Tabela 12. Comentários dirigidos explicita ou implicitamente ao jornalista e comentários que receberam réplicas (por categoria de comentário, calculada em porcentagem).....	76

Tabela 13. Relação entre as categorias das réplicas do jornalista e as categorias dos comentários dos leitores replicados pelo jornalista, nos casos em que os comentários foram destinados explícita ou implicitamente a LN.....	78
Tabela 14. Réplicas de leitores a outros leitores por categoria, número e porcentagem das referidas réplicas.....	79
Tabela 15. Intervalo entre a publicação do primeiro e do último comentários a um texto.....	82
Tabela 16. Exemplos de interações leitor-jornalista e vice-versa em que há mudanças em seus relatos sobre o comportamento da imprensa na cobertura do acidente da TAM.....	86
Tabela 17. Exemplos de expressões encontradas nas interações de diferentes sujeitos no <i>blog</i> ao longo do tempo, que poderiam indicar controle formal por parte de estímulos antecedentes	90

8. LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tipos de comentários sobre os gestos de MAG antes de o jornalista escrever no <i>blog</i> sobre o assunto (em %).....	64
Figura 2. Comentários sobre MAG no texto em que o jornalista escreveu sobre os gestos do ministro.....	65
Figura 3. Comentários sobre MAG no segundo texto em que o jornalista escreveu sobre o assunto.....	66

Wang, M. A. L. (2008). Análise de interações verbais em um blog jornalístico: possíveis relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUCSP, São Paulo.

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria Eliza Mazzilli Pereira.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento de metodologias e tecnologias de intervenção.

RESUMO

Em sua análise do comportamento verbal, Skinner destaca a importância de se considerar o comportamento do ouvinte para uma adequada compreensão do comportamento do falante e vice-versa. Neste trabalho, analisaram-se interações verbais em um *blog* jornalístico, em busca de possíveis controles mútuos entre os participantes desse *blog*: do jornalista sobre os leitores e vice-versa e de leitores entre si. Foram analisados 37 textos publicados pelo jornalista no *blog* durante três dias e meio, em período imediatamente posterior ao acidente do avião da TAM, ocorrido dia 17 de julho de 2007, em São Paulo, bem como 1.673 comentários a esses textos. Os comentários foram classificados quanto à direção – se foram dirigidos ao jornalista, a outros leitores ou se não tiveram direção específica – e foram classificados em categorias como concordância, discordância, contribuição, entre outras. Os resultados sugerem: 1) a existência de controle mútuo entre jornalista e leitores e leitores entre si; 2) forte controle de assuntos relativos ao acidente sobre a escrita dos participantes do *blog*; 3) existência de controle diferencial do jornalista sobre os leitores em comparação com o controle entre leitores; 4) forte influência de variáveis emocionais sobre a escrita dos participantes do *blog*. Concluiu-se, porém, a esse respeito que, embora os dados permitam supor a existência dessas relações de controle, outros estudos são necessários para esclarecer essas relações. O atraso médio entre a publicação de um texto e a publicação do 1º comentário a esse texto foi de 2 horas e 37 minutos, sendo que em 22 textos o atraso foi menor que uma hora. Esse dado mostra que novas tecnologias como a Internet e seus subprodutos, como os blogs, podem reduzir sobremaneira o atraso do efeito do comportamento verbal, ao mesmo tempo em que podem aumentar extraordinariamente a abrangência do produto desse comportamento. Assim, devem ser consideradas no planejamento de contingências de ensino e de estudo do comportamento verbal. Além disso, os blogs, ao permitir a inclusão de novos personagens no processo de produção de notícia, poderão aumentar as possibilidades de contracontrole do leitor sobre a imprensa e tornar a relação imprensa-leitor mais equidistante.

Palavras-chave: comportamento verbal; controle mútuo escritor-leitor; análise do comportamento, imprensa, Internet, blog.

Wang, M. A. L. (2008). Analysis of verbal interactions in a journalistic blog: possible control relations between journalist and readers and among readers themselves.

Master's Thesis. São Paulo: Pontificia Universidade Católica de São Paulo.

Thesis advisor: Maria Eliza Mazzilli Pereira.

ABSTRACT

In his analysis of verbal behavior, Skinner emphasizes the importance of considering the behavior of the listener to obtain a proper understanding of the behavior of the speaker and vice versa. In this work, verbal interactions in a journalistic blog were analyzed to look for possible relations of control among the participants of the blog: from the journalist to the readers and vice versa, and among the readers themselves. Thirty-seven texts were analyzed; they were published by the journalist to his blog during three and a half days, in the period immediately after the TAM airplane accident that took place in Sao Paulo on July, 17, 2007, as well as 1673 comments on these texts. Comments were classified according to their target - whether they were addressed to the journalist or to other readers, or had no specific target. These comments were also classified into categories such as agreement, disagreement and contribution. The results suggest: 1) the existence of mutual control between the journalist and his readers and among the readers themselves; 2) strong control of the topics relating to the accident on the writing of the participants of the blog; 3) differential control by the journalist on the readers' writing behavior compared to the control among readers themselves; 4) strong influence of emotional variables on the writing behavior of the participants of the blog. In this respect, however, it was concluded that, although the data allow supposing the existence of these control relations, further studies are needed to clarify these supposed control relationships. The average delay between the publication of a text and the publication of its first comment was 2 hours and 37 minutes. This delay was less than an hour in 22 out of 37 texts analyzed. These data suggest that new technologies, such as Internet and its byproducts, such as blogs, can reduce extraordinarily the interval between the verbal behavior and its effects, while at the same time the reach of the product of that behavior can be dramatically increased. Thus, these new technologies should be considered in the planning of contingencies for the teaching and the study of the verbal behavior. In addition, the blogs, by allowing the inclusion of new individuals in the process of news production, may increase the possibilities of countercontrol by the reader over the press and cause the relationship between reader and press to become less distant.

Keywords: verbal behavior; mutual control writer-reader; behavior analysis, media, Internet, blog.

Em 1957, Skinner apresenta em seu livro *Verbal Behavior* proposta singular para o estudo dos fenômenos tradicionalmente descritos sob o título de linguagem. Inicia sua obra, traduzida em português como *O Comportamento Verbal* (1978), caracterizando comportamento operante: “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas conseqüências de sua ação” (Skinner, 1957/1978, p.15). Quer dizer: os homens interagem com seu ambiente e, ao fazê-lo, produzem certas conseqüências, que retornam a seus agentes e modificam-nos no sentido de aumentar ou diminuir a probabilidade de que eles voltem a se comportar de modo semelhante. Skinner ressalta, porém, que nem sempre as conseqüências finais que mantêm o indivíduo se comportando de determinada maneira são obtidas pela relação direta desse indivíduo com seu ambiente físico. Muito freqüentemente essas conseqüências são obtidas pela mediação de *outro* indivíduo, razão porque, entre outras, esse comportamento merece estudo à parte.

Ao iniciar seu livro caracterizando comportamento operante, o autor explicita a tônica de sua proposta: linguagem, ou comportamento verbal, como prefere denominar tal fenômeno, é comportamento operante, logo, será tratada como comportamento selecionado e mantido por suas conseqüências. Assim, de saída Skinner rejeita explicações vigentes sobre os fenômenos da linguagem, freqüentemente restritas à descrição do que é falado ou escrito, à noção de significado (idéia, conceito), significante (forma), sem levar em conta as condições em que esses fenômenos ocorreram e continuam a ocorrer.

Ao contrário das formulações tradicionais, Skinner propõe que o estudo do comportamento verbal seja baseado na análise da relação funcional entre o comportamento e as variáveis do ambiente em que o indivíduo está inserido. É nessa relação que se encontram explicações sobre porque falantes e ouvintes ou escritores e leitores se comportam como o fazem.

Depois de situar comportamento verbal no campo do comportamento operante, Skinner apresenta uma definição inicial de seu objeto de estudo, proposto na referida obra, qual seja, “comportamento reforçado pela mediação de outras pessoas” (p. 16). Avisa, porém, que essa definição está incompleta porque não esclarece a função do ouvinte no episódio verbal (p. 51).

O ouvinte, nota Skinner, que se impõe como ambiente ao falante, tem função essencial no episódio verbal, logo seu comportamento exige explicação. Essa noção fica implícita quando o autor complementa, ou refina, a própria definição de comportamento

verbal. Nesse ponto, ressalta que a participação de um ouvinte especialmente preparado por uma comunidade verbal para mediar o reforço ao falante é o ponto central de tal definição. Comportamento verbal, segundo Skinner (1957/1978), é, pois, comportamento “modelado e mantido por um meio verbal – por pessoas que respondem de certa maneira ao comportamento por causa das práticas do grupo do qual elas são membros” (p.270). Essa definição foi mantida em trabalhos posteriores do autor, como no de 1986.

Embora em sua definição de comportamento verbal, Skinner (1957 e 1986) rejeite explicações de intencionalidade do comportamento – ele diz que “em geral intenções podem ser reduzidas a contingências de reforço” (p. 61) – Michael (1993) sugere acrescentar que comportamento verbal é comportamento que *foi e tem sido* reforçado de certa forma. Com esse acréscimo, tornar-se-iam menos prováveis eventuais interpretações que atribuiriam o responder atual a conseqüências futuras. Ou seja, o falante diz “Dê-me um copo de água” não *para* afetar o ouvinte de determinada maneira, e sim porque no passado esse comportamento produziu água – considera-se, nesse exemplo, que *água*, e não outra conseqüência foi a variável crítica para a resposta verbal. No exemplo, a conseqüência *água* é determinante da resposta, afinal está-se falando de comportamento mantido por suas conseqüências. No entanto, a resposta verbal ocorre porque no passado, diante de estimulação particular, o falante emitiu resposta verbal semelhante a essa que produz água no momento.

O ouvinte, da mesma forma, trabalha para produzir a conseqüência *água* para o falante, ou seja, medeia o reforço ao falante, porque foi condicionado, foi especialmente preparado pela comunidade verbal (usando-se as próprias palavras de Skinner) para reagir de modo apropriado à estimulação produzida pela resposta verbal. Portanto, embora a descrição da função de falante e ouvinte se dê em Skinner (1957/1978) de forma separada, o autor frisa que a explicação do comportamento verbal exige interligação entre ambas as funções, como, aliás, fica explícito no refinamento da definição de comportamento verbal apresentado anteriormente. Se falante e ouvinte têm função complementares, não se pode conceber um sem o outro em quaisquer análises envolvendo o comportamento. Dito de outra forma, Skinner afirma:

Na explicação do comportamento do falante, pressupomos um ouvinte que reforçará seu comportamento de determinadas maneiras. Na explicação do comportamento do ouvinte, pressupomos um falante cujo comportamento

tem certa relação com as condições ambientais. As trocas entre eles devem explicar todas as condições assim pressupostas. A descrição de todo o episódio estará então completa. (Skinner, 1957/1978, p. 52)

Skinner (1989/2005), ao diferenciar explicações tradicionais sobre falante e ouvinte da explicação comportamental, lembra que, por milhares de anos, sustentou-se que o falante percebe, apreende uma parte do mundo e transforma sua percepção em cópia ou representação. Essa cópia transforma-se em palavras. O ouvinte, por sua vez, extrai o significado das palavras, cria outra cópia ou representação delas, de forma que recebe ou concebe o que o falante apreendeu da relação dele com o mundo. Na abordagem comportamental, observa o autor, explica-se a ação de falante e ouvinte de forma inversa: a atenção se volta para a ação do indivíduo sobre o ambiente e vice-versa e para as mudanças decorrentes dessa ação, conforme esclarece Skinner:

Os falantes não apreendem o mundo e o descrevem com palavras; eles respondem ao mundo, dependendo das maneiras como as respostas foram modeladas e mantidas por contingências especiais de reforçamento. Os ouvintes não extraem informação ou conhecimento das palavras, compondo cópias de segunda mão sobre o mundo; eles respondem aos estímulos verbais segundo as maneiras com que foram modelados e mantidos por outras contingências de reforçamento. Ambas as contingências são mantidas por um ambiente verbal desenvolvido ou cultural. (Skinner, 1989/2005, pp. 53-54)

Em resumo, Skinner afirma que “o falante diz ao ouvinte o que fazer ou o que aconteceu, porque os ouvintes reforçaram um comportamento similar em situações similares, e os ouvintes o fazem porque, em situações parecidas, certas conseqüências reforçadoras se seguiram ao seu comportamento” (Skinner, 1989/2005, p.58). Para o autor, linguagens são sinônimos de “práticas reforçadoras das comunidades verbais.” (Skinner, 1957/1978, p.547)

1.1 Funções do ouvinte no episódio verbal

O ouvinte, segundo Skinner (1957/1978), pode assumir duas funções principais nas relações verbais. Em primeiro lugar, tem função de estímulo antecedente: sua presença física aumenta a probabilidade da emissão do comportamento verbal, porque esteve associada, no passado, com maior probabilidade de reforço das respostas verbais. Sem a presença de um ouvinte, não adianta o falante pedir um copo de água. Porque a presença de *outro* indivíduo aumenta a probabilidade de o pedido ser atendido, sua presença é condição diante da qual aumenta a probabilidade de a resposta verbal ocorrer. Nesse caso, o ouvinte tem função evocativa do comportamento e foi chamado por Skinner (1957/1978) de audiência, que é referida como uma ou mais pessoas na presença da qual ou das quais aumenta a probabilidade da emissão do comportamento. Ou seja, porque na história do falante a presença de um ouvinte foi associada a maior probabilidade de reforço do comportamento, e sua ausência foi associada a menor probabilidade de reforço, o falante comumente só fala diante de um ou mais ouvintes. Sua função de ouvinte diferencia o ambiente, por assim dizer, assim ele tem função de estímulo discriminativo, em oposição a outras condições ambientais associadas com baixa ou nenhuma probabilidade de reforço.

Uma vez emitida a resposta verbal, o ouvinte assume uma segunda função: atua como mediador do reforço ao falante. No entanto, a diferença entre o ouvinte em sua função evocativa do comportamento, função de estímulo discriminativo, e do ouvinte em sua função de mediador do reforço do comportamento parece sutil, como sugere o seguinte trecho de Skinner (1957/1978):

A audiência¹ será então um estímulo discriminativo na presença do qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e em cuja presença ele é caracteristicamente forte. Os estímulos discriminativos tornam-se, por sua vez, reforçadores, e isso é confirmado pelo efeito reforçador do aparecimento de uma audiência. (pp.209-210)

¹ O termo foi traduzido em Skinner (1978) como auditório. Optou-se por audiência porque o termo original (Skinner, 1957/1992) é *audience*. Considerou-se, portanto, que audiência seria a tradução mais adequada. Neste trabalho, além da versão em português de Skinner (1957), consultou-se a versão de 1992, da Fundação B.F. Skinner.

O ouvinte, em sua função de audiência, pode determinar a subdivisão lingüística do falante, seja idioma, dialeto, gíria, jargão, regionalismo. O falante competente em português e mandarim, diante de um ouvinte que só fala mandarim, emitirá respostas verbais em forma de mandarim. A audiência seleciona no falante essa subdivisão lingüística. Um grupo de jovens diante de outros jovens torna mais prováveis certas gírias, do que um grupo de professores diante dos mesmos jovens.

A audiência, segundo Skinner, seleciona também o tema sobre o qual se fala. Uma audiência de empresários representa ocasião que aumenta a probabilidade de que falar sobre negócios seja reforçado. Uma audiência de músicos torna o tema música mais provável. Skinner (1957/1978) resume assim o controle exercido pela audiência:

Dado um único falante com uma história específica e uma situação geral específica, a audiência determinará não apenas se ocorrerá o comportamento verbal, ou a subdivisão lingüística em que ele há de ocorrer, mas também que tipos de respostas são dados e “aquilo sobre o que se fala”. (p.212)

1.2 Como diferenças de repertório podem afetar a relação falante-ouvinte

Em uma revisão bibliográfica sobre estudos que teriam tratado do controle da audiência, Spradlin (1985) descreveu trabalhos que se originaram das formulações de Skinner (1957) e de pesquisadores de outras áreas, como, por exemplo, do campo da linguagem. Notou que as hipóteses de Skinner (1957) sobre o controle da audiência foram fortalecidas pelos resultados desses estudos independentemente da orientação teórica dos pesquisadores. O autor comenta que, ao contrário do que se poderia esperar, a taxa do comportamento verbal foi maior entre pares formados por falante e audiência com repertórios semelhantes, até mesmo quando o repertório de ambos os integrantes da dupla era muito limitado. Para o autor, é provável que o falante seja extremamente sensível a contingências estabelecidas pela audiência e provavelmente o efeito inicial dessas contingências seja mais discriminativo do que reforçador.

A hipótese de que a frequência do comportamento verbal pode variar conforme semelhanças ou diferenças entre repertório de falante e ouvinte fica implícita em Skinner (1957/1978) quando o autor discute o efeito de estímulos suplementares sobre o comportamento do ouvinte ou do leitor. Entre os processos de estimulação suplementar

descritos por Skinner será destacado aqui, em razão de interesse específico para o presente trabalho, o que o autor denominou *dica temática*, caracterizada como “fonte suplementar de força sobre a forma de tato ou de resposta intraverbal” ou “estímulos verbais, comumente evocando termos do tópico a ser discutido como respostas intraverbais” (Skinner, 1957/1978, p.309). É comumente adotado na educação, diz Skinner, quando o professor aponta a direção para determinada discussão ou encoraja o aluno a falar sobre certos assuntos, e de determinada forma. Pode-se inferir, pois, que seria um procedimento desnecessário se falante e ouvinte tivessem exatamente o mesmo repertório. Nesse caso, restaria pouco o que ser trocado na relação, como sugere Skinner. Se um palestrante, por exemplo, fizer afirmações excessivamente óbvias para sua platéia, seu comportamento não terá efeito útil para seus ouvintes, logo terá pouca chance de “agradá-los”.

Em outras palavras, Skinner afirma que falante e ouvinte estão sob controle basicamente das mesmas variáveis. O falante, porém, provoca comportamento adicional no ouvinte a fim de explicitar-lhe algo. Ou seja, em vez de relatar ao ouvinte algo que só ele [ouvinte] vê, leva o ouvinte a ver algo sob sua ótica, isto é, o falante compartilha sua visão sobre determinado fenômeno. E, assim, amplia, de alguma forma, o olhar do ouvinte para certos fatos que já são comuns a ambos.

No outro extremo, se o palestrante discutir assunto sem nenhum paralelo com o repertório dos ouvintes, esses ouvintes não estarão preparados para reagir de forma adequada. Estimulação suplementar, como o termo indica, pressupõe alguma semelhança no repertório dos sujeitos. O ouvinte, em uma situação em que não encontra, no próprio repertório, correspondência com o repertório do falante, poderá dizer que não “compreendeu”, o que quer dizer, segundo Skinner: “*não posso me ver dizendo algo semelhante*”. Encontram-se paralelos desse processo no comportamento não-verbal, como lembra Skinner. Seria inútil tentar ensinar um indivíduo a fazer alguma tarefa que ele já domine. Como se diz popularmente, não se ensina pai nosso a vigário. Da mesma forma, seria inútil oferecer dica temática sobre um tema completamente desconhecido pelo falante ou pelo qual não tenha nenhum interesse. Situação análoga pode ocorrer na relação escritor-leitor, conforme sugere a seguinte passagem de Skinner (1957/1978):

Também somos especialmente reforçados por falantes e escritores que dizem aquilo que estamos *quase* prontos a dizer – que tiram as palavras

que estão “na ponta de nossa língua”. É muito significativo o fato de chamarmos tais falantes e escritores de “estimulantes”. (p. 325)

É nesse sentido que se diz que o ouvinte compreende o falante, ou seja, à medida que tende a agir de forma apropriada: quando é capaz de dizer a mesma coisa. Skinner esclarece esse processo nos seguintes termos:

Compreendemos qualquer coisa que nós mesmos teríamos dito em relação ao mesmo estado de coisas. Não compreendemos o que não dizemos e compreendemos *mal* quando dizemos *outra* coisa com as mesmas palavras – isto é, quando nos comportamos de certa maneira por causa da operação de variáveis diferentes. (Skinner, 1957/1978, p. 332)

1.3 Falante como seu próprio ouvinte

Ao se discutir as formulações de Skinner (1957/1978) sobre falante e ouvinte há que se levar em conta que falante e ouvinte podem ser o mesmo indivíduo que se comporta. Porque em sua história de condicionamento falantes foram preparados a ouvir a si mesmos e a reagir ao próprio comportamento verbal, é difícil separar as fontes de reforços externas ao organismo das estimulações produzidas pelo próprio indivíduo que se comporta verbalmente. Na aquisição do comportamento verbal, exemplifica Skinner, a criança que reproduz barulho de aviões, carros, cães, gatos pode ser automaticamente reforçada por emitir tais sons. O mesmo pode ocorrer com a reprodução dos sons produzidos pelos pais e por outras pessoas com as quais a criança interage em seu dia-a-dia: ela poderá ser reforçada automaticamente por reproduzir, com precisão, tais sons. Falante e escritor também estão sujeitos a ser reforçados pela estimulação produzida pelo próprio comportamento verbal. Nesta passagem Skinner (1957/1978) exemplifica esse processo:

O ouvinte comumente acha certos falantes particularmente reforçadores, seja porque o que é dito é reforçador, seja porque os falantes são reforçadores de outra maneira. Pais, empregadores favoritos, pessoas de prestígio e amigos íntimos são exemplo disso. Uma vez que, por uma razão ou outra, costuma ser reforçador ouvir tais pessoas falarem, é

automaticamente reforçador falar *como elas falam* - com entonação particular, maneirismo ou vocabulário favorito. (p.201/164)²

O tema reforço automático, em oposição a reforço liberado por outra pessoa, é retomado por Skinner (1957/1978) quando o autor discute a questão do pensamento no comportamento verbal. Ele observa que, quando alguém fala consigo, em voz alta ou em silêncio, é ouvinte excelente, uma vez que fala a mesma língua, tem as mesmas histórias verbal e não-verbal, está submetido às mesmas situações de privações e estimulações aversivas, está pronto para reagir à própria fala no momento exato. Em resumo, o ouvinte está bem preparado para “compreender” o que é dito. Para Skinner, porém, “todas as propriedades importantes do comportamento devem ser encontradas nos sistemas verbais compostos por falantes e ouvintes separados”. (Skinner, 1957/1978, pp 521-529)

De forma semelhante a Skinner, Fraley (2004) afirma que um aspecto intrinsecamente reforçador do estímulo vocal retorna ao falante na forma de onda sonora. Esse aspecto não pode se separar de suas qualidades reforçadoras quando se impõe ao ouvido de onde se originou. O autor supõe que respostas que falham em reforçar sua própria produção tornam-se sujeitas a um tipo de extinção intrínseca. Nesse caso, são mantidas apenas pelo reforço liberado por fontes extrínsecas, o que implica a existência de um ou mais ouvinte, diferente do ouvinte que é o próprio sujeito que se comporta. Como Skinner sugeriu na citação anterior, Fraley (2004) afirma que o reforço mais efetivo sobre o comportamento verbal será produzido por outro indivíduo.

O fato de uma mesma pessoa poder alternar-se como falante e como ouvinte de si traz algumas implicações para o estudo do comportamento verbal. Uma delas refere-se à dificuldade de separar o controle exercido por um ouvinte distante do controle exercido pelo próprio indivíduo que se comporta verbalmente. Se o indivíduo reage à própria fala, ou escrita, poderá se comportar, pelo menos por certo período, independente de conseqüências produzidas por fontes externas. “O escritor”, afirma Skinner, “estabelece consigo mesmo uma comunidade adequada para a produção contínua de comportamento literário e pode continuar a escrever por muito tempo, sem qualquer outra contribuição por parte da comunidade exterior” (p. 523). No entanto,

² O primeiro número de página se refere a Skinner, 1978, portanto, a versão traduzida para português; o segundo número diz respeito à página do título original (Skinner, 1957/1992). Nota-se que a citação não corresponde integralmente ao trecho em português em Skinner 1978 porque se considerou que alguns termos no trecho citado foram traduzidos inadequadamente.

embora sejam difíceis de ser identificadas, as duas formas de controle – a exercida pelo próprio falante ou escritor e o controle de um ouvinte/leitor distante – são importantes para o estudo do comportamento verbal. Dificilmente o comportamento verbal do escritor se manteria com força suficiente sem o reforço do leitor. O escritor, porém, como seu próprio ouvinte pode mediar o atraso do reforço até obter o reforço final, como lembra Skinner.

O estudo de Lodhi e Greer (1989) exemplifica o processo envolvendo um indivíduo atuando em sua dupla função: falante e ouvinte de si mesmo. Participaram desse estudo quatro meninas, de cinco anos. Os autores manipularam duas condições experimentais: numa (antropomórfica), as crianças eram expostas a brinquedos cujos formatos assemelhavam-se a formas humanas – bonecas, bichinhos de pelúcia, estatuetas. Na outra condição (não antropomórfica), os participantes eram expostos a brinquedos com formatos diferentes de formas humanas – quebra-cabeças, livros de colorir, livros de história.

As respostas-alvo foram definidas como unidades de comportamento verbal, incluindo os operantes mando, tato, intraverbal, autoclítico, bem como unidades de conversação, que consistiam de certas extensões de trocas verbais entre falante e ouvinte, sendo que ambas as funções eram exercidas por um único sujeito. O seguinte trecho constitui um exemplo daquilo que os autores classificaram como uma ocorrência de unidade de conversação:³

Como falante: “Quando você vai terminar de olhar aí?”

Como ouvinte/falante: ”Estou quase terminando, terminei, que acontece?”

Falante original fala como ouvinte: “Oh, hei, como vai você?” (Lodhi e Greer, 1989, p.355)

Essa seqüência completava uma contingência de três termos para o comportamento da criança, tanto na função de falante quanto na de ouvinte, sendo que falante e ouvinte eram a mesma pessoa. Se houvesse pausa maior que 3 seg. nas verbalizações, mudança de referência, mudança radical na intensidade ou tom de voz da criança, que pudesse sugerir uma mudança de função entre falante e ouvinte, a resposta era contada como novo operante (p.354). Os pesquisadores relataram que entre todos os

³ As speaker: “When are you going to be done looking in there?”
As listener/speaker: “I’m almost done, I am done, what’s up?”
Original speaker as listener: “Oh, hey, how are you doing?”

participantes, houve mais repostas verbais na condição em que os brinquedos eram antropomórficos do que na condição não-antropomórfica. Não houve emissão de unidades de conversação na condição não-antropomórfica.

1.4 Alguns aspectos sobre o controle mútuo falante-ouvinte

Azrin, Holz, Ulrich e Goldiamond (1961/1973) replicaram um estudo realizado por Verplanck (1955), em que avaliaram a possibilidade de estudantes controlarem conversas casuais de outras pessoas por meio do reforçamento diferencial de certo tipo de opinião/afirmação e da extinção de todos os outros tipos de afirmação.

O estudo envolveu três experimentos, que foram aplicados em sala de aula. No primeiro experimento, 16 estudantes de pós-graduação foram especialmente preparados para aplicar o procedimento. Essa preparação incluiu o que os autores chamaram de instrução intensiva sobre condicionamento operante, seguida de uma verificação sobre os conhecimentos adquiridos pelos estudantes sobre o assunto ensinado. Os estudantes foram instruídos a ler o estudo de Verplanck (1955) e os conhecimentos deles sobre o referido estudo foram testados.

Metade dos estudantes conduziu um procedimento que consistia de 10 minutos de extinção, seguidos de 10 minutos de reforçamento, mais dez minutos de extinção. A outra metade aplicou um procedimento reverso: reforçamento, extinção, reforçamento. Extinção foi caracterizada como o ouvinte (no caso, o estudante que estava no papel de experimentador) ficar em silêncio, ao passo que reforço foi definido como a concordância do ouvinte com as opiniões do participante.

De acordo com Azrin e cols., entre os estudantes que aplicaram o procedimento, 14 relataram maior freqüência de opiniões durante o procedimento definido como reforçamento do que durante o procedimento de extinção (um “estudante-experimentador” não concluiu o experimento). Por outro lado, a freqüência de outras afirmações, que não opiniões, não mudou muito (Azrin e cols. 1961/1973, pp.187-188).

Os autores observam que nenhum dos estudantes que concluiu o experimento relatou dificuldades para aplicar o procedimento. No entanto, o estudante que desistiu da aplicação contou que achou difícil manter a conversação sem participar ativamente dela e também relatou ter achado difícil reconhecer opinião versus afirmação.

Apesar de os demais estudantes, em um primeiro momento, não relatarem semelhante dificuldade, em discussões posteriores um estudante contou que tinha

gravado a aplicação do procedimento. Um segundo estudante analisou a gravação e admitiu ser difícil distinguir o período de reforçamento do de extinção. Os autores ficaram em dúvida se os estudantes tinham de fato se comportado perante seus ouvintes (os participantes) conforme determinava o procedimento: ou seja, ficar em silêncio na extinção, quando era o caso, e reforçar apenas as respostas-alvo.

No segundo experimento, o mesmo procedimento foi aplicado por estudantes universitários de outra sala de aula, sem que tivessem lido o estudo original ou fossem informados sobre a existência dele. Como no experimento anterior, os estudantes receberam instrução e tiveram seus conhecimentos sobre princípios de reforçamento testados. Os pesquisadores adotaram o mesmo procedimento do primeiro experimento, exceto pela extinção, que foi caracterizada como discordância, em vez de silêncio. De 12 estudantes que concluíram o estudo, 11 relataram que discordância produzia mais baixa frequência de opinião do que concordância (Azrin e cols., 1961/1973, p.189). Novamente os estudantes não relataram dificuldade na aplicação do procedimento. Os autores estranharam o fato, porque apesar da aparente dificuldade em identificar afirmações e opiniões (relatada pelos estudantes do primeiro experimento) e de outras dificuldades referentes à aplicação do procedimento, todos os estudantes relataram que concordância com a opinião do falante produziu maior frequência do comportamento verbal dos sujeitos. Uma análise dos resultados desse estudo revelou aparente relação entre a compreensão dos princípios de reforçamento pelos estudantes e os resultados relatados por eles. (Estudantes com menor conhecimento sobre tais princípios geralmente relatavam menor efeito do reforçamento sobre as opiniões). Os autores supuseram que os estudantes ou não seguiram o procedimento apropriado ou não tinham expectativas seguras quanto aos resultados.

O terceiro experimento foi conduzido para testar a última hipótese. O procedimento foi aplicado por uma classe de estudantes universitários sem que eles tivessem lido o experimento original. Metade dos estudantes aplicou um procedimento que consistiu de dez minutos de reforçamento, seguidos de dez minutos de extinção e dez minutos de reforçamento. A outra metade aplicou um procedimento de extinção-reforçamento-extinção. Reforçamento novamente foi definido como concordar com a opinião do outro e extinção, como manter-se em silêncio.

O experimento foi realizado durante e depois de os estudantes receberem instrução sobre princípios de reforçamento. O resultado foi semelhante ao dos experimentos anteriores: 44 de 47 estudantes relataram maior frequência de opinião

durante as sessões de reforçamento (concordância com o falante) do que durante sessões de extinção (Azrin e cols., 1961/1973, p.190).

Baseando-se nas discussões dos autores pode-se inferir que os resultados desses três experimentos possivelmente tenham mais relação com o comportamento dos estudantes que aplicaram os procedimentos do que com o dos sujeitos. Tanto que os autores interpretaram seus resultados como indicativos da necessidade de se desenvolver mecanismos mais objetivos para o estudo do comportamento verbal. “Sem tal objetividade”, afirmam, “os resultados de estudos sobre condicionamento verbal podem refletir mais as expectativas e teorias do experimentador do que o comportamento dos sujeitos”. (p.192)

Outro desafio importante para o estudo do comportamento verbal é o fato de ele poder se mantido sem que sejam produzidas conseqüências práticas. Por isso, como afirma Skinner (1957/1978): “pode libertar-se mais facilmente do controle de estímulos, porque por sua própria natureza não requer apoio ambiental: isto é, nenhum estímulo precisa estar presente para dirigi-lo ou formar importantes elos na cadeia de respostas” (p.68/47).

Some-se a isso, o fato de o comportamento verbal ser multideterminado. A noção da causalidade múltipla no comportamento permeia todo sistema explicativo da análise skinneriana. No que diz respeito ao comportamento verbal, embora Skinner trate dessa característica do comportamento desde o capítulo inicial de *Verbal Behavior*, dedicou um capítulo à parte para essa discussão, a qual Skinner resume assim:

Do nosso estudo sobre as relações funcionais do comportamento verbal emergem dois fatos: 1) a força [probabilidade] de uma única resposta pode ser, e usualmente é, função de mais de uma variável e 2) uma única variável costuma afetar mais de uma resposta. (Skinner, 1957/1978, p.273)

Antes, já havia afirmado que o “comportamento verbal é efeito de múltiplas causas”, de forma que “variáveis separadas combinam-se para ampliar seu controle funcional e novas formas de comportamento surgem da recombinação de velhos fragmentos. Tudo isso exerce influência sobre o ouvinte (p. 26)”. Com a discussão sobre a multideterminação do comportamento, Skinner além de mostrar o problema que representa recorrer ao significado das palavras para explicar certos fenômenos

lingüísticos, alerta o leitor para outros problemas práticos que podem resultar das relações verbais, sem falar do desafio de se estudar fenômeno verbais. Essa característica do comportamento verbal confronta-se radicalmente com a noção de neutralidade em quaisquer âmbitos das relações humanas. Segundo Skinner (1957/1978):

O princípio da causação múltipla tem seu lugar nas formas mais rigorosas do comportamento verbal, que são encontradas na lógica e na ciência. A comunidade lógica e científica dedica-se à eliminação de ambigüidades e equívocos, mas não eliminou totalmente as extensões metafóricas, ou mesmo solecistas, nem tampouco proporcionou defesa contra a causação múltipla... Alguns dos dispositivos do pensamento verbal envolvem necessariamente o reforço suplementar de respostas por meio de variáveis colaterais. Em qualquer caso, o cientista ou o lógico está sujeito à limitação imposta a ele por seu papel de organismo dotado de comportamento, e mesmo aqui devemos levar em conta a possibilidade de fontes múltiplas. (p.302)

O problema da múltipla determinação do comportamento é amenizado (mas não eliminado, como lembra Skinner) por regras explícitas criadas por certas comunidades verbais, como é o caso da comunidade científica. Antes de entrar nessa discussão, porém, é ilustrativo, a título de comparação, voltar-se para a análise de Skinner (1957/1978) sobre as contingências de reforço dispostas pela comunidade literária. O autor observa que o efeito que um texto literário exerce sobre o leitor não depende, comumente, da correspondência entre a escrita e certos eventos ambientais. O leitor não espera que existam indivíduos como Funes, o Memorioso, tal qual descrito por Jorge Luís Borges, ou um otimista extremo como Pangloss, como relatado por Voltaire. Ou pelo menos o efeito da escrita desses autores não depende da existência real desses personagens. Até porque se existir uma correlação entre a descrição e seu objeto, no caso, os personagens, o gênero deixa de ser literário.

Muitos comportamentos verbais, porém, dizem respeito à vida prática do ouvinte ou leitor. Disso decorre a importância de a comunidade criar mecanismos para aprimorar o controle de estímulo por parte de seus falantes, como afirma Skinner: “A comunidade científica encoraja o controle preciso do estímulo sob o qual um objeto ou propriedade de um objeto é identificado ou caracterizado, de tal forma que a ação

prática [do ouvinte ou do leitor, por exemplo] será eficaz” (p. 499). O autor nota que esse encorajamento à precisão do relato se dá tanto quando o cientista acessa diretamente certos fenômenos, quanto quando seu acesso é indireto, por meio de estímulos verbais. “Assegurar a precisão do comportamento ecóico e textual é um exemplo óbvio, é importante saber o que foi realmente dito sob a forma vocal ou escrita” (p.501).

Comunidades como as de jornalistas também estabelecem regras ou instâncias extras de controle com o objetivo de aprimorar a relação entre a descrição e o objeto ou evento descrito. Constituem exemplos dessas práticas a criação de regras como as dispostas na Lei de Imprensa, no Código de Ética do Jornalista, nos manuais de redação e estilo e até a criação do cargo de ombudsman nos jornais. Cita-se como exemplo a comunidade jornalística porque a imprensa pode afetar seus ouvintes de forma tão incisiva quanto a comunidade científica em relação a seus leitores. Convém lembrar, contudo, que o conceito de precisão de relato pode variar de uma comunidade para outra, como lembra Guerin (1992).

1.5 A mídia como objeto de pesquisa e fonte de dados em análise do comportamento

Desde os anos 90, pelo menos, analistas do comportamento têm realizado estudos em que utilizam como fonte relatos da mídia. Exemplo disso são trabalhos como os de Rakos, 1993; Andery e Sérgio, 1996; Martone, 2003; Namó, 2001; e Alves, 2006. Rakos (1993) discute o conceito tradicional de propaganda em termos de estímulos antecedentes. Analisou a influência do controle pelo estímulo antecedente sobre comportamentos-alvo dos cidadãos americanos com referência à invasão do Iraque, pelos Estados Unidos, em 1991. Andery e Sérgio (1996) e Namó (2001) analisaram a descrição de episódios de violência no relato da imprensa; Martone (2003) examinou o relato da imprensa sobre os ataques terroristas ocorridos no dia 11 de setembro, nos EUA, enfocando a mídia como agência de controle comportamental. Por fim, Alves (2006) investigou notícias publicadas por dois jornais brasileiros, sobre dois eventos específicos – os ataques de 11 setembro, ocorridos nos EUA, e os de 11 de março, ocorridos na Espanha – com o objetivo de identificar eventuais diferenças e semelhanças no relato de ambas as publicações sobre ambos os eventos.

Antes de descrever brevemente as referidas pesquisas, que utilizaram a mídia como fonte e como objeto, é importante destacar o poder dos grandes conglomerados de comunicação, para se ter uma idéia do papel da mídia como agente de controle comportamental. O tema foi tratado por Laitinen e Rakos (1997), para os quais o controle comportamental, por meio de manipulações da mídia, é a essência da propaganda.

Os autores dizem estranhar o fato de os analistas do comportamento terem demonstrado tão pouco interesse em analisar o controle comportamental exercido pela propaganda. Comentam que os sistemas de tecnologia de informação modernos são capazes de transmitir informação rapidamente, independente de fronteiras políticas ou restrições ideológicas. Observam que nas atuais democracias, a ausência de governantes opressivos é comumente interpretada como marca de uma “sociedade livre”. Os autores alertam, porém, que a falta de controle aversivo explícito não significa que as informações divulgadas pela imprensa sejam livres de controles funcionais. Consideram até que os sistemas atuais de influência, que agem por meio de contingências econômicas diretas ou contingências políticas indiretas, afetam mais a diversidade comportamental do que formas de controle adotadas por ditadores no passado. (Laitinen e Rakos, 1997, p. 237)

Um exemplo do poder da mídia como agência de controle comportamental é apresentado por Rakos (1993). Nesse estudo, o autor analisou declarações públicas do governo americano referentes ao Iraque, publicadas no *New York Times*, e sugeriu que a propaganda governamental americana ajudou a administração do presidente George Bush a conseguir apoio popular para a invasão do Iraque, pelos Estados Unidos, em 1991. Segundo Rakos, de uma posição inicial contrária à intervenção militar no território iraquiano, os americanos não só passaram a apoiar o conflito armado, como tal apoio passou a ser reforçado socialmente.

O autor pesquisou as edições do jornal *New York Times* do dia 1º de agosto de 1990 ao dia 17 de janeiro de 1991. Com base na análise das notícias relacionadas ao Iraque, identificou quatro tipos de estímulos antecedentes na propaganda governamental dos Estados Unidos: 1) operação estabelecadora; 2) operação de estabelecimento de símbolos, por meio de um processo de equivalência de estímulos; 3) estabelecimento de regras; e 4) estabelecimento de estímulos discriminativos (p.36).

Rakos observa que, como a população inicialmente não endossava a guerra, a possibilidade de luta armada foi apresentada ao público aos poucos, “dentro de uma

hierarquia gradual de estímulos” (p. 38). Quer dizer: primeiramente, a imprensa destacou os “esforços” da administração americana na tentativa de evitar a luta armada. Esses esforços eram caracterizados por sanções econômicas, embargos, alianças diplomáticas, entre outros. Enquanto isso, Hussein era sistematicamente emparelhado a estímulos aversivos, como por exemplo, a Hitler, um exemplo do estabelecimento de símbolos por meio de uma operação de equivalência de estímulos. Em outras palavras, o líder iraquiano e seu país foram estabelecidos como “perigosos para a humanidade”. Outra estratégia adotada pela propaganda governamental americana, com o apoio da mídia, segundo Rakos, foi a da restrição de informações.

A manipulação dessas operações teria evocado gradativamente nos leitores respostas como as seguintes:

- 1) O Iraque e Hussein representam um perigo para o nosso modo de vida;
- 2) Algo tem de ser feito – Rakos se referiu a essa resposta como “solidariedade patriótica”;
- 3) Resposta verbal em favor de aumento das ações militares – a que Rakos se referiu como “estoicismo patriótico”;
- 4) Afirmações de apoio à guerra – que passaram a ser reforçadas socialmente. (Rakos, 1993, p.38)

Embora tenha alertado que seu modelo comportamental para o referido estudo seja heurístico, Rakos defende que esse modelo pode sugerir alternativas para intervenção, por exemplo: alterando-se operações estabelecidas; aumentando-se a precisão das regras que descrevem contingências; e interrompendo-se a cadeia pela qual os estímulos aversivos são apresentados gradualmente. Rakos considera, porém, que qualquer iniciativa de intervenção exige o apoio da mídia. Ou seja, o sucesso da propaganda governamental no referido caso só foi possível porque contou com a cumplicidade da grande imprensa.

Namo (2001) estudou episódios de violência, no relato da *Folha de São Paulo*, publicados na primeira página do jornal, durante o ano de 1999. Comparou o relato do jornal com dados oficiais da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, com o objetivo de analisar o processo de edição de notícias adotado pelo jornal. O autor relata que, de modo geral, não encontrou correlação estrita entre os dados oficiais e os relatados pelo jornal. Segundo Namo (2001), homicídio foi o episódio de violência mais relatado pelo jornal, e esse não foi o “crime” mais comum, durante o período pesquisado, segundo os dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado. Para o

autor, essa diferença pode “significar que o jornal edita fatos que não são representações fiéis da violência” (p.101). Namo alerta que esse tipo de viés adotado pelo jornal tem de ser considerado quando se estuda a importância da mídia na construção social do conhecimento.

Martone (2003) também analisou notícias enfocando a imprensa como agência controladora. O pesquisador examinou notícias relacionadas com os ataques de 11 de setembro, publicadas na versão eletrônica da CNN (*Cable News Network*) na Internet, durante três dias consecutivos após o referido evento. As notícias foram categorizadas e agrupadas conforme um modelo já adotado pela CNN e outro criado pelo pesquisador. São exemplos de categorias criadas pelo pesquisador: *reação institucional*, em que foram incluídas reações da agência governo; *reação popular* (notícias sobre manifestações de civis americanos sobre os mortos ou sobre grupos muçulmanos); *reação internacional*; *reação de políticos americanos*; *reação de políticos estrangeiros*, *reação do mercado financeiro*, entre outras categorias (p.45-46).

Martone (2003) descobriu que a agência governo foi a mais citada pelas notícias identificadas, seguida da agência econômica. Chamou a atenção do autor o fato de algumas notícias tratarem de retaliação, antes mesmo de falar sobre a investigação do ocorrido:

O conteúdo das notícias divulgadas pela agência de controle pode sugerir que ela já poderia influenciar a opinião pública, logo nas primeiras horas de divulgação de notícias após os “ataques”. A veiculação de uma notícia no dia 11, classificada como “retaliação”, antes da divulgação de notícias que relatassem as investigações sobre os episódios, as quais começaram a surgir, segundo os relatos, somente no dia 12, pode sugerir um viés importante na divulgação da notícia. (p.59)

Alves (2006) analisou o papel da mídia na construção social do conhecimento. A autora propôs um modelo para pesquisar o relato de dois jornais brasileiros – *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* – sobre dois eventos específicos, no caso, o atentado terrorista de 11 de setembro, ocorrido nos EUA (2001), e o de 11 de março, ocorrido na Espanha (2004). Para a pesquisadora, o conhecimento dos leitores acerca de ambos os eventos é um exemplo da definição de conhecimento socialmente construído, proposta por Guerin (1992). Para Alves, esse conhecimento pode ser definido como

“comportamento verbal promovido por outras amostras de comportamento verbal”, no caso, as notícias. (p.21)

A autora analisou imagens e notícias referentes a ambos os eventos, em três edições consecutivas dos jornais, durante três dias após os ataques, a exemplo de Martone (2003). A pesquisadora categorizou as notícias identificadas conforme elas apareciam no noticiário e com base na classificação da CNN.

Um dos achados de Alves (2006) refere-se ao que se pode chamar de uniformidade de relato entre ambos os jornais. De acordo com a autora, houve, porém, diferenças marcantes na cobertura de ambos os jornais no que se refere ao número de páginas dedicado a cada um dos eventos. Alves relata que os dois jornais destacaram mais o episódio de 11 de setembro do que o de 11 de março. Criaram até um caderno especial para o evento ocorrido nos EUA, enquanto o 11 de março ocupou os cadernos já existentes. Sobre a semelhança na cobertura de ambos os jornais, Alves comenta:

Os jornais diferiram pouco no destaque que deram aos eventos em relação ao número de matérias publicadas sobre cada um deles, a cada dia, e segundo este critério também foi muito maior o destaque dado ao evento nos EUA do que ao evento na Espanha, sendo que a diferença de destaque foi maior ainda no caso da FSP. (p.36)

Segundo a autora, tanto a *Folha de São Paulo* quanto *O Estado de São Paulo* trataram o 11 de setembro como um ato de guerra, sendo a agência governamental o foco das repercussões. O 11 de março teria sido noticiado como uma tragédia e, como tal, a repercussão dos jornais centrou-se principalmente nas vítimas e nas manifestações da sociedade civil pela paz.

Outro dado comentado pela autora refere-se às fontes utilizadas pelos jornais. De acordo com Alves (2006), ao relatar os eventos, os dois jornais adotaram principalmente fontes de informações externas (agências estrangeiras de notícias, por exemplo), ou seja, não houve o deslocamento de um repórter ou de uma equipe de reportagem para a cobertura dos eventos no próprio local dos acontecimentos. Da mesma forma, houve predomínio de fontes externas na autoria das imagens usadas para ilustrar as notícias. A pesquisadora relata ter estranhado o fato de os jornais relatarem ambos os eventos como se os tivessem acessado diretamente:

Esse dado é importante porque mostra claramente que o contato que os jornalistas tiveram com os eventos relatados foi indireto, ainda que em muitas manchetes o relato tenha sido apresentado na forma de um tato.... Dificilmente os comportamentos óbvios dos jornalistas – de redigir, escolher matérias, imagens, compor páginas etc – no momento em que preparam suas matérias estavam sob controle do evento diretamente contado, mas muito possivelmente, de outros relatos verbais que antecederam o seu escrever e de outras interações que de algum modo se relacionam com seu comportamento. (Alves, 2006, p.74)

Como sugerem Skinner (1957/1978) e Guerin (1992), este é um dos problemas do comportamento verbal: muito mais do que o evento em si está em jogo no momento em que o falante descreve um objeto ou dado estado da natureza. Não se pode esperar uma correlação estrita entre o fato e o relato desse fato, a não ser que a comunidade estabeleça contingências que reforcem a precisão do controle de estímulo, como normalmente ocorre entre a comunidade científica. Além disso, Guerin (1992) lembra que usualmente um tato é reforçado quando corresponde a um relato “correto” do ambiente. No entanto, o conceito de “relato correto”, nota o autor, é controlado pelo grupo social e, assim, pode variar de um grupo para outro ou de um subgrupo para um grupo maior dentro de uma mesma comunidade (p.1427). Do ponto de vista da comunidade científica, por exemplo, o “relato correto” de uma citação direta implica uma correspondência ponto-a-ponto entre estímulos (Andery, 2005, p.6). Entre jornalistas, porém, nem sempre reproduzir uma citação direta tal qual será reforçado (Martins, 1997, p.87).

Na imprensa, de fato, é difícil assegurar se determinado relato a que o leitor tem acesso poderia ser classificado como um tato do jornalista. Muito freqüentemente o relato de um repórter é feito sob controle do relato de outros falantes, como, por exemplo, representantes de agências governamentais. O contato de agentes do governo com certos eventos também ocorre, muito freqüentemente, de forma indireta. O bombeiro que apaga um incêndio não será, necessariamente, o mesmo bombeiro que concede uma entrevista à imprensa. Assim, o relato da imprensa muitas vezes resume-se a uma longa cadeia de comportamentos intraverbais, como sugeriu Alves (2006).

1.6 Controle mútuo imprensa-leitor

De forma geral, os estudos relatados no subtítulo anterior examinaram o relato da mídia, focando-a como agência de controle comportamental. Não se discutiu, até porque esse não era o objetivo dos pesquisadores, aspectos do controle exercido pelos leitores sobre os jornalistas e sobre as empresas jornalísticas. No entanto, esse controle é tão explícito que expressões como “ditadura da audiência” ou outra equivalente, por extensão, “ditadura do Ibope” são encontradas frequentemente entre os críticos da imprensa. A suposição de que o perfil dos leitores leva a imprensa a adotar certos vieses foi investigada por Mullainathan e Shleifer (2003). Apesar de este não ser um trabalho realizado à luz dos princípios da análise do comportamento, ele fortalece as afirmações de Skinner (1957/1978) sobre o controle do comportamento verbal por uma audiência remota, e poderá ampliar as discussões iniciadas por Namó (2001), Martone (2003) e Alves (2006).

Mullainathan e Shleifer (2003) propõem uma análise teórica sobre o que, na análise do comportamento, seria definido como controle exercido pelo leitor sobre a imprensa. Eles se basearam em duas suposições: a) leitores têm crenças, preconceitos (*bias*), que gostariam que fossem confirmadas; b) os jornais podem relatar notícias com certas inclinações, certos vieses (*slant*), que irão ao encontro dessas crenças (p.2). Certos leitores, exemplificam Mullainathan e Shleifer, podem acreditar que os executivos de grandes corporações são desonestos. Então, preferem ler notícias sobre o indiciamento desses executivos a notícias sobre suas realizações.

Em termos comportamentais, leitores são reforçados por ler ou ouvir notícias que sejam consistentes com as próprias histórias de reforçamento. Os jornais, por sua vez, buscam “lealdade” de seus clientes. Esse entrelaçamento de contingências aparentemente contribui para manter os jornais publicando notícias enviesadas, e os leitores comprando-os.

Mullainathan e Shleifer (2003) adotaram o conceito de inclinação de Hayakawa (1940), segundo a qual *slanting* é “o processo de selecionar detalhes que são favoráveis ou desfavoráveis ao assunto que está sendo descrito” (apud Mullainathan e Shleifer, 2003, p.3), ou seja, nesse aspecto os jornalistas poderiam alegar que se “omitem”, mas não “mentem”.

Mullainathan e Shleifer são economistas, e analisaram a precisão das notícias com base em algumas premissas da economia, como, por exemplo, a que afirma que a

competição melhora a qualidade de produtos e serviços. Essa premissa sugere que uma notícia com alto padrão de qualidade seria aquela que relataria a “realidade” com precisão. Parece, porém, que o mercado de notícia tem lógica própria. Mullainathan e Shleifer concluíram que a competição comumente reduz o preço dos jornais, mas não reduz, e pode até exagerar, os preconceitos da mídia (p.5).

Outro ponto investigado por Mullainathan e Shleifer (2003) foi a heterogeneidade de crenças dos leitores e o efeito dela sobre o tipo de inclinações nas notícias. Eles estavam interessados em investigar qual seria o impacto da competição na precisão das notícias reportadas pela mídia, quando as crenças dos leitores são heterogêneas. Para Mullainathan e Shleifer (2003), o achado central de sua pesquisa a esse respeito foi o de que a heterogeneidade dos leitores tem papel mais importante sobre a precisão da notícia do que a competição mercadológica. Dito de outra forma, quanto mais uniforme for o perfil dos leitores de determinada publicação, mais enviesada será a cobertura dessa publicação sobre determinados temas. Nas palavras de Mullainathan e Shleifer: “Não se pode esperar precisão da mídia (...) em assuntos em que os leitores compartilham crenças” (p.13). Os autores citam como exemplo assuntos internacionais referentes a certos países, certos grupos (árabes, ricos) ou ainda certas ações do governo, como o combate ao crime organizado. Em resumo, os autores afirmam:

Examinamos a precisão das notícias relatadas pela imprensa sob dois aspectos: a competição entre jornais e a diversidade de leitores. Descobrimos que a competição por si mesma não é uma força poderosa para o relato preciso da notícia. Pelo contrário: excesso de competidores aumenta a tendência do jornal a adotar certos vieses para atender o consumidor. Descobrimos que a precisão das notícias mantém relação estreita com a diversidade de leitores. (Mullainathan e Shleifer, 2003, p.19)

O processo de inclinação mencionado pelos autores encontra paralelos no jargão jornalístico descrito sob o título de editorialização. Consiste, de forma genérica, de mecanismo pelo qual notícias são apresentadas a leitor, ouvinte ou telespectador de acordo com a opinião dos donos do veículo, do editor, ou do repórter, como se fossem relato preciso dos fatos, ou, ainda, apresentar declarações de fontes fora do contexto em que foram dadas, para fortalecer aspectos defendidos pela reportagem.

A constatação de Mullainathan e Shleifer (2003) de que competição não é garantia para a qualidade das notícias divulgadas talvez seja uma das explicações para a crise de credibilidade pela qual a grande imprensa passa. Exemplo disso é que a revista *Realidade*, que antecedeu a *Veja*, considerada um marco na história do jornalismo brasileiro (Faro, 1999), é tida como um modelo de um gênero de jornalismo. E operou justamente em uma época em que praticamente não existiam concorrentes.

Se as conclusões de Mullainathan e Shleifer (2003) estiverem certas, o controle exercido pelos leitores pode ter contribuído para produzir a uniformidade de relato dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* sobre os ataques de 11 de setembro e 11 de março, observada por Alves (2006). Haja vista que ambos os jornais são concorrentes diretos, e concorrência é uma variável importante, segundo os autores, para os vieses adotados pela imprensa. Se os dois jornais disputam mais ou menos o mesmo perfil de leitor, é de se esperar, conforme as hipóteses de Mullainathan e Shleifer (2003), que ofereçam coberturas semelhantes.

A constatação de que a notícia é um produto como outro qualquer, portanto, terá de se ajustar às preferências do cliente, põe em xeque a auto-intitulada função de quarto poder da grande imprensa. Essa questão é discutida por autores como Sader (1998) e Chauí (2006). Sader (1998) descreve algumas contingências de controle sobre o jornalista e a imprensa, que são claramente incompatíveis com a suposta isenção jornalística. O autor afirma que a adoção de uma postura crítica por parte do jornalista – ele cita especialmente os analistas econômicos – resultaria em dificuldade de obter informações. Ao contrário disso, diz, “a adesão é premiada com pequenos furos e, às vezes, grandes negócios... Assim se põe a mesa das *relações impróprias* [grifo acrescentado] entre imprensa e poder”, resume o autor. Na afirmação a seguir, Sader esclarece o conflito vivenciado pelos órgãos de imprensa entre o que seria o exercício do quarto poder, que ao lado da sociedade fiscalizaria as atividades do Executivo, Legislativo e Judiciário, e interesses comerciais próprios das organizações comerciais ou industriais. Segundo o autor:

Uma ambigüidade central cruza a grande imprensa: ela desempenha uma função pública, mas é uma empresa privada. No limite, torna-se incompatível a busca de rentabilidade por parte da empresa jornalística com a função de informar e ser um espaço minimamente democrático de debate. (Sader, 1998, p.9)

Chauí (2006) amplia essa discussão e enfatiza que, à parte a questão ideológica, as empresas de comunicação são instituições privadas, mesmo quando dependem de uma concessão pública para operar, como é o caso de emissoras de rádios e de televisão. Assim, estão submetidas aos imperativos do capitalismo. Quando interesses comerciais imediatos confrontam interesses editoriais, as contingências econômicas poderão sobressair-se. De forma semelhante a Laitinen e Rakos (1997, p. 237), a autora afirma:

Muitos supõem que o totalitarismo descrito por George Orwell no livro *1984* é algo que se passa nos países do leste europeu e asiáticos. Nestes regimes totalitários haveria instituições semelhantes àquela criada por Orwell com o nome de Ministério da Verdade, cuja função é produzir a mentira: destrói e inventa palavras (produz a ‘novilíngua’, que diz apenas o que os dirigentes querem que seja dito), reescreve a história de acordo com os desígnios do poder e abole a memória dos acontecimentos reais. Os que julgam que *1984* se refere aos regimes totalitários tornaram-se incapazes de perceber que nos chamados países democráticos os procedimentos orwellianos são usados cotidianamente, diante de nossos olhos e ouvidos, não apenas enquanto ouvintes, telespectadores e leitores, mas de maneira mais assustadora quando somos protagonistas daquilo que o ‘formador de opinião’ (o jornalista no rádio, na televisão e na imprensa) descreve e narra e que nada tem a ver com o acontecimento ou o fato de que fomos testemunhas diretas ou participantes diretos. (Chauí, 1996, p. 11)

As afirmações da autora também estão de acordo com as conclusões de Rakos (1993). Chauí considera que a estratégia da desinformação é o principal resultado dos noticiários de rádio e televisão. No que se refere à cobertura da Guerra do Iraque, ela afirma:

Certamente, o ponto culminante da encenação e do simulacro foi alcançado pela rede de notícias CNN com a transmissão, ao vivo e em cores, da Guerra do Golfo, em 1991, transformada em festa de fogos de artifício, sem mortos nem feridos, sem dor e sem odor. Um entretenimento. (Chauí, 1996, p.20)

Se a disputa pelo mesmo perfil de leitor pode produzir certos vieses na cobertura da imprensa, como sugeriram Mullainathan e Shleifer (2003), tanto mais o podem disputas produzidas por contingências mais poderosas, como se supõe ser aquelas envolvendo contratos publicitários. Nesse sentido, Sader (1998) afirma que jornais são vendidos duas vezes: primeiramente, para as agências de publicidade; e só depois para os leitores. O autor atribuiu ao controle dos anunciantes sobre as empresas jornalísticas – embora sem usar esses termos – a razão por que, segundo ele, os jornais não se interessam em demonstrar que têm mais leitores que os concorrentes, uma vez que o critério mais importante é o poder aquisitivo dos leitores. No mesmo sentido das conclusões de Mullainathan e Shleifer (2003), de que competição não implica maior precisão nas notícias, Sader (1998) afirma que ”os órgãos da grande imprensa disputam os mesmos leitores, aquela elite que goza da pior concentração de renda do mundo e, como tal, é buscada por quem sabe que a notícia é, antes de tudo, uma mercadoria”. (Sader, 1998, p.9)

1.7 Interações verbais mediadas por novas tecnologias

Antes de entrar diretamente no tópico desta seção, convém voltar-se para as análises de Skinner (1957/1978) sobre diferenças no que diz respeito a magnitude e efeito do comportamento no caso do comportamento não-verbal versus comportamento verbal. O autor afirma que no comportamento verbal não existe relação estrita entre a energia do comportamento e a magnitude de seu efeito. No exemplo citado por Skinner, tanto se pode obter atenção gritando quanto sussurrando, haja vista que, nesse exemplo particular, a magnitude do reforço depende da energia do comportamento do ouvinte. O mesmo se pode afirmar sobre a escrita.

No comportamento não verbal, porém, a magnitude de um efeito depende da energia da resposta. Ao dirigir um carro, quanto mais forte o motorista pisar no acelerador, mais depressa o carro se moverá. Skinner frisa, porém, que essa distinção perde importância quando se desenvolvem mecanismos capazes de armazenar energia, de forma que o comportamento pode ganhar força e aumentar sua abrangência. Para o autor, é possível que o mistério que envolve, comumente, as palavras decline pela mesma razão. Ou seja, nas palavras do autor, “a máquina é a inimiga da palavra”. Skinner (1957/1978, p.246)

A máquina aplicada às comunicações, entretanto, pode aumentar o mistério das palavras, pois a revolução tecnológica que supostamente reduz interações interpessoais, pode ampliar a abrangência dessas interações em outros contextos, como por exemplo, no âmbito virtual. Além disso, novas tecnologias permitem reduzir sobremaneira o intervalo entre o comportamento e seus efeitos. No caso específico do comportamento verbal, isso pode implicar maior magnitude de reforço como o próprio Skinner (1957/1978) sugere nesta passagem:

O fato de os efeitos do comportamento verbal poderem multiplicar-se, expondo muitos ouvidos às mesmas ondas sonoras ou as mesmas páginas a muitos olhos, constitui de certa forma uma compensação para os efeitos enfraquecidos intermitentes ou retardados. O escritor pode não ser reforçado com frequência ou de imediato, mas seu reforço pode ser grande (p. 247).

A afirmação de Skinner ganha nova dimensão quando analisada à luz do atual desenvolvimento tecnológico. Ferramentas como a Internet – para ficar em um exemplo diretamente relacionado com o presente trabalho – além de ampliar extraordinariamente o cenário para as interações humanas, permitem relações verbais quase simultâneas. No que se refere ao comportamento verbal, pode reduzir significativamente o espaço de tempo entre a emissão do comportamento e seu efeito. No campo do comportamento verbal, a pesquisa de Porritt, Burt e Poling (2006) exemplifica as possibilidades que a Internet dispõe para planejamento e execução de procedimentos de intervenção baseados na Web. Os participantes desse estudo, pertencentes a uma comunidade de escritores de ficção, foram submetidos a um procedimento que visava aumentar sua produtividade. O pacote de procedimento consistia basicamente em (1) oferecer feedback sobre o desempenho dos sujeitos, por meio de representações gráficas em um site específico; (2) liberar elogios, cumprimentos, por e-mail, por metas alcançadas; (3) possibilitar a revisão do próprio manuscrito por integrantes da comunidade, a depender do cumprimento de meta específica sobre a quantidade de palavras escritas. Os autores consideram que o procedimento foi efetivo em aumentar o número de palavras escritas.

Embora o estudo de Porritt e cols. tenha uma série de limitações, como os próprios autores alertam, constitui um exemplo de apropriação da Internet para a produção de pesquisas que poderão resultar em métodos de intervenção efetivos para a

área educacional. É possível que iniciativas nos moldes da de Porritt e cols. levem ao declínio do mistério da palavra, como previu Skinner, uma vez que poderão esclarecer variáveis ambientais – e não intrínsecas ao indivíduo – importantes para a produção de escrita. Com isso, as palavras deixam de ser entidades misteriosas, cujo manejo elegante e eficiente pertenceria a poucos privilegiados, predispostos para a escrita.

Em razão da fonte utilizada pelo presente estudo, serão apresentados, a seguir, dados sobre o uso da Internet no Brasil, bem como breve descrição sobre blog. Com isso, pretende-se tornar mais claros certos aspectos do método a ser descrito à frente, bem como destacar a importância de redes sociais surgidas com a Internet, para a ampliação de relações sociais.

Segundo o Ibope/NetRatings, instituto especializado em pesquisa de “audiência”⁴ na Internet, o número de brasileiros que navegam pela Internet chegou a 39 milhões no segundo trimestre de 2007. O total de pessoas com acesso residencial à Internet, em outubro de 2007, totalizou 30,1 milhões de indivíduos, número 43,7% maior do que o registrado no mesmo período do ano anterior. No que diz respeito ao número de horas de navegação, os brasileiros ficam em média 23 horas e 12 minutos navegando pela Internet por mês (por pessoa). Estão à frente de internautas de países como França (21h38), Estados Unidos (20h39) e Austrália (19h13).⁵

De acordo com a Associação de Mídia Interativa (IAB Brasil)⁶ a “audiência” da Internet no Brasil atingiu 40 milhões de pessoas em 2007 (note-se que esse dado difere do anterior, do Ibope/NetRatings, porque se refere aos dados gerais do ano). Desse total, 35% são originários da “classe C”. A estimativa da instituição é de que até o fim de 2008 o número de usuários brasileiros de Internet chegue a 45 milhões, e o segmento da classe C aumente para 40%.

Lima (2008a) interpreta o aumento dessa população entre os usuários da Internet no Brasil como resultado de políticas públicas de inclusão digital, como o programa *Computador para Todos* e os telecentros dos *Pontos de Cultura*. Segundo o autor:

Para muitos observadores e analistas de mídia, a penetração impressionante da internet na população brasileira é um dado da realidade que ainda não foi totalmente “digerido” e compreendido em todas as suas

⁴ Usou-se o termo entre aspas para diferenciá-lo da palavra técnica audiência em análise do comportamento.

⁵ <http://www.ibope.com.br/> (consultado dia 23/02/2008)

⁶ Disponível no endereço <http://www.iabbrasil.org.br> (consultado dia 11/03/2008)

dimensões. Esse crescimento, por exemplo, ocorre simultaneamente a uma relativa estagnação da mídia impressa (à exceção de algumas revistas populares) e, sobretudo, dos principais jornalões da grande mídia.

O blog

A enciclopédia livre Wikipédia⁷ define *blog* assim:

(...) página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente (como um histórico ou um diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, referir ao mesmo assunto ou ter sido escritos pela mesma pessoa.

O referido termo evoluiu de *weblog*, que por sua vez vem de “web+log”, que pode ser compreendido como “um histórico de acessos na Web”. Segundo a Wikipédia, *weblog* foi definido inicialmente por Jorn Barger, autor de um dos primeiros *Frequently Asked Questions* (FAQ). Ele cunhou o termo em 1997 como “uma página na Web onde um diarista (da Web) relata todas as outras páginas interessantes que encontra”.

Embora muitos blogs ainda mantenham características dessa definição inicial, quer dizer, sejam usados como um diário pessoal, e com *links* para outros blogs que o autor considera interessantes, muitos foram além desse papel e criaram espaços para discussões de temas importantes para a comunidade, como educação, política, economia, entre outros, como sugerem Santos, Penteadó, Araújo (2007). Os autores observam que os blogs dispõem de ferramentas próprias de interação, que funcionam por meio da adição de comentários de leitores. Existe grande variedade de serviços de hospedagem de blog na Internet, de forma que qualquer cidadão pode criar o próprio blog.

O termo *blogueiro* ou *blogger* descreve função de quem escreve em blogs. A chamada *blogosfera*, comunidade que reúne os blogueiros de todas as áreas possíveis, cresceu de forma acelerada nos últimos anos. Em 1999, existiam, segundo a Wikipédia, cerca de 50 blogs. Em 2006, o número foi estimado em 50 milhões. Essa comunidade continua a crescer, segundo Mullenweg (2006), e atraiu os profissionais da imprensa, como se pode notar pelos blogs existentes nas versões eletrônicas dos principais jornais,

⁷ (<http://pt.wikipedia.org/wiki/weblog>, acessado dia 13/03/2007)

de revistas e de portais de notícias na Internet, como *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Uol*, *Terra* e *IG*.

Ramonet (2005), em artigo sobre a crise mundial da mídia, atribui essa crise, em parte, aos jornais gratuitos que surgiram com a Internet. Destaca também o fenômeno dos blogs. Considera que o sucesso dos blogs pode indicar que muitos leitores “preferem a subjetividade assumida dos *bloggers* à falsa objetividade e à imparcialidade hipócrita da grande imprensa” (p.2). Para o autor, a possibilidade de acesso à Internet por meio de telefone celular pode acelerar ainda mais esse movimento. “A informação torna-se ainda mais móvel e mais nômade”.

A seguinte afirmação de Mullenweg (2006), um dos criadores do *software WordPress*, ferramenta para a publicação de blogs, sugere que a interatividade dos *blogs* pode ser um poderoso atrativo desse novo modelo de interação surgido com a Internet:

Antes, a comunicação se realizava em um único sentido, tu entravas na Rede e podias ler e ler, éramos consumidores passivos, como quando vês televisão ou escutas o rádio. O efeito da chegada dos blogs é um pouco como o que produziu a chegada da imprensa.

De forma semelhante, em um texto em que relata por que decidiu criar o próprio *blog*, o jornalista Luis Nassif (2006) também destaca a interatividade desse novo formato de mídia como um fator importante para sua decisão: “Depois de algum tempo de resistência, resolvi aderir aos blogs. Em parte, por acreditar que o futuro do jornalismo está na Internet. Em parte, devido à enorme e revitalizante interação com o público leitor”. Em texto posterior, Nassif (2006a), o jornalista exaltou a Internet pelas possibilidades que a Web criou para ampliar o trabalho de jornalistas, pela participação de leitores no processo de construção da notícia.

Nessa mesma direção, ainda, o jornalista Luiz Carlos Azenha, ex-repórter da Globo, que atualmente mantém o blog www.viomundo.com.br exemplifica como aspectos como diversidade de interlocutores e rapidez de interações, permitidos pela Internet, podem enriquecer o jornalismo e beneficiar ambos os lados da relação: jornalista e leitor. Em um artigo em que critica o que classificou como anacronismo da imprensa tradicional, Azenha (2008) afirma:

Há uns dez anos, eu poderia ir à TV e falar uma besteira sobre Medicina, por exemplo. As reclamações levariam dois ou três dias para chegar, se chegassem. O mesmo se aplicava ao colunista de jornal. Ele escrevia, o texto era publicado, a carta do leitor levava tempo... Havia um espaço entre ação e reação, que desapareceu. Hoje eu escrevo esse texto, publico e em menos de cinco minutos tem alguém me escrevendo para dizer que discorda, que estou errado, que não pensei naquele outro aspecto e assim por diante. Quem escreve? São médicos que entendem mais de Medicina do que eu. São engenheiros que entendem mais de Engenharia do que eu. São historiadores que entendem mais de História do que eu.

Lima (2008a) observa que aparentemente os ditos formadores de opinião tradicionais começam a ser substituídos, aos poucos, por líderes de opinião locais. Esses líderes, nota o autor, utilizam-se cada vez mais a Internet “onde inegavelmente existe mais diversidade e pluralidade na informação”.

Para Santos e cols. (2007), os blogs sobre política constituem novo modelo de jornalismo, caracterizado pela agilidade, interatividade e pela idéia de “independência” do blogueiro. Segundo os autores,

O posicionamento pessoal do blogueiro muitas vezes atrai os visitantes interessados em saber a opinião de determinado autor, fora das linhas tradicionais dos editoriais corporativos, ou então, serve como referência intelectual para os usuários fazerem a leitura dos acontecimentos... os blogs constituem-se, hoje, em referências informacionais e podem exercer influência sobre a opinião pública.

No campo da educação, pode-se citar, a título de exemplo, iniciativa do Curso de Jornalismo e Ciências da Comunicação, da Universidade de Porto (Portugal), que criou um blog para auxiliar as atividades relacionadas com o ensino de jornalismo, o JornalismoPortoNet <http://blog.icicom.up.pt>, conforme relatado por Zamith (2003). O autor considera que os blogs trazem desafios no que diz respeito à dificuldade de se estabelecer fronteiras entre o que é e o que não é jornalismo. No entanto, diz acreditar que, com o passar do tempo, haverá uma separação entre fato e opinião.

Nassif (2008) afirma não ter dúvidas de que a comunidade que se formou em seu *blog* tem “o melhor e o mais diversificado quadro de comentaristas da mídia brasileira – em todos seus formatos”. Considera que essa comunidade representa o que ele define como “estágio mais próximo do que será qualificado, em pouco tempo, de jornalismo do futuro, colaborativo, dentro da lógica da construção do conhecimento.”

Para Costa (2006), os grandes jornais, mundialmente falando, estão em crise, sem que vislumbrem uma saída (ver também sobre essa temática Ramonet, 2005 e Lima, 2008). Nesse cenário, os blogs despontam como meios mais democráticos, uma espécie de porta-vozes de sujeitos que até então foram excluídos do processo de produção de notícia ou participavam dele de forma passiva, como meros consumidores, e pouco poder de influência (Santos e cols., 2007).

Com as facilidades de interação surgidas com a Internet, surgem conceitos como o de reportagem compartilhada, apresentado por Briggs (2007), que supõe a participação dos leitores durante o processo de construção de reportagens – e não apenas depois de sua publicação. Esse fenômeno confronta radicalmente o chamado pensamento único, resumido por Ramonet (1995) como nova ideologia dominante, explicitada pelo autor da seguinte forma:

Aquela [ideologia] que sempre tem razão, tem de inclinar-se não importa diante de que argumentos – particularmente quando se trata de argumentos de ordem social ou humanitária. Nas democracias atuais, cada vez mais cidadãos livres se sentem enganados, presos na armadilha desta doutrina viscosa que, imperceptivelmente, envolve todo o racionalismo rebelde. O inibe, o paralisa e acaba por afogá-lo. Há somente uma doutrina, a do pensamento único, autorizada por uma política de opinião onipresente e invisível.

Os seguintes casos ilustram como os blogs começam a contrabalançar o tal pensamento único na imprensa. A jornalista Eliane Cantanhêde, da *Folha de São Paulo*, no artigo *Alerta amarelo!*, publicado no jornal no dia 09/01/2008, fez apelo para que todos os brasileiros, independente da região em que residissem, se vacinassem contra a febre amarela. Vários especialistas se manifestaram, alguns por meios dos blogs, contra o apelo da jornalista.⁸

⁸ Entre os blogs que publicaram opiniões de médicos contrárias às da jornalista, ou repercutiram essas opiniões, estão o próprio blog de Luis Nassif (www.luisnassif.com.br), o do jornalista Luiz Carlos

Outro exemplo de reportagem colaborativa e de contraposição à grande imprensa vem do próprio *blog* de Luis Nassif. No dia 31 de janeiro de 2008, Nassif (2008a) iniciou a publicação de uma série de reportagens, que ficou conhecida como *O Caso Veja*, em que acusa a publicação da editora Abril de usar espaços editoriais da revista para obter vantagens comerciais sobre concorrentes, bem como para destruir reputações de desafetos de sua diretoria. O jornalista contou com trabalho de leitores do *blog* para localização e análise de documentos. A série ganhou tanta repercussão que foi criado endereço específico na Internet para a publicação das referidas reportagens (<http://ocasoveja.blogspot.com/>). Exemplifica o fenômeno dessa repercussão em rede, para além das fronteiras do *blog*, pequeno texto publicado por Luis Nassif no dia 16/02/08, às 20h41, relatando que, segundo o site de buscas Technorati, até aquele momento existiam cerca de 1.180 blogs com link para a referida série de reportagens, conforme relação abaixo:

683 com link www.projetobr.com.br

237 com www.luisnassif.com.br

211 com luis.nassif.googlepages.com

50 com www.projetobr.ig.com.br

Outro exemplo, ainda: em uma pesquisa no *Google* com as palavras-chave “Nassif x Veja” obtiveram-se mais de 54.400 registros (Anexo 1).⁹

O trabalho do jornalista nessa série constitui um exemplo da chamada reportagem colaborativa (Briggs, 2007). Muito frequentemente o jornalista pede ajuda aos leitores antes de produzir material para o *blog* (Anexo 2). Tanto assim que, no episódio da referida série, o jornalista declarou publicamente que leitores o ajudaram a encontrar e a analisar documentos, como deixa explícito no seguinte trecho (ver íntegra do texto no Anexo 3):

Chamo a atenção de vocês para um resultado genuíno do trabalho em rede. O trecho abaixo fecha o capítulo "Lula é meu álibi", no dossiê *Veja*. Foi um trabalho minucioso de pesquisa feito por vocês (clique aqui para ler o capítulo). Quando pedi a ajuda de vocês, houve quem risse do pedido. Esse povo não sabe o que é o trabalho cooperativo em rede...No domingo,

Azenha (www.viomundo.com.br), o do jornalista Paulo Henrique Amorim (www.conversa-afiada.ig.com.br) e o de Eduardo Guimarães, blogueiro não-jornalista (<http://edu.guim.blog.uol.com.br>).

⁹ Pesquisa feita no dia 10/03/2008

quando publiquei o Capítulo sobre esse suspeito dossiê italiano, cujo link estava na coluna de Mainardi, o leitor João Alcântara, juiz aposentado, analisou o documento e ajudou a reforçar as suspeitas de fraude.

Para Scalzilli (2008), a série de reportagens de Luis Nassif sobre a revista *Veja* provocou alterações nas edições seguintes da revista. “A *Veja* esboça uma ligeira mudança de tom nas suas edições semanais e há suspeitas de que ela tem obstruído as ferramentas de busca eletrônica aos conteúdos de matérias e postagens antigas – especialmente as que corroborariam as denúncias”, afirma o autor.

Outro caso recente em que aparentemente um blog influenciou a grande imprensa foi protagonizado pelo blog de Paulo Henrique Amorim, ex-repórter da Globo e atual editor do blog *Conversa Afiada* www.conversa-afiada.ig.com.br. O jornalista teve acesso a planilhas sobre os gastos do Governo de São Paulo nos cartões corporativos e foi informado de que a *Folha de São Paulo* teve acesso às mesmas planilhas. Amorim publicou a seguinte mensagem em seu blog, no dia 02/02/2008 às 18h35:

O *Conversa Afiada* encaminhou à editora-executiva da *Folha de S.Paulo*, Eleonora de Lucena, ao diretor editorial da *Folha de S.Paulo*, Otavio Frias Filho, e ao ombudsman da *Folha de S.Paulo*, Mário Magalhães, as seguintes perguntas: "O *Conversa Afiada* soube que a *Folha de S. Paulo* teve acesso às tabelas que mostram que o Governo Serra gastou R\$ 108 milhões no cartão corporativo em 2007. A *Folha*, de fato, teve acesso a essas tabelas? A *Folha* pretende publicá-las?"

Não se sabe se as manifestações de Amorim tiveram algum efeito sobre a edição do dia seguinte da *Folha de São Paulo*. De qualquer forma, no dia seguinte, 08/02/2008, o jornal de fato publicou reportagem sobre o assunto com o título: *Governo de SP gasta 108 milhões com cartões*.¹⁰

Supõe-se também que a Internet tenha servido como contraponto para as notícias divulgadas pela grande imprensa relativas à eleição presidencial de 2006 (Santos e cols. 2007). Tornou-se conhecida, na época, a divulgação, pela grande imprensa, de fotos de

¹⁰ Disponível no endereço: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u370585.shtml>

dinheiro que seria usado supostamente para a compra de um dossiê contra políticos do PSDB. Imagens desse dinheiro teriam sido vazadas pela Polícia Federal e foram divulgadas pela imprensa um dia antes do 1º turno da eleição. Dias depois, o então repórter da Globo, Luiz Carlos Azenha, publicou em seu blog¹¹ um áudio sobre as condições do vazamento dessas fotos. O áudio mostrava um delegado da Polícia Federal entregando CDs com as referidas imagens para repórteres. O delegado afirmava que as imagens teriam de ser divulgadas na edição do *Jornal Nacional* daquele dia. O caso foi divulgado com detalhes pela revista Carta Capital, edição 415, de 13/10/2006, portanto menos de duas semanas após a realização do 1º turno da eleição. Mas foi divulgado primeiramente pelos blogs.

De fato, antes da Internet, o controle por parte do leitor – pelos menos aquela parcela de leitores constituída de cidadãos comuns, sem poder de influência sobre a imprensa – se dava como mero consumidor, aquele que compra determinado produto midiático. Os órgãos que assumem formalmente a função de controlar a imprensa são aqueles formados por profissionais ou empresas da área. Com a Internet, leitores começam a assumir a função de controladores da imprensa no que diz respeito à qualidade dos seus produtos, seja por meio de ações individualizadas, nos blogs, ou até de forma mais organizada, como é o caso de iniciativas recentes, que resultaram na criação do *Movimento dos Sem-mídia* (MSM). O grupo, fundado em outubro de 2007, afirma no próprio estatuto ter por objetivo a defesa da pluralidade na imprensa.¹²

Para concluir, não se tem conhecimento, na história recente, de que o leitor, que sempre esteve do outro lado da relação imprensa-comunidade, pudesse participar de forma ativa dos processos de produção de notícia. Costuma-se dizer que mais poder implica mais responsabilidade. Seja, portanto, na grande imprensa ou nos blogs, cabe aqui um alerta, na ótica de Hobsbawm (1998), aos antigos e novos sujeitos desse processo. Embora o autor se dirija a historiadores, sua conclusão é perfeita para jornalistas e quaisquer profissionais cujo comportamento verbal ou produto desse comportamento possa evocar em outros comportamentos incompatíveis com o bem-estar do grupo:

¹¹ Disponível no endereço (<http://viomundo.globo.com/>).

¹² O estatuto do movimento, assim como o texto Manifesto dos Sem-Mídia, de Eduardo Guimarães, podem ser consultados no blog de Eduardo Guimarães (<http://eduardoguimaraes.blig.ig.com.br>), presidente da referida organização.

Eu costumava pensar que a profissão de historiador, ao contrário, digamos, da de físico nuclear, não pudesse, pelos menos, produzir danos. Agora sei que pode. Nossos estudos podem se converter em fábricas de bombas, como os seminários nos quais o IRA aprendeu a transformar fertilizante químico em explosivos. (Hobsbawm, 1998,p.17)

Na presente pesquisa, propôs-se a analisar interações verbais em um blog jornalístico, em busca de possíveis relações de controle entre os sujeitos: dos leitores sobre o jornalista e vice-versa, e de leitores entre si. Com base na análise das interações verbais identificadas, buscou-se verificar:

- a) Possíveis relações de controle dos leitores sobre o comportamento verbal do jornalista e vice-versa, e de leitores entre si.
- b) Tempo entre a publicação de um texto e a publicação de comentários de leitores sobre esse texto.
- c) Características de estímulos antecedentes e conseqüentes que aparentemente controlaram o comportamento verbal dos indivíduos, como, por exemplo, o tema e forma da resposta verbal dos demais participantes.
- d) Possíveis mudanças no relato do jornalista e dos leitores ao longo do período analisado, e possível relação entre essas mudanças e as interações dos indivíduos no blog.
- e) Padrão dos comentários que produziram réplica (do jornalista e dos leitores).

Baseando-se na breve revisão da literatura, apresentada anteriormente, assumiram-se alguns supostos que justificariam a realização deste trabalho:

1) O ouvinte/leitor é variável importante na determinação e manutenção do comportamento verbal; uma tentativa, ainda que exploratória, de compreender sua função na manutenção de interações verbais poderá contribuir com estudos da área.

2) Experiências anteriores de pesquisa em análise do comportamento, com base no relato da mídia, sugerem que é legítimo analisar certos fenômenos sociais com base em relatos verbais, embora esse tipo de pesquisa não esteja de acordo com os mais rigorosos princípios metodológicas da análise experimental do comportamento (Johnston e Pennypacker, 1993).

3) Pesquisas relatadas anteriormente, que adotaram a mídia como fonte ou como objeto, trataram a mídia como agente de controle comportamental: não foram encontrados estudos sobre o controle exercido pelo leitor sobre determinado jornalista ou meio, de acordo com a perspectiva da análise do comportamento.

4) Embora Skinner (1957/1978) tenha considerado a máquina inimiga da palavra, sugeriu também que a tecnologia amplia o acesso de ouvintes/leitores ao produto do comportamento verbal. Considerou-se válida a tentativa de ampliar as discussões de Skinner (1957) a esse respeito para o contexto das novas tecnologias de informação.

5) Com o presente trabalho, supõe-se, ainda, contribuir com o desenvolvimento de métodos para estudos baseados em relato verbal, bem como encorajar o diálogo entre pesquisadores das áreas de análise comportamento e de jornalismo.

2. MÉTODO

2.1 Fonte

O *blog* do jornalista Luis Nassif (<http://luisnassif.blog.ig.com.br>¹³), publicado desde 01/05/2006, foi escolhido como fonte para a presente pesquisa. Essa escolha ocorreu pelos seguintes fatores: (1) variabilidade comportamental do jornalista – ele escreve sobre economia, política, mídia, música, entre outros temas, além de escrever crônicas; (2) interatividade do *blog*, ou seja, rapidez com que o jornalista interage com seus leitores e vice-versa; (3) tratamento que o jornalista dá às contribuições dos leitores, publicando-as frequentemente na página principal do *blog*; (4) posição relativamente destacada do jornalista entre seus pares; (5) posição do próprio *blog* entre os blogs jornalísticos do Brasil. O *blog* de Luis Nassif foi vencedor da edição de 2007 do *Troféu Dia da Imprensa*, promovido pela *Revista Imprensa*, na categoria blogs jornalísticos, com 65,85% dos votos.

2.2 Quem é Luis Nassif¹⁴:

É considerado um dos pioneiros na introdução, no Brasil, do jornalismo de serviço – jornalismo cujo foco são informações de interesse prático do dia-a-dia do leitor. É fundador da *Agência Dinheiro Vivo*, a primeira agência brasileira de notícias sobre economia a operar em tempo real; foi comentarista econômico da *Rede Bandeirantes de Televisão*, colunista da *Folha de São Paulo* e membro do conselho editorial do mesmo jornal. Venceu, em 2003, a 1ª edição do Prêmio Ayrton Senna, na categoria de Jornalista Econômico, e foi finalista do *Prêmio Jabuti*, na categoria Crônica. É autor de livros como *Os cabeças-de-planilha* (Ediouro, 2007), *O Jornalismo dos anos 90* (Futura, 2003), *O menino de São Benedito: e outras crônicas* (Senac, 2002). É comentarista econômico da *TV Cultura*. Idealizou e dirige atualmente o *Projeto Brasil* (www.projeto.br), ao qual se refere como “um empreendimento

¹³ O blog funciona atualmente no endereço (<http://www.projeto.br/blog/5.html>). O material analisado na presente pesquisa, porém, foi coletado no endereço anterior. A descrição do blog apresentada aqui não corresponde integralmente, portanto, ao seu atual formato e a sua organização no novo endereço.

¹⁴ Com informações divulgadas no próprio blog de Nassif, 2006/2007, (<http://luisnassif.blog.ig.com.br>) e no trabalho de Venceslau, P. e Naldoni, T. (2005). «O governo Lula está de joelhos para o Banco Central». http://portalimprensa.uol.com.br/198_entrevista.asp. *Revista Imprensa*, edição 198.

jornalístico independente que oferece os conteúdos e ferramentas necessárias para a discussão estruturada de temas estratégicos para o desenvolvimento nacional”.

2.3 Como o *blog* está estruturado

São quatro seções no site: *blog*¹⁵ propriamente dito, *crônicas*, *minhas músicas* e *economia*. O *blog*, como a definição anterior indica, é espaço para publicação de textos sobre temas diversos. Tanto que o jornalista freqüentemente publica textos sobre música e sobre economia, embora mantenha no *blog* espaço específico para cada um desses temas. Quando o jornalista publica um artigo sobre economia na seção *economia*, por exemplo, avisa o leitor, no *blog*, sobre o novo texto (Anexo 4). O mesmo ocorre com os artigos da seção *minhas músicas* e com as *crônicas*.

No topo de página de cada uma dessas quatro seções encontra-se o título **Luis Nassif Online**. Abaixo desse título, à direita, localiza-se a barra de menu com nome das seções (*blog*, *crônicas*, *minhas músicas* e *economia*) escrito em cinza sobre uma superfície hachurada, disposta horizontalmente (Anexo 5). À esquerda, no mesmo nível do menu, aparece o nome da seção em que o leitor se encontra no momento. O tom cinza do nome de uma das seções sobre a barra de menu torna-se laranja quando a seção está sendo acessada, sinalizando que o leitor está on-line naquela seção.

Acima do título de cada texto publicado estão registrados data e horário da publicação, e no fim de cada texto, em todas as seções, aparece a frase “Enviada por Luis Nassif”. Em seguida, entre parêntesis, dispostas de forma horizontal, estão os *links* para: (*comentar /x comentários*), (*envie esta mensagem*) e (*link do post*). Como os respectivos títulos sugerem, o *link comentar* conduz o leitor a um formulário em que ele poderá comentar o texto publicado pelo jornalista (Anexo 6); o *link x comentários* leva o leitor aos comentários já publicados, quando existir algum (Anexo 7) – se não houver comentário aparece o *link* apenas para a primeira parte do parêntesis, ou seja, para *comentar*. No Anexo 8, um exemplo de comentário replicado pelo jornalista. O *link envie esta mensagem* leva o leitor a um formulário em que ele poderá enviar o *link* do texto publicado pelo jornalista a alguém (Anexo 9). Por fim, o *link do post* conduz o leitor ao texto referido pelo jornalista. Esse recurso é válido principalmente para as seções cujos textos são publicados fora da página principal, como é o caso de *crônicas*,

¹⁵ Neste trabalho, usou-se a palavra *blog*, sem itálico, refere-se aos blogs em geral e *blog*, em itálico, para referir o blog de Luis Nassif. Na atual versão do *blog*, o jornalista refere-se a essa seções como outros blogs dentro do *blog* principal, por assim dizer.

minhas músicas e economia. Quando o jornalista, por exemplo, publica um artigo sobre economia, faz um breve comentário sobre tal artigo no *blog* e coloca um “link do post”, quer dizer, cria um vínculo com a seção *economia*, que automaticamente leva o leitor aos últimos textos publicados nessa seção.

Na extrema esquerda do *blog* encontra-se uma foto do jornalista, seguida de um minicurrículo dele (Anexo 5). Na seqüência, logo abaixo da palavra *links*, está o “histórico”, onde o leitor poderá consultar textos publicados anteriormente, organizados por mês, por exemplo: 01/05/2007 a 31/05/2007 (Anexo 10). A barra de menu, disposta no topo da página, também aparece na base de todas as páginas do *blog*. De acordo com Nassif (2006), o *blog* foi planejado de forma que, durante a semana, predominem comentários políticos e econômicos; nos fins de semanas, crônicas e discussões sobre música.

2.4 Sobre o critério de seleção dos textos

São dois tipos principais de textos publicados no *blog*: um publicado na página principal, que passa a ser referido como *texto principal*, ou simplesmente *texto*. Pode ser de autoria do jornalista ou ter sido enviado ao jornalista por um leitor. O outro tipo são os comentários ao *texto principal*, feitos por meio do *link comentar*, que serão nomeados genericamente como *comentários*.¹⁶

Foram coletados e analisados todos os *textos principais* e respectivos *comentários* publicados no *blog* entre 23h50 do dia 17/07/2007 e 11h51 do dia 21/07/2007. Esse foi o período imediatamente posterior ao acidente com o avião da TAM, ocorrido no dia 17 de julho de 2007, em São Paulo, por volta das 19h.

Foi coletado e registrado, ainda, um *texto principal*, com respectivos *comentários*, publicado antes do acidente. A inclusão desse material ocorreu porque o jornalista publica, todos os dias no *blog*, um tópico intitulado trivial¹⁷, no qual os leitores podem escrever sobre diferentes temas. O objetivo do jornalista é restringir

¹⁶ Note-se que na presente pesquisa, todos os textos principais enviados por leitores foram publicados anteriormente como comentários. Ou seja, o leitor teve o comentário publicado duas vezes: primeiro, no espaço de comentários, depois na página principal do blog.

¹⁷ O jornalista publicou o tópico pela primeira vez no dia 20/03/07, algo como “off-topic”. Alguns leitores elogiaram a idéia, mas criticaram o termo em inglês. O jornalista então mudou o título do tópico para “trivial variado” e escreveu o seguinte comentário: “Pessoal, como muitos utilizam alguns posts para mensagens off-topics, que nada tem a ver com o assunto, vou postar todo dia uma nota especial para tal tipo de mensagem. Podem deixar aqui seus off-topics”. Depois, a palavra “variado” saiu do trivial. Frequentemente o jornalista acrescenta algo ao termo como “trivial musical”, “trivial das cenas familiares”, por exemplo.

comentários sem relação com o tema do *texto principal* nos demais textos publicados no dia. Incluiu-se um trivial na análise para se comparar a variedade de temas entre os *comentários* de um trivial publicado antes do acidente da TAM com triviais posteriores ao evento. Escolheu-se o *Trivial de domingo*, do dia 01/07/2007, porque a pesquisadora já havia coletado e registrado material publicado no *blog* no início do mês de julho de 2007, com o objetivo de testar o procedimento de coleta e de registro propostos para a pesquisa.

Foram incluídos, ainda, na coleta cinco *comentários* relacionados com o referido acidente enviados ao jornalista antes de ele se manifestar, no *blog*, sobre o evento. Esses comentários foram publicados no *Trivial* de 17/07/2007. Note-se que o primeiro texto sobre o acidente publicado na página principal do *blog*, com o título *Sobre a pista de Congonhas*, foi de autoria de um dos leitores que se manifestou sobre o evento antes de o jornalista fazê-lo no *blog*.

A escolha do material referente ao período do acidente da TAM se deu por causa do impacto que o evento provocou no público e em razão de um dos objetivos propostos para a presente pesquisa, que foi verificar possíveis relações entre os textos do jornalista e comentários dos leitores. Supôs-se que o impacto causado pelo acidente tornaria provável que muitas manifestações ocorressem e se estendessem por certo período de tempo, o que permitiria analisar possíveis influências dos comentários dos leitores sobre a escrita do jornalista e vice-versa. Considerou-se que isso permitiria analisar, por exemplo, se o jornalista e os leitores mudariam o relato sobre determinados assuntos referentes ao acidente, e se a mudança poderia ser atribuída, em parte, às conseqüências liberadas nas interações verbais no *blog*.

O encerramento da coleta com o *texto* publicado às 11h51 do dia 21/07/2007 e seus respectivos *comentários* ocorreu por duas razões: a quantidade de material coletado e registrado até então – 37 textos principais e 1673 comentários (sem incluir os dados do trivial de 1º de julho e os cinco comentários iniciais) – e o fato de logo depois desse horário o jornalista ter publicado uma série de textos sobre o senador Antônio Carlos Magalhães, em razão da morte do senador. Ele só voltou a escrever sobre o acidente da TAM no dia 23, em texto publicado às 11h35, sob o título *Apanhadão do acidente da TAM*.

Entretanto, embora o último *texto* da coleta tenha sido esse publicado no dia 21, há comentários publicados até no dia 23/07/2007 (e um único no dia 26), porque os *textos* ficam expostos no *blog* e os leitores podem comentá-los dias depois de

publicados. Além disso, a data de publicação dos comentários não necessariamente coincide com a data do envio deles ao jornalista. O leitor poderá, eventualmente, enviar um comentário às 22h e tê-lo publicado só na manhã seguinte. Na presente coleta, porém, exceto um comentário publicado no dia 26/07, como já mencionado, não houve outros comentários publicados depois do dia 23 de julho em nenhum dos títulos coletados e registrados.

Foram coletados e registrados todos os textos principais e os comentários publicados no período imediatamente posterior ao acidente – e não só os *textos principais* diretamente relacionados com o evento – para se verificar se assuntos relacionados com o acidente controlariam as interações verbais dos leitores até mesmo quando o texto não tivesse ligação com assuntos do acidente.

2.5 Procedimento

Todos os textos principais foram lidos, copiados e cadastrados em um sistema de banco de dados *Microsoft-Access*, desenvolvido por Wang Sen Feng, com a colaboração da autora. O software, denominado *Sistema de apoio a coleta e a análise de texto*, foi desenvolvido em *Microsoft-Access*, utilizando-se do próprio banco de dados do *Access* para armazenar os dados, de forma que permitisse o cruzamento desses dados.

Existem no sistema três partes principais: a) tela para cadastro de títulos, ou seja, formulário para o registro do *texto principal*; b) tela para cadastro de *comentários*; c) mecanismo de cruzamento de dados referentes às interações dos sujeitos no *blog*, ou seja, interações envolvendo jornalista-leitor e vice-versa, e leitores entre si. Há também telas para cadastro do destinatário do comentário – a quem o leitor se dirige, se ao jornalista ou a outro leitor, e como o faz, se explicitamente (citando o nome do destinatário) ou implicitamente (sem citá-lo). O sistema dispõe, ainda, de tela para cadastro de categorias de *comentários*, conforme descrição posterior. O mecanismo de cruzamento de dados permite a emissão de relatórios diversos, como, por exemplo: número de comentários por tema, por título, por pessoa (leitor ou jornalista); réplicas (a definição será apresentada à frente) por categoria de comentário; relatório por palavras ou frases específicas.

Coleta e registro dos textos principais

De cada *texto* foram destacados, copiados e registrados em campos específicos do sistema os seguintes aspectos (ver Anexo 11):

- 1) Título (título do texto dado pelo jornalista);
- 2) Quem enviou o texto (nome do jornalista ou nome/codínome do leitor, no caso em que o jornalista publica textos de leitores), e a seção em que foi publicado;
- 3) Tema (assunto mais geral) e assunto (assunto mais específico);
- 4) Data e horário da publicação e data e horário da última consulta da pesquisadora à seção de *comentários* (para verificar se foram publicados comentários além dos já coletados e registrados no sistema);
- 5) Síntese do texto (preparada pela pesquisadora) e o próprio texto, copiado do *blog* e cadastrado integralmente em um campo específico do sistema;
- 6) Palavras-chave – referentes a aspectos relacionados com o assunto.

Coleta e registro dos comentários

O mesmo procedimento descrito anteriormente para coleta e registro do *texto* foi adotado para coletar e para cadastrar os *comentários*, com alterações apenas em alguns itens relacionados com o leitor. De cada *comentário* foi destacado e registrado no sistema (Anexo 12):

- 1) Tema e assunto;
- 2) Data e horário em que foi publicado;
- 3) Participante (nome/identificação do leitor ou do jornalista)
- 4) Síntese do comentário, quando necessária (ver descrição posterior);
- 5) Palavras-chave;
- 6) Direção do comentário (se dirigido explícita ou implicitamente a alguém) e destinatário (pessoa a quem o comentário foi dirigido, se ao jornalista, a outro leitor ou sem direção específica);
- 7) Categoria do comentário (apresentada na Tabela 2);
- 8) Texto do comentário (o comentário foi copiado do *blog* e colado integralmente em um campo específico do sistema).

Nem sempre foi possível destacar todos os itens descritos anteriormente para o registro do *texto* e dos *comentários* no sistema (como, por exemplo, tema, assunto, síntese) porque algumas vezes o *texto* ou o *comentário* foi tão curto que não houve a possibilidade de tal descrição. Exemplo disso é o primeiro *trivial* depois do acidente, cujo texto é o seguinte: “O Trivial está aí, com menos disposição para brincar e versejar”. Nesse exemplo, o *tema* foi “acidente da TAM” e não foi destacada palavra-chave. Entre os comentários, este é um exemplo que ficou sem definição de tema, assunto, palavra-chave: “Pai, afasta de mim este cálice”. Da mesma forma, às vezes não foram destacados da *réplica* do jornalista (a descrição sobre essa subdivisão dos comentários será apresentada à frente) assunto, tema e palavra-chave, como ocorreu com o seguinte caso em que o jornalista replicou a um leitor com a frase: “Boa dica”. Quando os *textos* e os *comentários* foram mais extensos, o procedimento de definir tema, assunto aparentemente mostrou-se eficaz, pois ampliou a descrição de aspectos do texto/comentário para além da apresentação da síntese.

Sobre a subdivisão dos comentários

Criou-se uma subdivisão para os *comentários*, conforme apresentada na Tabela 1. Com isso, pretendeu-se verificar se os leitores reagem diferentemente a um *texto* do jornalista em comparação com um *texto* enviado por um leitor, e se leitores e jornalista reagem diferencialmente a comentários em que são citados explicitamente, em comparação com os *comentários* em que não são citados diretamente.

Tabela 1. Subdivisão dos comentários segundo alguns aspectos da variável direção.

Direção do comentário	Descrição
<i>Comentário ao texto do jornalista citando-o</i>	Comentário em que o leitor cita o jornalista implícita ou explicitamente (menciona o nome do jornalista ou deixa alguns indícios de que está se dirigido ao jornalista, como, por exemplo, conclui o comentário com “abraço”, sem que esteja se dirigido a um leitor).
<i>Comentário ao texto do leitor-autor citando-o</i>	Comentário de um leitor ao texto do leitor-autor citando-o explicitamente.
<i>Comentário ao texto do leitor-autor citando o jornalista</i>	Comentário de um leitor ao texto do leitor-autor citando o jornalista implícita ou explicitamente.
<i>Comentário sem destinatário específico (ao texto do jornalista ou do leitor-autor)</i>	Comentário sem menção a outros comentários recentes e sem direção explícita ou implícita, seja ao jornalista ou a outro leitor, ou comentário dirigido a todos os participantes dos <i>blog</i> .
<i>Réplica do jornalista (ao texto do jornalista)</i>	Réplica do jornalista ao comentário do leitor em que o texto principal é do jornalista.
<i>Réplica do jornalista (ao texto do leitor-autor)</i>	Réplica do jornalista ao comentário do leitor em que o texto principal é do leitor-autor.
<i>Réplica do leitor-autor a outro leitor</i>	Réplica do leitor, cujo comentário tornou-se texto principal, a comentários de outros leitores a esse texto.
<i>Réplica do leitor a outro leitor</i>	Menção explícita ou implícita de um leitor ao comentário de outro(s) leitor(es).
<i>Réplica do leitor a outro leitor citando o jornalista.</i>	Réplica ou citação de um leitor ao comentário ou aspecto de um comentário de outro(s) leitor(es), não dirigida diretamente a esse leitor, mas citando o jornalista.
<i>Réplica do leitor ao jornalista.</i>	Réplica do leitor à réplica do jornalista ou comentário do leitor à réplica do jornalista.
<i>Réplica indireta do leitor a outro leitor sem citar o jornalista.</i>	Réplica ou citação de um leitor ao comentário ou aspecto de comentário de outro(s) leitor(es) não dirigida diretamente a esse leitor, sem citar o jornalista.

Categorias de comentários

Para identificar a existência de um possível padrão entre os comentários que provocaram mais réplicas (do jornalista e dos leitores) foram criadas categorias para qualificar os *comentários*. Essas mesmas categorias, que não são, necessariamente, mutuamente excludentes, serviram também para qualificar os tipos de réplicas apresentados anteriormente.

Tabela 2. Categorias de comentários com suas definições.

Tipo de comentário	Descrição
<i>Discordância</i>	Quando o leitor ou o jornalista se declarar contrário – ou deixar explícita sua discordância – a um texto ¹⁸ ou a parte dele; quando o leitor criticar o jornalista ou outro leitor ou quando o jornalista criticar um leitor, mencionando-o explicitamente ou não.
<i>Concordância</i>	Quando o leitor ou o jornalista declarar que concorda com um texto ou deixar explícita sua concordância; quando o leitor declarar que concorda com o jornalista ou outro leitor ou quando o jornalista declarar que concorda com um leitor.
<i>Contribuição</i>	Quando o leitor ou o jornalista: - não afirmar explicitamente que concorda ou discorda de um texto, mas comentar o tema; - corrigir um texto do jornalista/leitor ou parte dele; - indicar/citar textos de outras fontes que não sejam o próprio <i>blog</i> .
<i>Sugestão/pergunta/pedido</i>	Quando o leitor fizer sugestão, pergunta ou pedido ao jornalista ou a outro leitor; quando o jornalista fizer sugestão, pergunta ou pedido a um leitor.
<i>Elogio</i>	Quando o leitor elogiar o jornalista ou outro leitor; ou o texto do jornalista ou de outro leitor; quando o jornalista elogiar o leitor ou o texto do leitor.
“Resposta” ¹⁹	Quando um participante do <i>blog</i> (jornalista ou leitor) atender a sugestão/pergunta/pedido formulado por outro participante do <i>blog</i> (seja o jornalista ou outro leitor).
<i>Ironia</i>	Quando o leitor ou o jornalista fizer comentários aparentemente irônicos.
<i>Humor</i>	Quando o leitor ou jornalista fizer comentário cômico, bem-humorado.
<i>Outro tema</i>	Quando o comentário não tiver relação com o tema em discussão.
<i>Outras</i>	Quando o comentário não se enquadrar em nenhuma dessas opções anteriores.

¹⁸ Seja ele um texto principal, um comentário ou uma réplica.

¹⁹ O termo resposta está entre aspas para distingui-lo do termo técnico resposta em análise do comportamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Esclarecimentos

Sobre os comentários recebidos – Antes de entrar na descrição dos resultados, convém fazer alguns esclarecimentos sobre alguns termos que serão adotados daqui para a frente. Em primeiro lugar, quando se falar em comentários recebidos/obtidos/publicados, e expressões desse tipo, será em referência aos comentários efetivamente publicados no *blog*, aos quais se teve acesso. Esse número não será necessariamente o mesmo número de comentários recebido pelo jornalista, uma vez que o *blog* é mediado, logo, o jornalista pode vetar comentário que considere inadequado por alguma razão. Mas para simplificar o texto, o leitor encontrará termos como *o texto mais comentado*, *obteve x comentários* e assim por diante. Do mesmo modo, quando se disser comentário a determinado texto, se quer dizer que tal comentário foi feito no espaço de comentário desse texto específico, ainda que não tenha nada a ver com tal texto.

Denominações dos tipos de textos – Quando se falar em *texto* será em referência aos *textos principais* (do jornalista ou do leitor) publicados na página principal. *Comentários* são os comentários publicados no espaço de comentários, que foram subdivididos de acordo com a Tabela 1.

Referências ao jornalista – A sigla LN (Luis Nassif) será usada, por vezes, no lugar do nome do jornalista.

Sobre o episódio envolvendo Marco Aurélio Garcia (MAG) – Após a ocorrência do acidente, a imprensa enfatizou possíveis falhas na pista de Congonhas, que, se comprovadas, poderiam responsabilizar diretamente o governo federal. No dia 19 de julho, porém, o *Jornal Nacional* apresentou reportagem mostrando que havia indícios de que houve uma falha mecânica no avião. O assessor especial da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia, foi filmado em seu gabinete, no momento em que supostamente assistia ao *Jornal Nacional*, fazendo um gesto que ficou conhecido como “Top-top”. Como esse episódio teve muita repercussão no *blog*, será analisado à parte. Para facilitar referências futuras a esse evento, Marco Aurélio Garcia será referido ora como MAG, ora como ministro. E o episódio da divulgação de suas imagens será referido como gestos de MAG.

Código dos textos – Ao ser cadastrado no sistema, cada texto recebeu um número (de 1 a 38). Esses textos poderão ser referidos posteriormente pelo número.

Citação de textos e de comentários – As citações textuais de comentários (ou trechos de comentários) ou de textos (ou trechos de textos) de leitores ou do jornalista serão feitas tal qual foram publicadas, sem se destacar eventuais erros referentes às normas gramaticais.

3.2 Sobre o conjunto dos dados coletados

Conforme mostrado na Tabela 3, foram publicados 37 textos entre as 23h50 do dia 17/07/2007 e as 11h51 do dia 21/07/2007. Esses textos produziram 1.504 comentários, aos quais se originaram 169 réplicas do jornalista aos leitores. Estão sintetizados nessa Tabela dados sobre esses textos, como títulos e códigos, autores, datas e horários de publicação, temas, números de comentários e réplicas recebidos, datas e horários da publicação do 1º e do último comentários, intervalos entre a publicação do texto principal e do 1º comentário e intervalos entre a publicação do 1º e do último comentários. A falta de seqüência inicial (de 1 para 37) se deu porque só depois de iniciada a coleta resolveu-se incluir na análise todos os textos publicados no período, e não só os referentes ao acidente da TAM. O texto 7 não aparece na tabela porque é o *Trivial de domingo*, publicado antes da ocorrência do acidente, que será analisado posteriormente.

Foram analisados também cinco comentários enviados por leitores ao *blog* antes de o jornalista escrever sobre o acidente naquele espaço. Eles não aparecem na referida tabela porque foram analisados sem se considerar o título principal ao qual se referem, que foi o *Trivial de Terça*, do dia 17, publicado também antes da ocorrência do evento. Assim, foram analisados no total 1.509 comentários. No entanto, para os objetivos pretendidos com esta pesquisa, será enfatizada a análise dos 37 textos, dos 1.504 comentários e das 169 réplicas do jornalista aos leitores, assim como a análise comparativa do trivial publicado antes da ocorrência do acidente com os triviais publicados posteriormente ao acidente.

O texto *Sobre a pista de Congonhas* (1), o primeiro publicado sobre o acidente, foi escolhido pelo jornalista, para publicação na página principal do *blog*, entre esses cinco comentários iniciais. Observa-se na Tabela 3 que 12 dos textos principais, destacados em cinza, foram enviados por leitores ao *blog*, inicialmente como comentários. Os 25 restantes são de autoria do jornalista, exceto o texto *A captura das agências reguladoras* (10), que é um artigo de outra pessoa, indicado ao jornalista por um leitor. Como o jornalista escreveu um breve comentário sugerindo a leitura desse texto e remetendo os leitores do *blog* ao *link* em que o texto poderia ser lido na íntegra, optou-se por agrupá-lo entre os textos do jornalista, para diferenciá-lo de outros textos de leitor, publicados na página principal, sem comentários do jornalista.

Tabela 3. Relação dos textos principais com respectivos títulos e códigos, autores, horários de publicação, temas, nº de comentários, nº de réplicas do jornalista, intervalos entre sua publicação e a publicação do 1º comentário e entre a publicação do 1º e último comentários.

Título e código	Autor/ Enviado por	Data/hora de publicação	Tema	Nº comen- tários	Nº Répli- cas LN	Data/hora de publicação do 1º comentário	Data/hora publicação do último comentário	Intervalo entre a publicação do texto e do 1º comentário (hora, minuto e segundo)	Intervalo entre a publicação do 1º e do último comentário (hora, minuto e segundo)
Sobre a pista de Congonhas (1)	Roberto	17/07/2007 23:50	Acidente da TAM	9	-	18/07/2007 10:18	18/07/2007 14:10	10:28:54	3:51:17
A pintura de Pollock (37)	Leão Machado Neto	17/07/2007 23:54	Arte	11	3	18/07/2007 00:38	18/07/2007 20:07	0:44:00	19:29:00
Lula e o câmbio (38)	Luis Nassif	18/07/2007 00:02	Economia	22	4	18/07/2007 00:45	19/07/2007 16:02	0:43:00	39:17:00
Prospectando as causas do acidente (2)	Luis Nassif	18/07/2007 00:14	Acidente da TAM	53	3	18/07/2007 00:39	18/07/2007 17:28	0:25:57	16:48:37
A apropriação da ANAC (3)	Luis Nassif	18/07/2007 00:21	Acidente da TAM	36	2	18/07/2007 00:41	19/07/2007 12:07	0:20:04	35:26:33
Trivial de uma quarta com luto (4)	Luis Nassif	18/07/2007 00:23	Acidente da TAM	35	3	18/07/2007 00:43	18/07/2007 21:52	0:20:50	21:08:29
O inventário do desastre (5)	Luis Nassif	18/07/2007 10:06	Acidente da TAM	25	1	18/07/2007 11:08	18/07/2007 19:09	1:02:30	8:01:02
A hidroplanagem na aviação (6)	Silvana	18/07/2007 10:30	Acidente da TAM	15	-	18/07/2007 13:41	19/07/2007 12:08	3:11:57	22:26:10
A falta do modelo aéreo (8)	Ricardo Lima	18/07/2007 10:32	Acidente da TAM	18	2	18/07/2007 11:17	19/07/2007 12:08	0:45:41	24:50:59
Congonhas e as normas de segurança (9)	Afonso/ Ricardo Freire	18/07/2007 10:47	Acidente da TAM	37	-	18/07/2007 14:02	19/07/2007 17:34	3:15:18	27:31:55
A captura das agências reguladoras (10)	Luis Nassif	18/07/2007 14:01	Agências reguladoras	19	2	18/07/2007 14:28	19/07/2007 15:39	0:27:11	25:11:01
Relatório preliminar do acidente (11)	Luis Nassif	18/07/2007 14:20	Acidente da TAM	37	4	18/07/2007 15:42	19/07/2007 20:34	1:22:20	28:52:06
Os objetivos do Milênio (12)	Roberto Schwartz	18/07/2007 15:58	Programas sociais	3	1	18/07/2007 17:46	19/07/2007 15:40	1:48:14	21:53:48
Petralhas e tucanalhas (13)	Luis Nassif	18/07/2007 16:02	Radicais do PT e PSDB	112	16	18/07/2007 17:07	20/07/2007 10:57	1:05:15	41:50:37
A pintura de Sérgio Alexandre (14)	Sérgio Alexandre	18/07/2007 21:23	Arte	10	1	18/07/2007 23:26	19/07/2007 21:29	2:03:26	22:02:37
Trivial de quinta com Ferrari (15)	Luis Nassif	18/07/2007 23:35	Arte	45	8	19/07/2007 07:54	20/07/2007 10:58	8:19:37	27:04:18
A aviação e o problema regulatório (16)	Luis Nassif	19/07/2007 07:00	Acidente da TAM	44	11	19/07/2007 07:53	20/07/2007 16:55	0:53:53	33:01:45
A Rádio Web da Guitarra (17)	Luis Nassif	19/07/2007 13:16	Música	5	2	19/07/2007 13:53	20/07/2007 10:59	0:37:30	21:06:23
Das manchetes perigosas (18)	Luis Nassif	19/07/2007 14:57	Acidente da TAM	34	5	19/07/2007 15:35	20/07/2007 12:30	0:38:41	20:54:24
O fetiche do mercado (19)	Luis Nassif	19/07/2007 15:33	Concentração de vôos em Congonhas	33	3	19/07/2007 16:15	20/07/2007 17:57	0:42:44	25:42:01
Os desastres aéreos (20)	Luis Nassif	19/07/2007 17:20	Acidente da TAM	16	2	19/07/2007 18:43	19/07/2007 23:10	1:23:31	4:27:07
A saga corintiana (21)	Luis Nassif	19/07/2007 18:00	Futebol	32	12	19/07/2007 18:41	20/07/2007 16:42	0:41:41	22:01:05
FAA aprova sistema aéreo brasileiro (22)	Luzete	19/07/2007 19:49	Acidente da TAM	9	2	19/07/2007 20:15	20/07/2007 11:03	0:26:55	14:47:14
A propósito do furo do JN (23)	Luis Nassif	19/07/2007 21:28	Acidente da TAM	53	6	19/07/2007 21:39	21/07/2007 00:02	0:11:58	26:22:03
Tratado sobre as manchetes (24)	Lu Dias	19/07/2007 21:35	Mídia	28	3	19/07/2007 21:57	20/07/2007 18:48	0:22:49	20:50:34
O uso do reverso (25)	Antonio Carlos	19/07/2007 23:07	Acidente da TAM	19	-	19/07/2007 23:17	22/07/2007 10:09	0:10:22	58:52:30
A questão do reverso (26)	Luis Nassif	19/07/2007 23:16	Acidente da TAM	47	3	20/07/2007 11:13	22/07/2007 18:28	11:57:56	55:14:06
A solidariedade do presidente (27)	Anonimo	19/07/2007 23:24	Acidente da TAM	71	2	20/07/2007 12:01	20/07/2007 21:59	12:37:40	9:58:17
Trivial de sexta com James Brown (28)	Luis Nassif	19/07/2007 23:59	Música	33	-	20/07/2007 10:51	21/07/2007 12:04	10:52:24	25:12:36
O risco de um novo "apagão" (29)	Luis Nassif	20/07/2007 07:00	Economia	19	1	20/07/2007 10:49	26/07/2007 20:10	3:49:50	153:20:32
As responsabilidades da TAM (30)	Luis Nassif	20/07/2007 10:48	Acidente da TAM	55	6	20/07/2007 11:30	21/07/2007 14:48	0:42:16	27:18:32
Vídeos sobre o Airbus (31)	Luis Nassif	20/07/2007 11:38	Acidente da TAM	32	2	20/07/2007 12:28	22/07/2007 10:12	0:50:23	45:43:52
Das responsabilidades e do crime (32)	Luis Nassif	20/07/2007 13:13	Acidente da TAM	91	7	20/07/2007 13:38	21/07/2007 13:03	0:25:43	23:24:34
Radicalização irresponsável (33)	Luis Nassif	20/07/2007 18:11	Acidente da TAM	224	24	20/07/2007 18:26	23/07/2007 13:09	0:15:00	66:43:50
Trivial de um sábado musical (34)	Luis Nassif	21/07/2007 00:10	Música	43	8	21/07/2007 11:48	22/07/2007 14:07	11:38:48	26:18:20
O problema não é Marco Aurélio (35)	Luis Nassif	21/07/2007 11:48	Acidente da TAM	92	18	21/07/2007 12:32	23/07/2007 13:34	0:44:11	49:02:12
Modelo de atuação (36)	Virgilio Tamberlini	21/07/2007 11:51	Acidente da TAM	37	2	21/07/2007 12:34	23/07/2007 15:38	0:43:29	51:03:55
Total	-	-	-	1.504	169	-	-	-	-

Os 37 textos referidos anteriormente foram publicados no *blog* em menos de quatro dias (cerca de três dias e meio), o que significa uma média de 10,6 textos publicados por dia. No dia 18, data imediatamente posterior ao acidente, foram publicados 14 textos no *blog* e 467 comentários de leitores (sem contar as réplicas do jornalista). No dia 19, 13 textos e 424 comentários; no dia 20, 5 textos e 421 comentários. Finalmente, no dia 21, até às 12 horas, foram publicados 3 textos na página principal e 172 comentários.

O período de publicação de comentários iniciou-se às 23h47 do próprio dia 17 e estendeu-se até o dia 23, com exceção de um comentário ao texto 29, publicado no dia 26. No entanto, identificaram-se apenas três comentários publicados no dia 23, o que indica que à parte esses comentários (os do dia 23 e o do dia 26), as discussões iniciadas com a publicação do texto principal se estenderam até o dia 22. Dividindo-se o número total de comentários por seis dias chega-se a uma média de 250,7 comentários publicados por dia.

Nos dois dias posteriores ao evento, dias 18 e 19, houve pequena variação no número de textos publicados na página principal e no número geral de comentários de leitores. Nesses dois dias o jornalista usou mais as contribuições dos leitores na página principal do que o fez nos dias seguintes. Encontrou-se uma média de 33 comentários por texto. No dia 20, porém, quando todos os cinco textos publicados foram de autoria do jornalista, houve 421 comentários, uma média de 84,2 comentários por texto. Isso talvez seja um indício de que a escrita do jornalista controle o leitor diferencialmente em comparação com a escrita de outros leitores. Essa questão será retomada à frente.

Identificaram-se 560 leitores que tiveram comentários publicados no *blog* no período. Esse número não é preciso porque um único leitor pode, eventualmente, fazer diferentes comentários usando diferentes identificações. Tanto assim que o jornalista se dirige a uma leitora chamando-a por outro nome, e afirma, em réplica a essa leitora, que o faz porque acha que ela está usando duas identificações diferentes no *blog*. É possível, portanto, que um único leitor tenha mais que um registro no sistema. Às vezes, os próprios leitores afirmam que outro freqüentador do *blog* usou a identificação deles ao comentar certos assuntos.

Nota-se, porém, que muitos leitores identificam-se pelo próprio nome, sobrenome e profissão. Outros, embora usem apenas prenome, sobrenome ou codinome, são freqüentadores assíduos do *blog*. Em um levantamento sistemático no banco de dados do *blog*, entre setembro e outubro de 2006, identificaram-se cerca de 50 nomes de

leitores que apareceram também no material coletado para a presente pesquisa e aparecem atualmente em outras discussões do *blog*. Isso significa que esses leitores contribuem com o *blog* há mais de um ano. Nesse breve levantamento buscaram-se apenas pessoas que se identificavam com nome e sobrenome ou cujo nome ou apelido fosse pouco comum, por exemplo, Arkx, Justo, Weden. Sem essa restrição, a coincidência de leitores em ambas as amostras possivelmente seria maior. Convém ressaltar que esse número de leitores refere-se aos comentaristas do *blog*, não envolve o número efetivo de leitores que freqüentam o *blog*, mas não enviam comentários aos textos publicados nesse espaço.

Apesar da possível duplicidade de alguns registros referentes à identificação de leitores, a diversidade de pessoas participando ativamente do *blog* é impressionante. Embora maior quantidade de indivíduos discutindo certo tema não implique, necessariamente, maior qualidade das discussões, quantidade é requisito importante para a obtenção de certos efeitos, como lembra Skinner (1968/1972), ao discutir contingências relacionadas com o estabelecimento de “originalidade” em certos comportamentos. Skinner afirma que: “Em igualdade de condições, a cultura terá maior probabilidade de descobrir um artista original, se induz muita gente a pintar quadros, ou de produzir um grande compositor, se induzir muita gente a compor” (Skinner, 1968/1972, pp. 171-172).

O autor cita como exemplo o comportamento do jogador exímio em xadrez. Diz que grandes jogadores de xadrez são originários de países que encorajam esse jogo, assim como grandes matemáticos vêm de nações que estimulam a matemática. Na mesma direção dos exemplos de Skinner, e para citar um exemplo brasileiro, seria possível dizer que grandes jogadores de futebol são originários de países que incentivam o futebol, como o Brasil.

De forma semelhante, maior número de pessoas discutindo certos temas pode ser uma estratégia para contrabalançar contingências poderosas contrárias à diversidade na imprensa, conforme discutido por Ramonet (1995); Laitinen e Rakos (1997); Rakos (1993); Sader (1998); e Chauí (2006). Ramonet (1995), ao caracterizar o que chamou de “pensamento único” ou “a nova ideologia dominante”, afirma que o pensamento único traduz interesses de um conjunto de forças econômicas, que detém o controle até do próprio Estado. Em menor escala, só o fato de mídia ser indústria como outra qualquer, como lembram Sader (1998) e Chauí (2006), já constitui um risco de que interesses políticos, ideológicos e econômicos de determinados setores da sociedade se

sobreponham aos interesses de outros grupos, entre os quais, os consumidores dos produtos da mídia.

Para Laitinen e Rakos (1997), a diversidade na mídia reduz-se a um grupo homogêneo de jornalistas escolhidos para interpretar e apresentar informações. Os autores destacam que jornalistas são selecionados por contingências econômicas que favorecem a riqueza, e operam por meio de sistemas sociais e educacionais. Esses sistemas resultam em escolas de jornalismo empregando jornalistas influentes, que poderão facilitar trabalhos futuros para os estudantes da área (Laitinen e Rakos, 1997, p.239). A esses jornalistas, que estariam a serviço do mercado, Halimi (1998) – referindo-se a jornalistas franceses – chamou de “cães de guarda”. Kucinski (2004) os definiu como “grifes” jornalísticas, compreendidas como um seleto grupo de jornalistas que cria microempresas e vende seu prestígio para jornais do eixo Rio-São Paulo. Suas colunas são reproduzidas em noticiários de rádio e TV, assim como em jornais de outras capitais e cidades do interior. Para o autor, o jornalista “grife” típico é um misto de intelectual do neoliberalismo e artista que, pela notoriedade adquirida na televisão, recebe salário de artista. Compõe, em geral, conselhos editoriais de meios de comunicação, assim contribui com a formulação de políticas que depois ajuda a defender na imprensa (Kucinski, 2004, pp. 114-115).

Em conformidade com Laitinen e Rakos (1997) e Kucinski (2004), Chauí (2006), citando Lash (1993)²⁰, afirma que os meios de comunicação de massa substituíram o senso de “verdade” e de “falsidade” pela noção de credibilidade ou plausibilidade e confiabilidade, de forma que basta ser crível ou plausível, ou ainda, ser afirmado por uma fonte confiável para ser aceito como verdadeiro. “Os fatos cederam lugar a declarações de ‘personalidades autorizadas’, que não transmitem informações, mas preferências, as quais se convertem imediatamente em propaganda” (Chauí, 2006, p. 8).

Com a possibilidade de participação ativa do leitor no processo de construção da notícia, o poder dessas contingências poderá, eventualmente, se tornar ameno. Não se quer dizer que não exista o chamado pensamento único no blogs, haja vista que eles geralmente são mediados, de forma que o blogueiro poderá publicar apenas comentários que estejam de acordo com suas concepções políticas e ideológicas. Tampouco se está sugerindo que os blogs e quaisquer publicações na Internet sejam imunes a

²⁰ Lasch, C. (1983). *Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.

contingências poderosas como as descritas acima. No entanto, o leitor que teve o comentário censurado em um blog poderá tê-lo publicado em outro, e, eventualmente, até criar o próprio blog. Com a Internet, portanto, aumentam as possibilidades de contracontrole, o que, nos termos de Sidman (1989/2005), quer dizer que, de controlados, leitores podem passar a controladores ou pelo menos podem ampliar seu atual controle sobre a imprensa.

Além da variedade de fontes, inferida pelo número de colaboradores do *blog* no período, leitores que contribuem “espontaneamente” em um blog o fazem sob controle de diferentes contingências, em comparação com contingências econômicas e sociais que atuam sobre as fontes dos jornalistas, sobre os jornalistas e sobre a mídia em geral, conforme já destacado. De forma simplificada, essas contingências são resumidas na afirmativa de Sader de que um jornal, antes de ser vendido para o leitor, é vendido para agências de publicidade (p.8), ou no alerta de Chauí (1996, p.73) sobre o fato de que, afora os problemas ideológicos, os meios de comunicação fazem parte da indústria cultural, portanto, estão sujeitos aos interesses do capital.

A possibilidade da participação dos leitores no processo de produção de notícia amplia também a discussão de Rakos (1993) sobre possíveis estratégias de intervenção para amenizar operações de controle comportamental estabelecidas por agências governamentais e executadas com apoio da mídia. O autor considerou que qualquer estratégia de intervenção teria de contar com a participação da grande imprensa. Com a Internet, talvez possam surgir outras possibilidades de intervenções, mesmo sem o apoio da grande imprensa.

No que diz respeito ao acidente da TAM, é possível supor que o produto final aqui analisado, resultado do comportamento verbal do jornalista e de seus leitores, constitui um exemplo prático de conceitos como o da reportagem compartilhada ou colaborativa, ou de *crowdsourcing*, descritos por Briggs (2007). O autor descreve assim a diferença entre ambos os termos:

O foco do *crowdsourcing* está normalmente na produção continuada de informação, enquanto a reportagem compartilhada está ligada à execução de um projeto específico e com tempo determinado como, por exemplo, responder a uma pergunta específica ou fazer uma reportagem sobre um assunto específico. (Briggs, 2007, p.49)

O leitor que teve acesso às discussões no *blog* sobre o acidente da TAM provavelmente teve uma visão mais ampla, mais diversificada, sobre o evento do que um leitor que tenha acompanhado notícias sobre o acidente por meio de um único jornal. Essa hipótese, porém, teria de ser verificada em outras pesquisas. Nessa direção, seria interessante comparar a variedade de pessoas discutindo o acidente da TAM no *blog*, bem como a qualidade de suas discussões, com a cobertura de algum jornal, estação de rádio ou de televisão sobre o mesmo assunto e no mesmo período.

Por outro lado, ao incluir leitores no processo de produção de notícia, os *blogs* poderão contribuir para ampliar o repertório verbal desses leitores. Como frisou Skinner (1968/1972, p.172), a mera quantidade de comportamento é importante para atingir a excelência de desempenho. Com o surgimento da Internet, possivelmente mais pessoas passaram a escrever com mais frequência do que antes, embora possivelmente tenham se reduzido outras formas de interações sociais.

3.3 Temas mais freqüentes nas interações

Assuntos referentes ao acidente da TAM apareceram freqüentemente nas discussões no *blog* no período analisado, tanto entre os textos publicados na página principal quanto entre os comentários dos leitores, o que indica que o evento exerceu forte controle sobre o comportamento verbal do jornalista e dos leitores. Entre os 37 textos mencionados anteriormente, apresentados na Tabela 3, só dez não tiveram relação com o tema (37, 38, 12, 14, 15, 17, 21, 28, 29, 34). Entre o material analisado, portanto, 27 textos ou tiveram relação direta com o acidente ou o acidente foi um evento importante para a emergência deles naquele momento. Apenas dois textos – *O risco de um novo “apagão”* e *A aviação e o problema regulatório* – foram publicados na seção de economia, sendo que no último o jornalista cita o acidente. A título de comparação, entre os dias 2 e 4 de julho de 2007 o jornalista publicou 11 textos na seção de economia (entre artigos da própria autoria e de autoria de leitor)²¹.

Entre os leitores dos já citados 1.504 comentários, 1.084 foram sobre o acidente da TAM. Observou-se também que os textos menos comentados são geralmente sobre outros assuntos. Embora o jornalista mantenha diariamente o tópico trivial (ver títulos dos textos 4, 15, 28, e 34, na Tabela 3) para o recebimento de comentários sobre assuntos diversos, leitores escreveram sobre o acidente em textos sem relação com o

²¹Fonte: seção de economia do *blog*, arquivos cujos textos foram publicados entre os dias 2 e 4 de julho de 2007, endereço (<http://www.projetoobr.com.br/web/blog/6>) consultado no dia 27/01/2008.

evento. Foi o caso de um comentário sobre a velocidade do avião, enviado ao espaço de comentário pertencente ao texto *Os objetivos do Milênio* (12). No texto *O risco de um novo “apagão”* (29), publicado no dia 20, na seção de economia, cinco de seus 19 comentários tiveram relação com o acidente.

É interessante notar, porém, que ao comentar o texto *A saga corintiana* (21), publicado às 18h do dia 19, ninguém mudou de tema: todas as discussões se relacionaram com futebol. Esse dado fortalece a hipótese de que o comportamento verbal dos leitores foi fortemente controlado por variáveis emocionais. Provavelmente, o tema futebol, sobretudo Corinthians, foi capaz de neutralizar o controle que o acidente vinha exercendo sobre o comportamento verbal dos participantes do *blog*.

3.4 Variedade temática nos triviais

Temas sobre arte – música e pintura – ficaram em segundo lugar entre os mais frequentemente publicados na página principal do *blog* no período analisado. Esse dado pode parecer estranho ao leitor porque, como se mencionou anteriormente, o *blog* é destinado notadamente para discussões no campo da política e da economia. Isso ocorreu, supõe-se, porque a coleta se estendeu até sábado, quando, em geral, temas amenos, como arte, costumam ganhar espaço no *blog*. E também, possivelmente, para amenizar o efeito de notícias “desagradáveis”, sobre o acidente, com temas amenos.

A prática de equilibrar no noticiário assuntos considerados “leves”, como arte, com assuntos “pesados”, é relativamente comum em alguns meios. Na rádio *Mundial*²² há um informativo chamado “Jornal da Boa Notícia”, em que, como o nome indica, notícias sobre tragédias ou violências são evitadas. Na rádio *Alpha*, jornalistas eram instruídos explicitamente a só escrever sobre assuntos relacionados com violência ou acidentes quando esses eventos fossem de tamanha magnitude que não pudessem passar despercebidos pelos ouvintes.²³ De modo geral, em telejornais tende-se a apresentar notícias “pesadas” no início e no meio desses programas e concluir a programação com notícias amenas,²⁴ mas essa questão teria de ser submetida a investigação sistemática.

²² Emissora FM, situada em São Paulo-SP (<http://www.radiomundial.com.br/jornalboanoticia>)

²³ A referida instrução era dada a jornalistas que trabalhavam na rádio Alpha, emissora FM localizada em São Paulo, durante o período em que a pesquisadora trabalhou na emissora (de novembro de 1995 a fevereiro de 2001).

²⁴ Há programas ou veículos que tendem a privilegiar em suas pautas temas relativos a desastre ou violência, por exemplo, o extinto *Notícias Populares*, do Grupo FSP, e programas de TV, como o também extinto *Aqui agora* e o atual *Linha Direta*, transmitido pela *Rede Globo*.

No que se refere ao tema arte, no *blog*, no período analisado, há que se considerar também que antes da ocorrência do acidente, o jornalista havia publicado uma série de textos sobre pintura, por exemplo, nos dias 13, 14, 15, 16 e 17. É possível que a publicação de textos como 37, 14 e 15, da Tabela 3, tenha a ver com essa história anterior dos participantes do *blog*, antes da ocorrência do acidente, e não com uma suposta tentativa de equilibrar notícias “pesadas” com notícias mais leves ou mais “neutras”.

O efeito do acidente da TAM sobre o comportamento verbal dos leitores se observa também quando se compara a variedade temática no *Trivial de domingo* (7), publicado no dia 1º de julho, antes do acidente, portanto, com a variedade temática dos quatro triviais subsequentes ao evento. Na Tabela 4 apresenta-se a relação desses cinco triviais analisados, destacando-se título, data e horário de publicação, tema e número de comentários por tema.

Em geral, o jornalista, ao publicar o trivial, dá uma sugestão para discussão. Com isso, adota procedimento semelhante ao descrito por Skinner (1957/1978) como dica temática. Trata-se, segundo Skinner, de “uma fonte suplementar de força [sobre o comportamento do ouvinte] sob a forma de tato ou de resposta intraverbal”. Dito de outra forma, o autor esclarece que dica temática pode constituir-se de “estímulos verbais comumente evocando termos do tópico a ser discutido como respostas intraverbais”. (Skinner, 1957/1978, p.309)

Compare-se a variedade temática do *Trivial de domingo* (7), 1º de julho, (primeiro quadro à esquerda), com a do *Trivial de uma quarta com luto* (4), do dia 18, publicado, portanto, imediatamente depois do acidente. Observa-se que no último (texto 4), de 35 comentários apenas seis não se referiram ao acidente da TAM. No tópico do dia 19²⁵, *Trivial de quinta com Ferrari* (15), cuja dica temática é arte, houve 15 comentários sobre o acidente, de um total de 45 comentários publicados. Somando-se o número de comentários sobre arte com o número de comentários sobre automobilismo, obtém-se 15 comentários, o mesmo número de comentários relacionados diretamente com o acidente. Esse fato talvez possa ser atribuído, em parte, à dica temática do jornalista, haja vista que o público do *blog* é notadamente masculino e, com base em relatos de alguns leitores, supõe-se que alguns são apreciadores da marca italiana.

²⁵ Observa-se que o tópico foi publicado no fim do dia 18. No entanto, refere-se ao dia 19, como o próprio título, *Trivial de quinta*, sugere. Normalmente o jornalista publica a nota para o trivial no fim do dia, como nesse caso, ou no início da manhã, como no caso do *Trivial de domingo*.

Assim, nesse trivial houve, aparentemente, certo equilíbrio entre o controle do acidente e o controle da dica temática e formal do jornalista sobre o comportamento verbal dos leitores.

O efeito dessa dica apresentada no texto apareceu nos comentários dos leitores sob diferentes formas: uns citaram em seus comentários as pinturas de Ferrari; outros, os carros da marca; outros, ainda, fizeram comentários sobre assuntos como automobilismo, sobre carros de outras marcas e sobre cultura italiana em geral.

No *Trivial de sexta com James Brown* (28), do dia 20, houve 13 comentários – de um total de 33 – sobre o acidente, e quatro comentários sobre arte. Os demais foram sobre economia, política, esporte, entre outros temas. Esses quatro comentários sobre arte parecem ter relação com a dica do jornalista, explicitada pelo nome do cantor James Brown, que teria funcionado como dica temática. Aqui, novamente, o acidente parece exercer forte controle sobre o comportamento verbal dos leitores, talvez estimulado por um fato novo, qual seja, a divulgação de um vídeo obtido por um cinegrafista da Rede Globo, em que aparece o assessor especial da presidência da República, Marco Aurélio Garcia, fazendo um gesto que ficou conhecido como *Top-top*. À frente será apresentada análise mais detalhada sobre as manifestações dos leitores acerca desse episódio

O último trivial da série analisada, *Trivial de um sábado musical* (34), (último quadro à direita), publicado no dia 21, recebeu 43 comentários. Destes, nove tiveram relação com o acidente e em quatro leitores citaram os gestos de MAG, que também têm ligação com o acidente da TAM. Foram publicados 15 comentários sobre política, entre eles, sobre o senador Antonio Carlos Magalhães, que morreu no dia anterior à publicação do trivial. A morte do senador possivelmente concorreu com o acidente da TAM na determinação do comportamento verbal dos leitores. Tanto que ele foi citado, no total dos comentários analisados na presente pesquisa, em 26 comentários. E, como já mencionado, logo depois do período compreendido na presente coleta, o jornalista iniciou uma série de publicações no *blog* sobre o senador.

Tabela 4. Relação dos cinco triviais analisados (o de 1º de julho e os quatro dos dias seguintes ao acidente da TAM). Em cada quadro mostram-se título, data e horário de publicação, tema e número de comentários por tema.

Trivial de domingo (01/07/2007 07:00)

Tema dos comentários	Nº de comentários
Arte	4
Trivial	4
Agressão contra a empregada doméstica.	3
Elogia LN	3
Identidade falsa	3
Política	3
Fábio Wanderley	2
Futebol	2
NoMínimo	2
Economia	1
Noam Chomsky	1
Total	28

Trivial de uma quarta com luto (18/07/2007 00:23)

Tema dos comentários	Nº de comentários
Acidente da TAM	29
Política	4
Economia	1
Futebol	1
Total	35

Trivial de quinta com Ferrari (18/07/2007 23:35)

Tema dos comentários	Nº de comentários
Acidente da TAM	15
Arte	12
Automobilismo	3
Economia	3
Normas de convivência no blog	2
Política	2
Trivial	2
Aviação	1
Comentário de Silvana	1
Energia nuclear	1
Esporte	1
Organização de documentos pessoais	1
Outros	1
Total	45

Trivial de sexta com James Brown (19/07/2007 23:59)

Tema dos comentários	Nº de comentários
Acidente da TAM	13
Política	8
Arte	4
Economia	3
Esporte	2
auto-correção	1
Mídia	1
Outros	1
Total	33

Trivial de um sábado musical (21/07/2007 00:10)

Tema dos comentários	Nº de comentários
Política	15
Arte	11
Acidente da TAM	9
Gesto de MAG	4
Aviação	1
Crônica	1
Economia	1
E-mail de LN	1
Total	43

3.5 Sobre os textos mais comentados e os textos menos comentados

Partes ou trechos dos cinco textos mais comentados estão apresentados na Tabela 5, na qual se incluíram também o título do texto, autor/quem o enviou e o número de comentários recebidos. Aparentemente, os temas mais comentados são aqueles que controlam o leitor emocionalmente. O leitor parece ser instado a responder diante de situações em que teria de atuar em defesa ou contra alguém ou alguma instituição, como, por exemplo, um partido político, um político, o governo. É possível que palavras ou expressões desses textos, como nos exemplos sublinhados pela autora, tenham provocado o leitor a responder, seja concordando ou discordando do jornalista. Observe-se a seguinte passagem, retirada do texto *Radicalização irresponsável*, de LN: “Os gestos do Marco Aurélio Garcia e do seu assessor, comemorando a ‘barriga’ da cobertura do ‘Jornal Nacional’ são condenáveis. Mas filmá-los dentro de sua sala, na intimidade, equivale a um grampo ilegal. É crime”.

Talvez formas como ilegal, crime, ato criminoso de grampear sem autorização judicial, tenham evocado reações emocionais nos leitores e controlado seu comportamento verbal de determinada maneira. Em *Petralhas e Tucanalhas*, o próprio título poderia evocar reações típicas de comportamentos emocionais, em razão da história de estabelecimento dessas palavras. Trata-se de neologismos formados com radicais das palavras petista e tucano, acrescidos de partes do termo “canalha.” São usados normalmente para referir, de forma pejorativa, aos partidários do PT e do PSDB. Além disso, o jornalista usa nesse texto expressões como: o estômago revira, baixaria ampla e irrestrita, parecendo comunidades de torcida organizada do Orkut.

Análise semelhante se pode fazer sobre o texto *Das responsabilidades e do crime*, em que LN crítica as condições aéreas nacionais, portanto, sua crítica é dirigida, nesse aspecto, ao governo federal. Em segundo lugar, considera criminosa (ele usa a palavra crime já no título) a decisão de manter em operação um avião com problemas em um dos reversos, nas condições de tempo do dia do acidente. Aqui, portanto, sua crítica é dirigida à administração da TAM. Assim, poderia provocar reações de críticos e de defensores do governo e de críticos e de defensores da TAM.

No texto *O problema não é Marco Aurélio* (35) LN defende a demissão do presidente da ANAC e do ministro da Defesa. Diz ainda: “Ontem prosseguiu o festival de exploração política do gesto de Marco Aurélio Garcia. Fosse um país mais racional, em vez de explorar sentimentos de parentes de vítimas em um episódio irrelevante...”

Em *A solidariedade do presidente*, há forte apelo emocional, como, por exemplo, nesta passagem: “Mas, como quem perdeu um amigo de há 20 anos, pai de família, marido da minha melhor amiga, pai de dois filhos de 9 e 6 anos, tenham certeza, faltou a palavra do Presidente à nós... Faltou solidariedade de quem comanda a nação”.

Tabela 5. Relação dos cinco textos mais comentados, em ordem decrescente de comentários, em que se apresentam título e código, autor, texto* ou parte dele e número de comentários.

Título e código	Enviado por	Texto ou parte dele	Nº comentários
Radicalização irresponsável (33)	Luis Nassif	A radicalização política está assumindo proporções assustadoras. Está se tornando um fenômeno amplo e pode fugir ao controle do bom senso. Os gestos do Marco Aurélio Garcia e do seu assessor, comemorando a “barriga” da cobertura do “Jornal Nacional” são condenáveis. <u>Mas filmá-los dentro de sua sala, na intimidade, equivale a um grampo ilegal. É crime.</u> Qual teria sido o comentário dos editores da Globo quando receberam o material que permitiu desviar o foco da discussão da cobertura para o gesto do assessor? Lembro-me quando a “Veja”, em um de seus momentos típicos, crucificou o jornalista Ricardo Boechat, em cima de frases tiradas de um grampo, em uma conversa informal. Um ex-diretor da revista, Mário Sérgio Conti, comentou com o então diretor da revista que se tivessem sido grampeadas as conversas deles com Pedro Collor, ninguém sairia ileso. E isso porque termos e frases (até gestos) em uma conversa privada em tudo diferem de uma manifestação pública. Muitas vezes o problema não é da frase ou do gesto: <u>é do grampo e da publicidade dada ao ato criminoso de grampear sem autorização judicial...</u>	224
Petralhas e tucanalhas (13)	Luis Nassif	Cada vez que leio comentários com as expressões “petralha”, “tucanalha”, “Lulla”, “FHC boca de caçapa”, confesso que <u>o estômago revira</u> . A blogosfera tem blogs de todos os tipos, próprios para catarse, alguns para <u>baixaria ampla e irrestrita</u> , muitos <u>parecendo comunidades de torcida organizada do Orkut</u> . Aqui a proporção de ofensas é consideravelmente menor. Mas sempre que ocorrem tragédias, volta a guerra. É sumamente antipático vetar comentários. Mas que tal mantermos o nosso Blog no campo das idéias? É a melhor maneira de espantar as abelhas de todas as matizes.	112
O problema não é Marco Aurélio (35)	Luis Nassif	O pacote anunciado ontem por esse Conselho de Aviação Civil (CONAC) traz um <u>conjunto de medidas óbvias, que jamais precisariam ser adotadas por um Conselho que se reuniu apenas duas vezes em sua existência</u> . Tinha que ter sido tomadas pela própria ANAC. Homenageado ontem pela Aeronáutica, <u>o presidente da ANAC, Milton Zuanazzi, não tem condições de continuar à frente do órgão...</u> Ontem prosseguiu o festival de <u>exploração política do gesto do Marco Aurélio Garcia</u> . Fosse um país mais racional, em vez de <u>explorar os sentimentos de parentes de vítimas em um episódio irrelevante, essa energia toda deveria estar concentrada na pressão pela definição de um novo modelo aéreo, pelo afastamento do Ministro da Defesa Waldir Pires e do presidente da ANAC Milton Zuanazzi</u> e pela criação de um grupo de trabalho independente, que possa estudar experiências internacionais e apresentar um novo modelo, consistente, de gestão da logística nacional.	92
Das responsabilidades e do crime (32)	Luis Nassif	Há duas situações claras e distintas nesse acidente. Uma, as condições do espaço aéreo nacional, com toda sua precariedade, incluindo as condições de pouso em Congonhas. Outra, tendo como dado objetivo esse cenário, a decisão de manter em voo uma aeronave com o reverso avariado, e de ter permitido uma decolagem com as condições de tempo registradas e o peso carregado pela aeronave. O primeiro caso é uma discussão política relevante, com desdobramento nas áreas cível e, eventualmente, na área criminal. <u>O segundo caso é crime. Resta saber se a responsabilidade é apenas da TAM ou se compartilhada com a agência fiscalizadora.</u>	91
A solidariedade do presidente (27)	Anônimo	Como vários de vcs disseram, não se sabe a causa EXATA do acidente, se o reverso é o único responsável e é leviano culpar quem quer que seja. Mas pela lógica de quem nada entende, necessário deve ser, senão não existiria, e como bem diz Nassif, seria ao menos um fator de risco a mais... Quanto ao Lula, não é culpa dele e pouco me importa o que outros ou a mídia achariam... Mas, <u>como quem perdeu um amigo de há 20 anos, pai de família, marido da minha melhor amiga, pai de dois filhos de 9 e 6 anos, tenham certeza, faltou a palavra do Presidente à nós</u> . Que temos que ir ao IML munidos de ficha dentárias e afins, como colocaram acima, para identificar corpos carbonizados. Que vivemos o horror de ver famílias destruídas. Que choramos a cada vez que não, aquele corpo não é daquela “nossa” pessoa amada... <u>Faltou o estadista</u> (em que pese eu SEMPRE tenha votado nele), <u>que se colocasse nos nossos lugares e se manifestasse</u> . Faltou solidariedade de quem comanda a nação....	71

* Os grifos, nos textos, são da pesquisadora

Em geral, os textos mais comentados foram também os que tiveram maior número de réplicas do jornalista (ver réplicas por texto na Tabela 3). Talvez essas características dos textos mais comentados possam ter influenciado o leitor diferencialmente em comparação com os textos menos comentados, e a forma da reação dos leitores, por sua vez, pode ter influenciado o jornalista diferencialmente em comparação às manifestações de leitores aos textos menos comentados. É possível que nessas interações tenha algum componente de comportamentos emocionais.

O efeito de variáveis emocionais sobre o comportamento verbal foi discutido por Skinner (1957/1978), por exemplo, quando o autor descreveu alguns processos do comportamento em geral aplicáveis ao comportamento verbal. Skinner cita um exemplo desse processo neste trecho:

Quando ‘provocamos uma emoção’, alteramos as probabilidades de certos tipos de resposta. Assim, quando enfurecemos um homem, aumentamos a probabilidade de comportamento abusivo, amargo, ou de qualquer outro tipo de comportamento agressivo, e diminuimos a probabilidade de comportamento generoso ou cooperativo (Skinner, 1957/1978, p.258).

Para Skinner, uma expressão emocional pode criar condições que levam ao aumento da probabilidade de um organismo agir de certa forma ou de obter certos efeitos.

Mostra-se na Tabela 6 a relação dos cinco *textos* menos comentados, incluindo-se título e código, autor/quem o enviou, texto ou parte dele, e número de comentários recebidos. Nenhum deles obteve acima de dez comentários. Esses textos podem ser separados em dois grupos: a) não têm relação com o acidente: (*A pintura de Sérgio Alexandre, A Rádio Web da Guitarra e Os objetivos do Milênio*); b) têm relação com o acidente, mas trataram de questões mais técnicas (*FAA aprova sistema aéreo brasileiro e Sobre a pista de Congonhas*). Em síntese, são textos com menor probabilidade de provocar polêmica em comparação com os mais comentados.

Ressalte-se que em *Os objetivos do milênio*, o leitor discute resultados de um trabalho acadêmico, de própria autoria, sobre redes de assistência social. Afirma que há indícios de que gastos sociais têm impactos positivos não apenas na diminuição da "pobreza monetária" como em todas as camadas da "pobreza humana". Trata-se, pois, de tema importante para os objetivos do *blog*, haja vista que o próprio jornalista afirmou

que o *Projeto Brasil*, ao qual o *blog* está vinculado, é “um empreendimento jornalístico independente que oferece os conteúdos e ferramentas necessárias para a discussão estruturada de temas estratégicos para o desenvolvimento nacional”.

O texto *A solidariedade do presidente*, por outro lado, é um relato pessoal sobre um caso particular do(a) autor(a), amigo de uma família cujo pai morreu no acidente. O(a) comentarista(a) julgou que as medidas protocolares adotadas até então pela Presidência da República foram insuficientes. Acha que faltou uma manifestação direta do presidente às famílias das vítimas.

Compare-se, por exemplo, o número de comentários ao texto *A solidariedade do presidente* (27), escrito de forma anônima, com o número de comentários ao texto *Os objetivos do Milênio* (12). É difícil explicar a diferença entre o número de manifestações do leitor a um e a outro textos, considerando-se conseqüências práticas que poderiam resultar da discussão de um e de outro temas. Baseando-se nas afirmações anteriores do jornalista, sobre os objetivos do *Projeto Brasil*, pode-se concluir que a discussão do texto *Os objetivos do Milênio* teria muito mais importância do que a do texto *A solidariedade do presidente*.

Tabela 6. Relação dos cinco textos menos comentados, em ordem decrescente de comentários, com título e código, autor, texto ou parte dele e número de comentários.

Título e código	Enviado por	Texto ou parte dele	Nº comentários
A pintura de Sérgio Alexandre (14)	Sérgio Alexandre	A pintura de Sérgio Alexandre Vi suas pinturas do pintor iraniano, uma amiga me mandou e falou assim: ISSO QUE É PINTURA! bom esse cara mas eu quando tinha 31 era melhor ainda, DEPOIS ATINGI A PERFEIÇÃO COSMICA E É ISSO. em óleo sobre tela 70x100cm pintada no fim de março de 2007 Aqui, a perfeição cósmica do Sergião	10
FAA aprova sistema aéreo brasileiro (22)	Luzete	Adriana Stock, da BBC - De Nova York Apesar da crise aérea no Brasil e do acidente com o voo 3054 no aeroporto de Congonhas, a autoridade americana para aviação civil acredita que o sistema de aviação brasileiro está de acordo com os padrões internacionais de segurança. "O Brasil está OK com os padrões internacionais da Organização Internacional de Aviação Civil (Icao, na sigla em inglês)", diz Les Dorr, porta-voz da Agência Federal de Aviação dos Estados Unidos (FAA, na sigla em inglês). Desde o início da década de 1990, a FAA tem um programa que avalia as autoridades de aviação em cada país, isto é, se o governo está seguindo as regras internacionais de segurança determinadas pela Icao. Os países são classificados nas categorias um e dois. Na categoria um, o país segue as regras. Na dois, não segue. O Brasil está na categoria um. (...)	9
Sobre a pista de Congonhas (1)	Roberto	Ola Nassif, após este acidente com a aeronave TAM, um ponto que apareceu nas reportagens e que parece ser importante é o fato da pista recém-inaugurada ainda não contar com os sulcos (grooving) para sua melhorar aderencia. Pelo que andei lendo, este processo soh poderia ser realizado algum tempo apos a conclusão da pista, devido ao processo de cura da massa asfáltica. Fica a pergunta. Abrir a pista sem o grooving é um procedimento corriqueiro ou foi uma decisão de arriscada. Analisando os fatos agora, provavelmente vai haver uma disputa que impeça o raciocínio. Não seria o caso de abrir aqui no blog uma consulta para que alguns especialistas indicassem qual é o padrão internacional para esse procedimento?	9
A Rádio Web da Guitarra (17)	Luis Nassif	A radioweb da Guitarra Estou ouvindo agora a rádio Classical Guitar on Sky.fm. O endereço é www.sky.fm Está tocando, neste momento, a Sonata em E Major, com o duo Assad. Divino para aplacar o cansaço do dia. E o pessoal ainda discutindo concessão radiofônica. A propósito de rádios, para completar aquelas pinturas de autores iraquianos, que tal conhecer um pouco da música de lá? O endereço é Rádio Iraniana. Não é das músicas mais emocionantes que já ouvi, mas é bastante relaxante. As duas rádios podem ser ouvidas no iTunes.	5
Os objetivos do Milênio (12)	Roberto Schwartz	Nassif, Há cerca de um ano escrevi minha monografia de graduação em economia, sobre pobreza no Brasil na década de 1990. Tomei por base a experiência, as fontes de dados, e os traquejos conseguidos após alguns anos como bolsista na Rede de laboratórios do Milênio mantida pelo PNUD no Brasil para monitorar o desempenho do país em relação às metas estabelecidas na Cúpula das Nações. Após as pesquisas (para o projeto e para a monografia) ficou muito clara a participação na rede de assistência social montada no Brasil após a Constituição de 1988 e ampliada progressivamente nos governos Itamar, FHC e Lula. Vale lembrar que esses números não revelam que os gastos sociais têm impactos positivos não apenas na diminuição da "pobreza monetária" como em todas as camadas da "pobreza humana". Para mais informações (inclusive como modelos estatísticos, muito bem feitos, relacionando crescimento e pobreza) estão disponíveis no Relatório do Objetivos do Milênio, que fechou o ciclo de avaliação nacional realizado pela UFRS (Instituição que foi responsável por acompanhar as metas de pobreza fome)...	3

No entanto, como Skinner (1957/1978) afirma, nem sempre o comportamento verbal é mantido por conseqüências práticas. Tanto assim que, muitas das interações verbais cotidianas resumem-se ao que coloquialmente se chamaria de “jogar conversa fora”. Skinner cita como exemplo nessa direção a atenção do ouvinte, e sobre isso afirma: “Qualquer comportamento verbal que evoque a atenção é reforçado

independentemente de outras ações específicas do ouvinte” (Skinner, 1957/1978 p. 240). Skinner ressalta que o comportamento verbal depende de condições particulares do falante, como, por exemplo, seu estado de alerta, seu estado emocional. Segundo o autor:

O reforço generalizado concedido ao falante [como a atenção] pode variar conforme o assunto ou a forma da resposta. Medidas especiais de reforço “dizem ao falante a respeito do que vale a pena falar”. No caso extremo, o comportamento verbal apropriado a um único assunto pode predominar (Skinner, 1957/1978, p.183).

O predomínio de assuntos sobre o acidente, no *blog*, no período analisado, aparentemente foi notado por alguns leitores, como sugerem comentários como este, de Jorge Verissimo-Pere, publicado dia 19/07/2007, às 12h06:

Nassif, Ontem o copom baixou os juros basicos em 0.5 pp. Vejo que ultimamente voce nao tem comentado tanto as reunioes do copom. A de ontem nem mereceu muito destaque nos portais, por exemplo. O que esta havendo? Este assunto nao interessa mais? Nao tem mais tanto impacto estas medidas ja que os juros estam convergindo para patamar razoavel? Ou qual motivo.

Compare-se também o texto *O risco de um novo “apagão”* (29), sem relação com o acidente, com 19 comentários (Tabela 6), com o texto *Petralhas e Tucanalhas* (13), com 112 comentários, cuja íntegra é apresentada na Tabela 5. O texto 29 (ver Anexo 13) parece mais bem elaborado do que o texto 13. O último parece mais um manifesto ou desabafo do jornalista para descrever normas de convivências no *blog*. É possível inferir que o custo de resposta de *Petralhas e Tucanalhas* (13) foi menor do que o custo de resposta de *O risco de um novo “apagão”*. No entanto, há grande diferença na magnitude de reforço entre ambos (supondo-se que as manifestações dos leitores são importantes para a escrita do jornalista). É possível inferir, apoiando-se na afirmação anterior de Skinner, que a magnitude do reforço – no caso, número de manifestações dos leitores – tornou as respostas verbais do jornalista sobre o acidente

mais prováveis do que respostas verbais dele sobre outros temas, como economia, por exemplo.

Some-se a isso o fato de a quantidade de visitantes ser variável crítica para a valorização comercial de sites na Internet. Embora existam mecanismos para medir o número de visitantes de um *blog*, a despeito de os leitores terem se manifestado verbalmente ou não nesse espaço, o número de comentários recebidos é dado a que o jornalista tem acesso imediato, logo, pode provocar algum impacto sobre sua escrita subsequente.

Na presente pesquisa, restaria investigar o efeito da qualidade das contribuições dos leitores – contrapondo-a à quantidade – sobre o comportamento do jornalista. Em estudos posteriores, os comentários poderiam ser analisados quanto ao conteúdo, com o objetivo de identificar o possível efeito dos tipos de comentários sobre a escrita subsequente do jornalista e dos leitores.

3.6 Possíveis controles de leitores sobre o jornalista e vice-versa e de leitores entre si

A análise de comentários de alguns leitores antes e depois da publicação do texto *Radicalização irresponsável* (33), bem como a análise do referido texto, permite supor-se a existência de possíveis influências mútuas entre os participantes do *blog*. O episódio envolvendo MAG exemplifica a questão. Antes de o jornalista publicar o texto *Radicalização irresponsável*, ele recebeu 48 comentários sobre os gestos de MAG. Para se ter uma noção da diversidade de opiniões no *blog* sobre esse assunto específico, serão destacados, a seguir, os tipos de comentários dos leitores no que se refere a: 1) o comportamento de MAG; 2) o comportamento da imprensa no referido episódio.

Verifica-se na Figura 1 que desses 48 comentários iniciais, em 22,9% os leitores apenas citaram MAG, sem se posicionar claramente a respeito; em 35,4%, criticaram MAG; em 16,7%, defenderam MAG; em 18,8%, criticaram o comportamento da imprensa; e em 6,3% pediram que o jornalista escrevesse sobre o episódio. Somando-se o percentual de comentários em que os leitores defendem MAG com o dos comentários em que criticam a imprensa, obtém-se valor semelhante ao das críticas ao ministro.

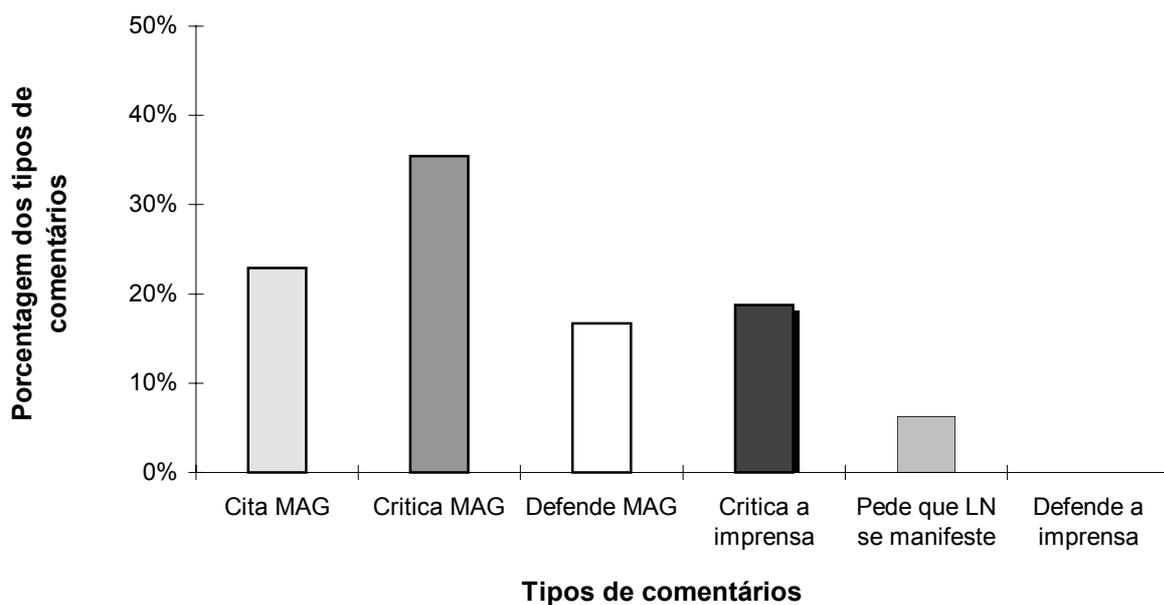


Figura 1. Tipos de comentários sobre os gestos de MAG antes de o jornalista escrever no *blog* sobre o assunto (em %).

É possível que a forma com que os leitores comentaram o episódio possa ter influenciado a escrita subsequente do jornalista sobre o tema. Embora não se tenha esse dado sistematizado, muitos leitores que criticaram MAG o fizeram classificando seus gestos como obscenos, como sendo desrespeitosos com as vítimas, ou seja, com fortes apelos emocionais. Por outro lado, os defensores de MAG questionaram a maneira como a imagem foi obtida e o fato de se tratar, segundo esses leitores, de gestos comuns, especialmente entre a população masculina. Acredita-se que essas manifestações prévias dos leitores possam ter influenciado não apenas a escrita subsequente do jornalista, como a forma como ele tratou o caso.

No dia 20, o jornalista publica o texto *Radicalização irresponsável* (33), cujo trecho é apresentado na Tabela 5. Nesse texto, o jornalista: 1) critica os gestos do ministro e os associa a suposta falta de solidariedade com as vítimas, aspecto bastante discutido entre os críticos do ministro; 2) critica a forma como a imagem foi obtida e a repercussão dela na imprensa, outro aspecto discutido pelos críticos da imprensa nesse episódio. O texto *Radicalização irresponsável*, como já notado, recebeu 224 comentários, 84 dos quais relacionados com MAG. Conforme mostrado na Figura 2, em 10,7% desses comentários leitores citaram MAG; em 29,8%, criticaram MAG; em

16,7%, defenderam MAG; em 33,3%, criticaram a imprensa e em 9,5%, defenderam a imprensa. Novamente, somando-se os comentários em que os leitores defendem o ministro com aqueles em que criticam a imprensa chega-se a 50%, ao passo que a soma do percentual de comentários em que os leitores criticam MAG e defendem a imprensa chega a 39,3% do total. Seria necessário, porém, analisar o conteúdo desses comentários de forma sistemática para se ampliar a interpretação sobre seus efeitos sobre o jornalista.

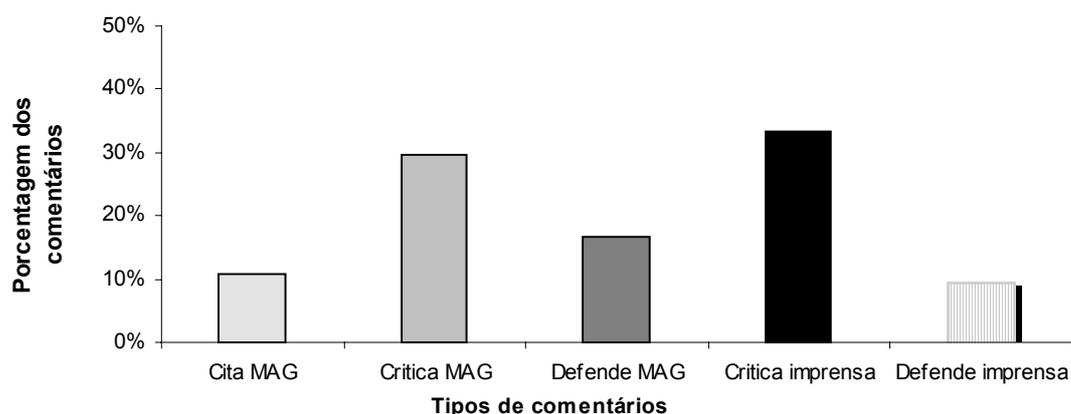


Figura 2. Comentários sobre MAG no texto em que o jornalista escreveu sobre os gestos do ministro

De qualquer forma, é interessante notar que após a crítica do jornalista à imprensa no texto 33, aumenta a proporção de comentários com crítica à imprensa (cerca de 35%) quando comparada com a porcentagem de comentários desse tipo no período anterior (cerca de 20%), o que sugere a influência do jornalista sobre os leitores. No entanto, surgem comentários em que o leitor defende a imprensa (cerca de 10%). Antes da publicação do referido texto não foi identificado nenhum comentário desse tipo, embora em cerca de 20% deles leitores já criticassem a imprensa. Quando LN critica a imprensa, parece induzir leitores a fazer o mesmo e, por sua vez, influenciar defensores da imprensa a se manifestar. Assim, parece que textos do jornalista e comentários dos leitores controlam diferencialmente respostas de outros leitores nesse episódio. Entretanto, há que se considerar também que o texto do jornalista é publicado na página principal do *blog*, portanto, com maior visibilidade, enquanto os comentários dos leitores ficam menos visíveis no espaço de comentário, exceto aqueles que são publicados também na página principal. A questão do suposto controle diferencial do jornalista sobre os leitores será discutida mais detalhadamente à frente.

Assuntos sobre os gestos do ministro continuaram a repercutir no *blog*. No dia 21 (Tabela 3), o jornalista volta a escrever sobre MAG no texto *O problema não é Marco Aurélio* (35), o terceiro mais comentado, com 92 comentários, dos quais 50 ligados aos gestos de MAG. Desses 50 comentários, conforme mostrado na Figura 3, em 42% os leitores criticaram o ministro; em 34% defenderam-no; em 9,7% defenderam a imprensa; e em 8% os leitores criticaram o comportamento da imprensa no episódio. Novamente, observa-se aumento do número de leitores que defendem o ministro ao se comparar o percentual de 16,7% de defesa ao ministro, na Figura 2, com o de 34% registrado na Figura 3.

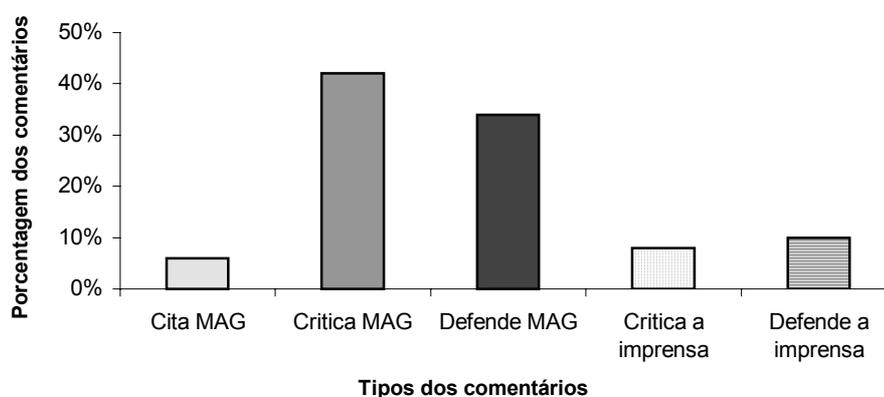


Figura 3. Comentários sobre MAG no segundo texto em que o jornalista escreveu sobre o assunto.

Foram publicados no total, portanto, 182 comentários sobre MAG, o que fortalece a noção de que aumenta a probabilidade de o leitor se manifestar verbalmente mais quando é provocado emocionalmente (não apenas pelos efeitos práticos de seu comportamento), em defesa ou contra algo ou alguém. Como LN sugeriu no texto *O problema não é Marco Aurélio*, a discussão sobre os gestos do ministro nada contribui para investigação das causas diretas e indiretas do acidente, bem como não colabora para a discussão de estratégias para evitar acidentes semelhantes no futuro. Ou seja, o tema e a forma como ele é apresentado parecem ser variáveis importantes para a manifestação de alguns leitores no *blog*, como sugere o próprio jornalista. Nassif (2008), em artigo publicado no *blog*, afirma que em temas políticos existe mais polarização entre os leitores – e possivelmente essas polarizações surtem efeitos emocionais entre eles, de forma que podem comprometer a qualidade das discussões –

em temas mais técnicos, nos termos do jornalista, “existe um show de diversidade e inteligência”.

Vale lembrar que esse fato envolvendo MAG foi divulgado pelo *Jornal Nacional* no dia 19, e só depois das 18h do dia 20 o jornalista se manifestou, no *blog*, sobre o episódio (sem considerar possíveis réplicas dele aos leitores sobre o tema, como esta transcrita a seguir). A considerar o dinamismo do *blog*, e o perfil do jornalista, que é reconhecido publicamente como ponderado, avesso a sensacionalismo, supõe-se que ele não escreveria sobre esse episódio, não fosse a influência de leitores nesse sentido. Tanto assim que em um comentário enviado ao texto *Vídeos sobre o Airbus* (31), publicado no dia 20/07/2007, às 13h51, o leitor Virgílio Tamberlini sugere que o jornalista divulgue o vídeo com os gestos de MAG, e o jornalista replica ao leitor negativamente, conforme consta na seguinte transcrição:

Virgílio Tamberlini: “Por que voce não acrescenta o vídeo do PHdeus²⁶ MAG? Quanto a MAG dizer que estão tirando proveito político do fato, infelizmente, estão; da mesma forma que o PT fez com o buraco do Serra”.

O jornalista replica: “Pela mesma razão que não explorei o acidente do Metrô”.

A publicação do texto *A captura das agências reguladoras* (10) também ocorreu depois de uma sugestão de um leitor, como se pode verificar nos diálogos mostrados na Tabela 7 entre esse leitor e o jornalista (quadro à esquerda). Observa-se que o leitor faz uma pergunta ao jornalista e lhe indica um artigo sobre agências reguladoras. O jornalista replica ao leitor com: “boa dica”. Dez minutos depois, o jornalista publica o *link* para o artigo indicado pelo leitor. E meia hora depois da publicação desse *link* o leitor indica um segundo texto sobre o mesmo tema. Caso semelhante se deu com a publicação do texto *Os desastres aéreos* (20), que foi antecedida pela sugestão de um leitor (quadro à direita da Tabela 7), como o próprio jornalista indica no referido texto. Observa-se que o texto do jornalista foi publicado antes do comentário do leitor. Supõe-se que isso ocorreu porque o leitor enviou a sugestão por e-mail para o jornalista, como LN relata (e não pelo espaço de comentários). O jornalista então publica a dica do leitor na página principal e também no espaço de comentários pertinente ao tema.

²⁶ Observa-se que em seu relato o leitor junta dois fragmentos independentes: o título acadêmico do ministro (PH.d) e uma suposta altivez do ministro, para formar uma palavra: “Phdeus”; essa questão será retomada à frente, quando se discutir a causalidade múltipla do comportamento.

Tabela 7. Interações envolvendo leitor e jornalista, dispostas cronologicamente, em que se observam controles mútuos.

Filósofo	Luis Nassif	Luis Nassif	Filósofo	Rafael Simioni	Luis Nassif
(18/07/2007 13:50:42) Caro Nassif, Você tem alguma opinião sobre uma possível ocorrência do fenômeno da "captura" com relação à ANAC, da qual decorreria a "A ausência ou a diminuição de independência do órgão de regulação e de sua política administrativa em face dos agentes econômicos exploradores da atividade regulada" ? Para o tema da captura das agências, vale a pena olhar o seguinte artigo...	(18/07/2007 13:50:42) Boa dica.	(18/07/2007 14:01:00) Coloquei na Biblioteca do Projeto Brasil o trabalho abaixo, enviado pelo Filósofo. É um tema importante, para aprofundar as discussões sobre o problema aéreo. O FENÔMENO DA CAPTURA DAS AGÊNCIAS REGULADORAS Paulo Calmon Nogueira da Gama	(18/07/2007 14:30:30) Para o tema das Agências, de forma mais aprofundada, vale a pena dar uma olhada neste artigo (um pouco maior): http://www.trf4.gov.br/trf4/upload/editor/apg_FERNANDO_QUADROS_DA_SILVA_CP2007.pdf Nele são apresentados o histórico, classificação das agências, argumentos pró e contra e outros...	(20/07/2007 16:07:02) Nassif, Segue abaixo uma lista com vários acidentes apresentados por aviões da TAM nos últimos tempos. O que que significa essa sucessão de eventos ? Estariam dentro de parâmetros normais para uma empresa aérea? Fica a pergunta no ar...	(19/07/2007 17:20:00) Recebo via email esse endereço do site Desastres Aéreos, com relação de problemas ocorridos com aviões da TAM e links para matérias publicadas. Não sei a quantidade de problemas mecânicos ou fora de controle (tipo colisão com urubus). Nem sei se o quanto essa quantidade de problemas está acima da média mundial e nacional. Não se trata de minimizar responsabilidade de ninguém...

Ao comentar o texto *A aviação e o problema regulatório* (16) o leitor Renato faz uma brincadeira: afirma que um bom local para construir outro aeroporto em São Paulo seria o Parque São Jorge, “que é terra improdutivo”. Essa brincadeira desencadeia uma série de manifestações sobre o assunto, como se pode observar na Tabela 8. Na referida tabela, há outros exemplos de interações entre o jornalista e os leitores, e de leitores entre si, que indicam a existência de controle mútuo entre os participantes. Depois dessas interações mostradas na Tabela 8, o jornalista publica, no dia 19, às 18h, o texto *A saga corintiana* (21), que tem relação com a discussão anterior iniciada por Renato. O jornalista escreveu: “Depois da longa discussão sobre a criação de um aeroporto no Parque São Jorge, que tal uma avaliação dos mitos da história corintiana?”

Tabela 8. Interações envolvendo leitores e jornalista e leitores entre si, dispostas cronologicamente, em que ficam implícitos ou explícitos controles mútuos. Esses comentários antecederam a publicação do texto *A saga corintiana* (16).

Renato	Luis Nassif	Rai	Deodato Filho	Luis Nassif	Paulo de Freitas Dia	Luis Nassif	Rai
(19/07/2007 07:53:53) ...Já em São Paulo, um bom lugar para se fazer outro aeroporto seria no Parque São Jorge, é terra improdutivo mesmo. Provocação aos Corintianos, rsss. Não sou Palmeirense, sou Água do Vale.	(19/07/2007 07:53:53) Na Marginal, sem número? Dá uma boa discussão	(19/07/2007 11:43:57) Naquela parte da Marginal, sem número, não é indicado, pois aquele lugar é minado, já que é frequentado por muitas "bombas"	(19/07/2007 11:48:41) É tão vergonhoso e fora de hora o comentário do renato e a réplica do nassif que eu perdi o tesão de fazer o meu. (e era penninente)	(19/07/2007 11:43:57) Qual comentário mesmo?	(19/07/2007 12:27:47) O Renato e o Nassif fizeram uma brincadeira inocente, sem relação com o acidente, às vítimas ou ao momento. Não exagere na suscetibilidade. Corinthiano vidrinho ninguém merece. Depois falam de nós, são-paulinos...rs	(19/07/2007 12:27:47) Nem me lembro o que foi. Ah, do campo de aviação no Corinthians?	(19/07/2007 13:21:07) É melhor parar de "mexer" no vespeiro que é o assunto de fazer um aeroporto no Parque São Jorge. corremos o risco de ver o "nosso blog" virar campo de guerra.

Odracir Silva	Emilio	Luis Nassif	Renato	Deodato Filho	Rai	Paulo de Freitas Dia	Deodato Filho
(19/07/2007 13:30:21) mas seraa q o Berezovsky vai aceitar?	(19/07/2007 13:30:41) A quem possa interessar: Sport Club Corinthians Paulista... Quem desejar um clube com 3 restaurantes (1 internacional), piscinas de ondas, com correntezas, com cascatas, olimpicas, mergulho, aquecidas, etc..., pode se juntar a nós.	(19/07/2007 13:30:41) Hehehehehe... Toque os russos de lá primeiro.	(19/07/2007 14:42:54) Fiz uma brincadeira, até mesmo pra quebrar o gelo da tragédia pela qual todos nós estamos passando, não tive em hipótese alguma ofender ninguém. Que o nível de nosso blog seja mantido, pelo bem de todos nós e também do NASSIF...	(19/07/2007 19:00:15) Paulo Freitas das 12:27H. Primeiro que voce nao sabe para que time eu torço. 2o que esse blog eh lido por diversas pessoas que podem ter relacao com o acidente e se fosse comigo eu nao gostaria. Tenho bom humor mas existem horas...	(19/07/2007 19:00:23) Com todo respeito ao corinthiano Emilio, que tece elogios ao clube (parte social) que tem como endereço, Av. Marginal s/n, e sua portaria (suntuosa por sinal) em frente à rua São Jorge, aconselharia ao mesmo, conhecer as sedes sociais dos	(19/07/2007 19:51:05) Ao Deodato, Amigo, acho que sei o porquê do seu mal humor...rs. Com esse nome, DEODATO, é duro relaxar. Agravante: o pai repetiu no filho o erro que cometeram com ele...este sim tem senso de humor...rs	(20/07/2007 10:59:18) Continuo batendo firme na questão de que não é hora para piadas em público. Felizmente não faço juízo de valores sem conhecer a pessoa, apenas sobre seus comentários.

Na Tabela 9, apresentam-se outros exemplos de interações envolvendo jornalista e leitores, agora sobre o acidente da Varig em Orly (França) ocorrido em 1973. O evento da TAM evoca no leitor a lembrança de outro acidente de avião, ocorrido há mais de 30 anos. A escrita desse leitor, por sua vez, passa a controlar uma série de interações entre ele, o jornalista e outros leitores.

Tabela 9. Interações envolvendo leitores, jornalista e leitores entre si, dispostas cronologicamente, em que que ficam implícitos ou explícitos controles mútuos.

Virgilio Tamberlini	Neves	Virgilio Tamberlini	Luis Nassif	Etiel	Luis Nassif
(18/07/2007 15:43:16) Desde o acidente com o Boing da Varig em Orly, que matou a Leila Diniz, eu não acredito mais em nenhum relatório da Aeronautica. Neste caso o piloto, devido a um princípio de incendio, teve de jogar o avião no chão...	(18/07/2007 21:04:30) Virgilio, "Desde o acidente com o Boing da Varig em Orly, que matou a Leila Diniz, eu não acredito mais em nenhum relatório da Aeronautica. Neste caso o piloto, devido a um princípio de incendio, teve de jogar o avião no chão pois em seu porão havia material belico da Aeronautica, que estava sendo enviado à França para reparos, o que é proibido.!" Menos, Virgilio, menos. Leila Diniz morreu num acidente na Índia...	(18/07/2007 22:03:35) Neves: Me enganei quem morreu neste acidente em que o piloto fez "uma aterrissagem forçada" a um minuto do aeroporto foi o Agostinho dos Santos (cantor). O avião foi jogado no chão por causa de um pequeno incendio no banheiro.	(18/07/2007 22:03:35) Em Orly morreu o Agostinho dos Santos, Leila Diniz, Regina Falkenburg e Felinto Muller.	(18/07/2007 23:32:20) morreram, entre tantos, no acidente de Orly, em 1973, Filinto Muller, Agostinho dos Santos, o jornalista do Estádio Celso de Barros Leite e a socialite Regina Leclery. Leila Dinis, morreu um ano antes, em 1972...	(18/07/2007 23:32:20) Ah, é. Quanto à Regina, também utilizava o sobrenome Falkenburg, do primeiro casamento, com um filho de Bob Falkenburg, um ex-campeão de Wimbledon...

Vera	Luis Nassif	Luiz Cesar	Neves	Virgilio Tamberlini
(19/07/2007 12:18:54) Nassif, você esta fazendo a maior confusão: a Regina Leclery, de solteira Regina Maria Rosemburgo, foi casada antes (1963 a 1966) com Wallace Simonsen, conhecido na sociedade carioca como Walinho Simonsen.	(19/07/2007 12:18:54) Tem razão, Vera, fiz rolo. O Wallinho é vivo ainda?	(19/07/2007 12:19:00) O Virgilio Tamberlini, já reconheceu o erro quanto a Orly. Falta reconhecer quanto à velocidade do avião e voltar a ler o PH (que estava certo).	(21/07/2007 18:20:07) ... A tese de que um piloto (e co-piloto) da Varig, camicase(s) à serviço da FAB, derrubou (aram) um avião em Orly para esconder material que os milicos estavam contrabandeando para a França; onde o material ...	(22/07/2007 11:05:40) Neves: O que eu disse sobre o avião de Orly foi que a Aeronautica "enviou" duas ogivazinhas para concerto por uma linha comercial, não contrabando. Com um incendio essas gracinhas explodiriam...

A influência de leitores sobre o jornalista fica implícita também na escolha de comentários a ser publicados na página principal do *blog*. Essa escolha indica que o jornalista foi controlado diferencialmente por esses comentários ou aspectos deles em comparação com os demais comentários não publicados na página principal.

3.7 Alguns aspectos acerca do controle do jornalista sobre o leitor

Já se mencionou que alguns indícios permitiam supor que o jornalista controlou diferencialmente o comportamento verbal de alguns leitores em comparação com o controle de leitores entre si. Um dado que vai ao encontro dessa hipótese diz respeito à média de comentários a textos do jornalista em comparação com a média de comentários a textos dos leitores-autores. Os textos de LN (para este subtítulo, ver definições na Tabela 1) obtiveram 1.237 comentários (média de 49,48 comentários por texto) enquanto os textos dos leitores-autores obtiveram 267 comentários (média de 22,25 comentários por texto).

A suposição de que LN controla diferencialmente o relato dos leitores, em comparação com o controle de um leitor sobre outro leitor, é fortalecida também pela análise dos comentários de leitores destinados ao jornalista, bem como pela análise das réplicas de leitores (entre si e ao jornalista). Entre 267 comentários enviados aos 12 textos dos leitores-autores, 50 foram destinados explicitamente ao jornalista; 27 foram dirigidos ao leitor-autor; 169 não tiveram destinatário específico e 21 foram classificados como réplicas (de leitores entre si, incluindo-se as réplicas do leitor-autor a outros leitores). Entre 1.237 comentários enviados aos textos de LN, 494 foram destinados ao jornalista; 135 foram classificados como réplicas de leitor a outro leitor e 608 não tiveram destinatário específico.

Entre 1.504 comentários analisados, identificaram-se 195 réplicas do leitor a outro leitor. Quer dizer: o leitor entrou no *blog* e escreveu sobre o comentário de outro leitor, em vez de comentar o texto principal. Encontraram-se 16 réplicas de leitores a outros leitores *citando o jornalista*, ou seja, o leitor escreveu sobre um comentário de outro leitor, mas em vez de citar esse leitor, citou explicitamente o jornalista. Identificaram também 15 réplicas indiretas de leitor a outro leitor *sem citar* o jornalista. Encontraram-se, ainda, 19 réplicas de leitores ao jornalista, isto é, o jornalista replicou o comentário do leitor, e o leitor replicou a réplica do jornalista, o que indica que a réplica do jornalista exerceu algum controle sobre a escrita seguinte do leitor.

Observa-se que no dia 19, (ver Tabela 3), o jornalista publicou dois textos, um seguido do outro, sobre o reverso do avião: *O uso do reverso* (25), enviado por Antonio Carlos, e *A questão do reverso* (26), do próprio jornalista. O texto do leitor obteve 19 comentários enquanto o do jornalista recebeu 47 comentários. Essa diferença, porém, é menor quando se compara o número de comentários a outros dois textos: *Das manchetes perigosas* (18), de LN, e *Tratado sobre as manchetes* (24), de Lu Dias, ambos sobre o mesmo tema. O texto do jornalista obteve 34 comentários (e cinco réplicas dele), enquanto o da leitora obteve 28 comentários (com três réplicas do jornalista). No entanto, não há muita diferença entre a forma com que o jornalista e Antonio Carlos escreveram sobre o reverso e, por extensão, sobre o acidente. Ambos trataram de aspectos técnicos relativos às causas do acidente. Ao contrário disso, há diferenças marcantes entre o texto do jornalista e o texto de Lu Dias, como se pode notar pela transcrição de trechos de ambos, a seguir. O jornalista escreveu:

Não existe profissão mais ingrata no jornalismo que o "mancheteiro", especialmente o da primeira página. A manchete vai ajudar o jornal a brigar na banca, vai permitir diferenciá-lo dos concorrentes, é a parte mais visível do jornal. Ainda nos anos 80, o velho e ainda insuperável "Jornal do Brasil" tinha uma receita mágica de manchete.... sua manchete sempre focava o pós-evento. Hoje em dia, em plena era do excesso de notícias, com TV aberta e cabo, rádios e Internet, os jornais ainda não aprenderam a lição.

Aqui, uma passagem do texto de Lu Dias:

A manchete é a obra-prima do jornalista; é a síntese do fato; é o primeiro elo entre o jornal e o leitor; é o primeiro vislumbre de qualidade de uma edição. Uma boa manchete vale mil palavras. Precisa seguir certas regras: **CONCISÃO, PRECISÃO, ELEGÂNCIA E INTELIGÊNCIA CRIATIVA.** Nada mais humilhante que ser enganado por uma manchete.... Os jornais de manchetes manipuladoras, irresponsáveis, que jogam com o “quanto pior, melhor”, não deveriam entrar em nossas casas, nem mesmo para enrolar o “cocô” de nossos bichinhos de estimação, pois estão impregnados de tanta maldade, que farão mal até a quinta geração dos animaizinhos.

Com algumas exceções, o leitor que comentou o texto do jornalista não comentou o da leitora e vice-versa. O texto da leitora foi publicado na página principal do *blog* um minuto depois de sê-lo no espaço de comentários. Por isso, não foi possível avaliar o impacto dele sobre o comportamento de outros leitores enquanto esteve no espaço de comentário em comparação com sua publicação em espaço mais visível, na página principal.

Verifica-se também que entre os textos com menos de 20 comentários, oito são de leitor-autor (1, 37, 6, 8, 12, 14, 22, 25) e quatro (10, 17, 20, 29) são do jornalista (ver Tabela 3). Esses números ganham importância ao se considerar que foram 12 os textos publicados de leitores enquanto foram 25 os textos do jornalista.

Por vezes, leitores comentaram o texto principal, enviado por outro leitor, como se o texto fosse de autoria do jornalista, como fica implícito pelos 50 comentários aos textos de leitores-autores destinados ao jornalista, como mencionado anteriormente. O

diálogo abaixo constitui um exemplo: um leitor, identificado como Mario, ao comentar o texto *Tratado sobre as manchetes*, de Lu Dias, afirmou: “Nassif seu comentário é exemplar, nada para tirar ou colocar. Seria a minha colocação nos anos 90. Com o advento da internet, perdeu o significado. UOL, TERRA e IG, \\mancheteiam\\ por minuto...” O jornalista, por sua vez, replica: “O post é da Lu Dias, mario. Mas assinaria embaixo.”

Convém notar, porém, que, com base no número de comentários a textos como *Tratado sobre as manchetes* (28), *A solidariedade do presidente* (27), já analisados anteriormente, e a textos como *Modelo de atuação* (36) pode-se inferir que o tema é também uma variável importante para as manifestações verbais dos leitores. Em *Modelo de Atuação*, o último texto analisada nesta amostra, o leitor Virgílio Tamberlini exalta o trabalho do Corpo de Bombeiros no resgate às vítimas do acidente. Ele escreveu:

Li todas as matérias postadas sobre o acidente da Tam, e estou escrevendo este post para tentar corrigir uma grande omissão: A atuação esplendida do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo. Eles chegaram ao local em cerca de três minutos e de imediato já começaram refrigerar o posto de gasolina, onde havia mais de 105 mil litros de combustível... Vários bombeiros, que nem sequer estavam em serviço, foram de forma voluntária para o local, muitos não abandonaram o serviço mesmo depois de vencido o seu turno de trabalho. Trabalho este realizado sob forte risco.

Novamente, o texto de Tamberlini parece estimular outros leitores a escrever em defesa dos bombeiros, ou seja, concordando com leitor-autor. Registre-se nesse sentido que houve apenas dois leitores que discordaram de Tamberlini sobre a eficiência dos bombeiros no referido evento. Contudo, mesmo o tema sendo, como parece ser, uma variável importante para a resposta verbal dos leitores, não se pode subestimar o controle do jornalista sobre os demais participantes do *blog*. Na presente pesquisa, é possível que a condição ótima para as manifestações verbais dos leitores tenha sido: tema com certas características apresentado pelo jornalista. Exemplificam, ainda, o controle do jornalista sobre os leitores o número de colaborações que ele recebe frequentemente de leitores cada vez que faz solicitações aos leitores por meio do *blog*, como mostrado nos Anexos 2 e 3.

Esses dados referentes ao suposto controle diferencial do jornalista sobre o leitor são importantes porque ilustram o poder de controle da imprensa sobre seus consumidores. Embora se tenha sugerido ao longo deste trabalho que a Internet pode tornar a relação entre a imprensa e seus consumidores mais democrática, ainda é remota a possibilidade de relação igualitária entre ambas as partes. Daí a importância de se criar e fortalecer organizações que possam efetivamente representar o leitor perante a imprensa, e não apenas as sociedades de classes, representativas de profissionais da área e de instituições jornalísticas, mas organizações que possam contar com representantes do leitor, especialmente preparados para combater eventuais abusos por parte da mídia.

3.8 Análise das categorias de comentários e das categorias de réplicas

Os dados sobre a categorização dos 1.504 comentários analisados estão sintetizados na Tabela 10, que mostra o número de comentários por categoria e a porcentagem de cada categoria. Talvez convenha ressaltar aqui que essas categorias apresentadas na Tabela 10 dizem respeito ao total dos comentários da amostra analisada, independentemente de esses comentários serem destinados ao jornalista, a outros leitores ou não terem destinatário específico. Por isso, quando se falar em concordância ou discordância, por exemplo, não se quer dizer que elas foram destinadas ao jornalista: pode ser discordância ou concordância de leitores entre si.

Verifica-se na Tabela 10 que houve 741 comentários (49,3%) classificados como contribuição. A categoria discordância, com 269 comentários (17,9%), ficou em segundo lugar. A diferença entre o número de comentários dessas duas categorias pode ser atribuída, em parte, à abrangência da categoria contribuição (ver definições na Tabela 2). Houve 163 comentários (10,8%) classificados como concordância. É interessante notar que 149 comentários (9,9%) foram classificados como outro tema, o que indica, possivelmente, que o comportamento verbal do leitor não foi afetado, pelo menos em parte, pelo texto principal, nem pelos comentários de outros leitores no *blog*. Em 70 comentários (4,7%) leitores elogiaram o jornalista, seu texto ou seu trabalho (ou outros leitores); em 58 comentários (3,9%) foi feita pergunta, sugestão ou pedido ao jornalista (ou a outros leitores); houve 18 comentários (1,2%) classificados como ironia; identificaram-se 10 comentários (0,7%) classificados como humor; houve, ainda, um comentário classificado como resposta. Outros 25 comentários (1,7%) não se encaixaram nessas categorias.

Tabela 10. Número total de comentários por categoria e porcentagem de cada categoria (sobre o total de comentários)

Categorias	Nº de comentários	%
Contribuição	741	49,3%
Discordância	269	17,9%
Concordância	163	10,8%
Outro tema	149	9,9%
Elogio	70	4,7%
Sugestão/pergunta/pedido	58	3,9%
Ironia	18	1,2%
Humor	10	0,7%
Resposta	1	0,1%
Outras	25	1,7%
Total	1504	100,0%

Esse único comentário classificado como “resposta” ocorreu no seguinte contexto: a) um leitor fez um comentário e concluiu com uma pergunta ao jornalista; b) outro leitor “respondeu” a pergunta do primeiro leitor; c) o jornalista, então, comentou a “resposta” do último leitor.

Como já mencionado, dos 1.504 comentários, o jornalista replicou 169, sendo 16 réplicas a comentários enviados a textos de leitores-autores e 153 réplicas a comentários enviados aos textos de sua própria autoria. Apresentam-se na Tabela 11, as categorias desses comentários com respectivos destinatários: se foram destinados a LN, a outros leitores ou se não tiveram destinatário específico (ver definições na Tabela 1) Nota-se que entre os comentários replicados pelo jornalista, apenas 118 foram destinados a ele de forma explícita ou implícita, isto é, ele replicou 51 comentários que foram dirigidos a outros leitores ou não tiveram destinatário especificado.

De modo geral, o jornalista replicou mais comentários destinados a si (118 comentários) do que comentários destinados a outros leitores (11 comentários). De forma semelhante, replicou mais comentários sem destinatários específicos (40 comentários) do que comentários destinados a outros leitores. Há que se considerar, porém, que o número de comentários sem destinatário específico é quase quatro vezes maior que o número de comentários destinados a leitores.

Entre os comentários sem destinatário específico, LN replicou 13 classificados como discordância; 15 classificados como contribuição; 4 classificados como sugestão/pergunta/pedido e 6 comentários classificados como outro tema. É como se LN assumisse como se fosse para si comentário sem destinatário explícito, embora essa condição não seja explicitada pelo autor do comentário. No total, o jornalista replicou

16 comentários classificados como outro tema, um indicativo de que o leitor, ao introduzir novo tema nas discussões, controlou o jornalista nessa direção.

Tabela 11 Categorias dos comentários replicados pelo jornalista (dirigidos a ele, implícita ou explicitamente, a outros e sem destinatário específico)

Categorias de comentários	Destinatário			
	LN	Outros	Sem destinatário	Total
	Nº	Nº	Nº	Nº
Discordância	38	4	13	55
Contribuição	30	1	15	46
Sugestão/pergunta/pedido	24	-	4	28
Outro tema	9	1	6	16
Concordância	5	3	1	9
Elogio	4	-	-	4
Humor	4	-	-	4
Ironia	3	1	1	5
Outras	1	-	-	1
Resposta	-	1	-	1
Total	118	11	40	169

Na Tabela 12, apresentam-se dados sobre os comentários dirigidos explícita ou implicitamente ao jornalista e replicados por ele, em comparação com o total de comentários que lhe foi destinado explícita ou implicitamente. Houve 544 comentários destinados ao jornalista, dos quais ele replicou 118 (21,7%). A categoria de comentários que mais réplicas recebeu, proporcionalmente, foi humor (80%, isto é, o jornalista replicou 4 dos 5 comentários dessa categoria), seguida de ironia (60%), sugestão/pergunta/pedido (57,1%) e discordância (45,2%). As demais categorias de comentários receberam menos de 17% de réplicas.

É possível supor que comentários classificados como ironia, humor e discordância possam ter evocado reações emocionais no jornalista e tenham controlado seu comportamento verbal diferencialmente em comparação com comentários concordantes e elogiosos. Esse dado pode ser interpretado conforme as formulações de Skinner (1957/1978) acerca dos efeitos das variáveis emocionais. Segundo o autor, “quando ‘provocamos uma emoção’, alteramos as probabilidades de certos tipos de resposta” (p.258). Ele cita como exemplo a composição de poesia lírica, em que o nível de produtividade do autor pode ser afetado por circunstâncias emocionais. A esse respeito Skinner (1957/1978, p.259) afirma, que “um grande amor, ou dor, ou ódio, pode causar o ‘extravasamento’ do comportamento verbal”.

Tabela 12. Comentários dirigidos explicita ou implicitamente ao jornalista e comentários que receberam réplicas (por categoria de comentário, calculada em porcentagem)

Categorias de comentários dirigidos implicita ou explicitamente ao jornalista		Total de réplicas do jornalista	
Nome	Nº	Nº	%
Contribuição	244	30	12,3%
Discordância	84	38	45,2%
Concordância	64	5	7,8%
Outro tema	55	9	16,4%
Sugestão/pergunta/pedido	42	24	57,1%
Elogio	37	4	10,8%
Humor	5	4	80,0%
Ironia	5	3	60,0%
Resposta	-	-	-
Outras	8	1	12,5%
Total	544	118	21,7%

É possível supor, com base na afirmação anterior de Skinner, que o predomínio de temas relacionados com o acidente da TAM na presente pesquisa pode ter ocorrido pela comoção que o acidente provocou na comunidade, o que teria causado o “extravasamento” do comportamento verbal dos participantes do *blog*. No entanto, o autor observa que existem características do comportamento verbal, usualmente atribuídas à emoção, que são típicas de estado de extrema força do comportamento. Segundo Skinner, “alguém pode transbordar de alegria ou ficar emudecido pela surpresa ou pela dor, mas estados comparáveis de comportamento podem surgir por motivos não-emocionais” (Skinner, 1957/1978, p.259).

Os dados sobre as réplicas do jornalista à categoria sugestão/pergunta/pedido também estão de acordo com Skinner (1957/1978), que considera que uma pergunta contém “uma suave ameaça generalizada” (p.77). Ele cita como exemplo daquilo que chamou de leve ameaça pausas surgidas durante uma conversação, que são eliminadas ou amenizadas pela emissão de quaisquer respostas verbais. Baseando-se na citação anterior de Skinner, é possível supor que a pergunta do leitor assuma função de estímulo aversivo para o jornalista. Logo, tornar uma “resposta” contingente a essa pergunta seria uma forma de o jornalista eliminar esse suposto efeito aversivo e evitar possíveis reprovações do autor da pergunta e até de outros leitores do *blog*.

Outras condições ambientais, porém, devem ser importantes para a produção da réplica de LN como, por exemplo, sua disponibilidade no momento da liberação dos comentários. A réplica é publicada, comumente, junto com o comentário, portanto, deve

ser produzida no momento da liberação do comentário replicado. Se o jornalista estiver sem tempo, é possível que libere, sem replicar, comentários que normalmente replicaria. Outra categoria de comentários que recebeu razoável número de réplicas (9, em 55 comentários, isto é, 16,4% do total) foi “outro tema”. Aqui, novamente, fica implícito que ao mudar de tema o leitor, com frequência, controlou o comportamento de LN na mesma direção.

Outro aspecto interessante sobre as réplicas do jornalista aos leitores refere-se a uma possível relação entre as categorias dessas réplicas e as categorias dos comentários, especialmente nos casos classificados como discordância, conforme sugere a análise dos dados apresentados na Tabela 13. Esses dados referem-se aos 118 comentários destinados ao jornalista implícita ou explicitamente e replicados por ele. Não se incluíram, portanto, os 51 comentários que ele replicou, sem que tais comentários fossem destinados a si, como já foi mostrado na Tabela 11.

Observa-se que entre 38 comentários classificados como discordância o jornalista replicou 33 com a mesma categoria, sendo que outros quatro comentários classificados como discordância foram replicados com ironia. Houve, finalmente, um comentário discordante, cuja réplica foi classificada como “resposta”. Diz respeito a um caso em que o leitor discordou do comentário de LN e perguntou por que o jornalista estava censurando seus comentários, e o jornalista respondeu porque deixou de publicar alguns comentários desse leitor.

De 30 comentários classificados como contribuição, o jornalista replicou 7 com a mesma categoria; de 24 comentários classificados como sugestão/pergunta/resposta, LN replicou 17 com “resposta”, o que fortalece a hipótese de que diante de comentário em forma de pergunta há maior probabilidade de ele replicar ao leitor do que diante de um comentário concordante, por exemplo.

Tabela 13 - Relação entre as categorias das réplicas do jornalista e as categorias dos comentários dos leitores replicados pelo jornalista, nos casos em que os comentários foram destinados explícita ou implicitamente a LN.

Categorias das réplicas \ Categorias dos comentários	Discor- dância	Concor- dância	Contri- buição	Sugestão/ pergunta/ pedido	Outro tema	Elogio	Ironia	Humor	Res- posta	Out- ras	Total
Discordância	33	-	-	-	-	-	4	-	1	-	38
Contribuição	-	13	7	2	-	1	-	1	6	-	30
Sugestão/pergunta/pedido	2	1	1	-	-	1	-	-	17	2	24
Outro tema	-	4	-	-	-	-	-	-	4	1	9
Concordância	-	2	1	-	-	-	-	-	2	-	5
Elogio	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	4
Ironia	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	3
Humor	-	1	1	-	-	-	-	1	-	1	4
Resposta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outras	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Total	37	21	13	2	0	2	5	2	32	4	118

É possível supor também que alguns dos dados apresentados na Tabela 13, como os relativos a discordância e ironia, possam ser resultados da operação de variáveis emocionais sobre o comportamento verbal do jornalista. Reações discordantes do jornalista aos leitores podem, por sua vez, manter os leitores discordando dele, também por razões emocionais, conforme se pode inferir pela afirmação de Skinner, a seguir:

Ele [o falante] pode dar ou repetir más notícias, criticar ou censurar o ouvinte por causa da óbvia frustração [do ouvinte] decorrente. Ele pode ser reforçado por descrever um terrível acidente, pelo horror que provoca em seu ouvinte, ou por descrever um fato obscuro porque o ouvinte enrubesce ou fica sexualmente excitado... Tudo isso tende a ocorrer em circunstâncias nas quais qualquer ofensa feita pode revelar-se reforçadora (Skinner, 1957/1978, pp.189-190).

À parte o possível efeito de variáveis emocionais sobre o comportamento verbal do jornalista e dos leitores, se, para Skinner, compreender, grosso modo, é dizer o mesmo que o outro diz, faz sentido que o jornalista replique discordância com discordância. Isso quer dizer, para Skinner, que LN não foi capaz de dizer o mesmo que o leitor diz – e vice-versa – em razão de diferenças relativas ao controle de estímulos sobre ambos. Segundo Skinner:

Compreendemos qualquer coisa que nós mesmos teríamos dito em relação ao mesmo estado de coisas. Não compreendemos o que não dizemos e compreendemos *mal* quando dizemos *outra* coisa com as mesmas palavras – isto é, quando nos comportamos de certa maneira por causa da operação de variáveis diferentes. (Skinner, 1957/1978, p. 333)

Na Tabela 14, mostram-se as 195 réplicas dos leitores a outros leitores (ver definição na Tabela 1) por categoria de réplica, calculando-se a porcentagem de cada categoria. Verifica-se que 92 réplicas (47,2%) foram classificadas como discordância, 34 (17,4%), concordância; 27 (13,8%), contribuição; 21 (10,8%), elogio; 9 (4,6%), outro tema. Houve, ainda, 4 réplicas (2,1%) classificadas como sugestão/pergunta/pedido. Já as categorias humor e resposta somaram 2% do total, com 3 e 1 réplicas respectivamente.

Tabela 14. Réplicas de leitores a outros leitores por categoria, número e porcentagem das referidas réplicas

Categoria	Nº de réplicas	%
Discordância	92	47,2%
Concordância	34	17,4%
Contribuição	27	13,8%
Elogio	21	10,8%
Outro tema	9	4,6%
Sugestão/pergunta/pedido	4	2,1%
Ironia	4	2,1%
Humor	3	1,5%
Resposta	1	0,5%
Total de réplicas	195	100,0%

Novamente, é possível supor que o leitor foi instado a replicar o comentário de outro leitor quando discordou desse comentário. Embora esta seja uma comparação grosseira, nota-se que o percentual de réplicas classificadas como concordância é maior entre leitores do que o mesmo percentual dessa categoria entre as réplicas do jornalista aos leitores (Tabela 12), enquanto o percentual de réplicas classificadas como elogio foi praticamente igual em ambos os casos. Esse dado é interessante porque sugere que freqüentemente o leitor replicou ao comentário de outro leitor quando discordou desse comentário. Mas não só: ele também interagiu com outro leitor para dizer que concorda com este e acrescentar algo à discussão (17,4%); para contribuir (13,8%) e para elogiar o comentário de outro participante do *blog* (10,8%). Não foi possível, nesta parte da análise, verificar a suposta relação entre as categorias

das réplicas dos leitores e as categorias dos comentários que originaram essas réplicas, porque não se conseguiu uma forma de interligar, no sistema, essas réplicas a seus respectivos comentários.

3.9 Intervalo e duração das interações entre os participantes do *blog*

Chamam atenção nesta pesquisa dados sobre o intervalo entre as interações dos participantes no *blog*. Conforme mostrado na Tabela 3, no início da seção de resultados e discussão, na penúltima coluna da direita para a esquerda, existem comentários publicados dez minutos depois da publicação do *texto principal*. O atraso médio entre a publicação dos *textos* e dos primeiros comentários foi de 2 horas e 37 minutos. No entanto, em 22 dos 37 textos analisados, o atraso entre a publicação do *texto* e do primeiro comentário foi menor que uma hora, sendo menor que 30 minutos em dez deles. Observou-se que esse intervalo é geralmente menor quando o texto é publicado em um horário mais apropriado para o leitor comentar e para o jornalista liberar os comentários. No caso dos textos 13, 15, 32 e 35 as interações foram encerradas com réplicas do jornalista a leitores.²⁷

Nesta pesquisa, a redução do atraso entre a escrita e seus efeitos, e as possibilidades de interações interpessoais são notáveis se se comparar com os meios de comunicação tradicionais, como lembra Azenha (2008). Ao referir-se à própria experiência como repórter de TV e autor de blog, Azenha afirma:

Há uns dez anos, eu poderia ir à TV e falar uma besteira sobre Medicina, por exemplo. As reclamações levariam dois ou três dias para chegar, se chegassem. O mesmo se aplicava ao colunista de jornal... Hoje eu escrevo esse texto, publico e em menos de cinco minutos tem alguém me escrevendo para dizer que discorda, que estou errado, que não pensei naquele outro aspecto e assim por diante.

Esse dado referente à redução do intervalo entre o comportamento verbal e seu efeito amplifica a afirmação de Skinner (1957/1978) de que, embora os efeitos do comportamento verbal escrito sejam sempre atrasados, o fato de o produto desse

²⁷ É interessante notar que o último comentário ao *Trivial de domingo*, de 1º de julho, foi publicado às 11h36 do dia 15, portanto, 15 dias após a publicação do texto principal. Esse comentário foi replicado pelo jornalista.

comportamento poder atingir várias pessoas ao mesmo tempo, compensa, de certa forma, essa limitação temporal entre o comportamento e seu efeito (Skinner, 1957/1978.p.247). Se Skinner, em 1957, já dizia que o reforço do escritor pode não ser freqüente e imediato, mas pode “ser grande”, quanto mais hoje, com a existência de tecnologias capazes de interligar, simultaneamente, pessoas de qualquer parte do mundo. Novas tecnologias, como a Internet, ampliam a abrangência do comportamento verbal ao mesmo tempo em que reduzem sobremaneira o intervalo entre o comportamento e suas conseqüências. Vive-se hoje em uma espécie de aldeia global, como previu Marshall McLuhan.²⁸ E a afirmação anterior de Skinner está completamente de acordo com este novo contexto de interações sociais.

Outro aspecto importante nessa discussão diz respeito à possibilidade de enriquecimento dos ambientes sociais pela inclusão de novos sujeitos no processo de construção do conhecimento, como sugerem Azenha (2008) e Nassif (2007, 2008, 2008a). Azenha, referindo-se a colaborações de leitores a seu blog, afirma que recebe contribuições, por exemplo, de médicos, engenheiros, historiadores, pessoas que entendem mais dessas áreas do que ele. Nessa mesma direção, Nassif (2008) afirma que seu *blog* tem “o melhor e mais diversificado quadro de comentaristas da mídia brasileira, em todos os seus formatos”.

Sem as possibilidades de interações surgidas com a Internet, talvez não se pudesse contar com contribuições tão variadas, como as mencionadas por ambos os autores, pois o processo de escolha das fontes, nas mídias tradicionais, comumente ocorre de forma inversa: é o jornalista que procura as fontes – e há que se levar em conta as contingências que fazem com que repórteres escolham certas fontes em detrimento de outras. No exemplo anterior de Azenha e Nassif, porém, novas fontes vão ao jornalista. Nesse novo cenário, tanto o jornalista poderá se beneficiar de contribuições de fontes não usuais, quanto o leitor poderá ter acesso a um produto (notícias) mais diversificado.

Apresenta-se, a seguir, análise relativa ao intervalo entre a publicação do primeiro e do último comentários a cada texto. Verifica-se que as discussões iniciadas com a publicação do texto principal estenderam-se, em sua maioria, em torno de um dia. Houve quatro textos cujo período de publicação de comentários foi menor que dez horas, e todos eles foram sobre o acidente da TAM (ver, na Tabela 3, textos 1, 5, 20, e

²⁸ Autor de livros como *Understanding Media* (1964), *The Medium is the Message* (1967), entre outros.

27). No intervalo que variou entre 10 e 20 horas, identificaram-se 3 textos. A maioria dos textos, 19 do total de 37, ficou no intervalo em que os comentários se prolongaram por um período entre 20 e 30 horas, ou seja, em torno de 1 dia. Três textos tiveram comentários publicados no período entre 30 e 40 horas; em outros 3 textos, as discussões se estenderam por um período entre 40 e 50 horas, o que dá mais ou menos dois dias. No intervalo entre 50 e 60 horas encontraram-se outros 3 textos. Houve só um texto cujas discussões se estenderam entre 60 e 70 horas. Foi o texto 33, o mais comentado de todos. Finalmente, acima de 70 horas houve só um texto (29), sobre economia, que está entre os menos comentados da amostra aqui analisada. No geral, os comentários a esse texto foram publicados até o dia 20. Houve, porém, um comentário no dia 21 e outro no dia 26.

Tabela 15. Intervalo entre a publicação do primeiro e do último comentários a um texto.

Faixas de intervalos	Nº de textos	Observações
Menos que 10 horas (menor 3:51:17)	4	Todos os textos sobre o acidente da TAM.
De 10 horas a 19:59:59	3	-
De 20 horas a 29:59:59	19	-
De 30 horas a 39:59:59	3	-
De 40 horas a 49:59:59	3	-
De 50 horas a 59:59:59	3	-
De 60 horas a 69:59:59	1	Texto (33) sobre o acidente, o mais comentado.
A partir de 70 horas	1	Texto (29) sobre economia, um dos menos comentados, mas as discussões se prolongaram por mais de 6 dias, em razão de um comentário publicado no dia 26.

Esse resultado sobre o intervalo das interações no *blog* mostra quão efêmero é, comumente, o período para liberação de conseqüências para a escrita dos participantes do *blog*, em relação a um texto determinado, o que pode ser atribuído ao próprio dinamismo das atualizações dos blogs. Esse aspecto tem de ser considerado quando se compararam os efeitos da escrita nos blogs com os efeitos da escrita em meios tradicionais impressos, com vida útil maior – compreendida como o tempo entre uma e outra edição do veículo.

Nesta pesquisa, o número de textos publicados por dia variou de 5 a 14 textos (considerando-se o período de coleta compreendendo dias inteiros, ou seja, entre os dias 18 e 20). No caso do dia 18, o leitor que teve um texto publicado no dia 17 às 23h50, como foi o caso do texto 1, do Roberto, teve de competir por atenção dos leitores, por assim dizer, com outros 13 textos. Além disso, à medida que outros textos são publicados na página principal, os primeiros publicados vão tendo cada vez menos visibilidade. O leitor teria de navegar em direção à base da página para ler o que foi publicado antes, ou seja, aumenta o custo de resposta. Verifica-se, assim, que o período em que o reforço estaria disponível para o comportamento verbal do autor do texto é relativamente curto. No entanto, a magnitude do reforço pode ser grande e seu atraso, relativamente pequeno, se comparado com outros meios de difusão da escrita.

Observe-se, por exemplo, o número de comentários ao *Trivial de uma quarta com luto* (4), publicado à 00h23 do dia 18, dia em que foram publicados 14 textos na página principal. Esse texto, com dica temática sobre o acidente, obteve 35 comentários. Comparem-se esses dados com os dados sobre o *Trivial de sexta com James Brown* (28), do dia 20, quando houve cinco textos publicados durante todo o dia. O texto, cuja dica temática se refere à música (portanto, deve ser menos apelativa que o acidente naquele momento), obteve 33 comentários. É possível supor, portanto, que a posição do texto no *blog* possa interferir no número de comentários que ele recebeu. Até por volta das 16 horas do dia 18, foram publicados oito textos depois do *Trivial de uma quarta com luto* (4). No mesmo período de tempo, o *Trivial de sexta com James Brown* teve publicado, depois dele, quatro textos, portanto, estava em posição mais visível do que o texto 4. Talvez essa seja uma das razões pelas quais leitores continuam a escrever em textos sem relação com seus comentários. Como o tópico trivial é publicado normalmente no começo do dia, torna maior o custo de resposta dos leitores, que terão de navegar na página principal até encontrar o referido tópico.

3.10 Mudança de relato de alguns participantes do *blog* ao longo do tempo

A seguir serão apresentados alguns casos em que houve mudança de relato por parte do jornalista e de leitores acerca da cobertura da imprensa sobre o acidente da TAM. Considerou-se que essa mudança poderia ser atribuída, em parte, a influências mútuas entre esses sujeitos em suas interações no *blog*. Na Tabela 16 mostram-se alguns exemplos dessas interações, destacando-se participantes, datas e horários em que seus comentários foram publicados, os comentários ou parte deles.

No diálogo entre Weden e LN nota-se que ambos consideram, inicialmente, a cobertura da imprensa sobre o acidente razoável. Ao longo do período analisado, porém, ambos mudam de opinião a esse respeito. É importante destacar que leitores criticam a cobertura da imprensa sobre o acidente desde a publicação do texto *Prospectando as causas do acidente* (2). Antes de o jornalista publicar o texto *Radicalização irresponsável*, houve 118 comentários de leitores criticando a imprensa. Foi nesse texto que ele criticou a imprensa explicitamente.

Não se pode atribuir, com segurança, a mudança no comportamento verbal de LN às contribuições dos leitores criticando a imprensa, até porque houve, nesse meio tempo, o episódio envolvendo MAG e a respectiva cobertura pela imprensa. Não se pode afirmar também que a opinião desses leitores não tenha influenciado o jornalista a esse respeito e vice-versa.

Mudança semelhante à de Weden e do jornalista, que consta da Tabela 16, deu-se no relato da leitora Silvana sobre os gestos de MAG. Ao comentar o texto *A solidariedade do presidente* (27), no dia 20 às 11h 28, Silvana escreveu:

Até agora não entendi a postura do presidente. No dia seguinte à tragédia, faz cirurgia pra tirar terçol. Pra piorar, conseguiram filmar MAG dando \"urras\" de alegria pela notícia do JN. Esse pessoal do governo dá cada bola fora...

Depois desse comentário, Silvana replicou o comentário de Dourivan Lima, ao texto 29, publicado às 10h49²⁹ do dia 20, em que o leitor afirma que a divulgação da

²⁹ Essa diferença de horário entre o primeiro comentário de Silvana e o comentário de Dourivan ao qual Silvana replicou deve ter ocorrido por um atraso maior na publicação do seu primeiro comentário, talvez porque o texto 27, no qual ela escreveu o primeiro comentário, foi publicado às 23h24 do dia 19, e o texto 29, às 07h00 do dia 20. Assim, LN pode ter liberado primeiro o comentário de Dourivan e a réplica de Silvana, depois o primeiro comentário citado no trecho anterior da leitora.

imagem com o gesto de MAG mostra “o quanto decaíram os padrões de sobriedade e respeito à privacidade no jornalismo brasileiro”. O leitor compara a divulgação do gesto com o programa *Big Brother*. Silvana diz que concorda com o leitor. Ela volta a escrever sobre MAG no texto 33. Nesse comentário, transcrito a seguir, fica clara sua mudança de opinião: ela se diz solidária com MAG e afirma que faz “o mesmo gesto pra toda essa mídia golpista e marrom q está circulando a presidência, como urubus rondando cria q acabou de nascer...”

Tabela 16. Exemplos de interações leitor-jornalista e vice-versa em que há mudanças em seus relatos sobre o comportamento da imprensa na cobertura do acidente da TAM

Weden (18/07/2007 16:10:03)	LN (18/07/2007 16:10:03)	Marcos (18/07/2007 22:01:12)	LN (18/07/2007 22:01:12)	LN (19/07/2007 14:57:00)
A utilização política do acidente está mais restrita à manifestação nos blogs - e nas disputas pela opinião. Não se pode dizer que imprensa está fazendo uma cobertura política, até agora. Menos mal...	Fora uma ou outra manchete forçada, a cobertura está bastante razoável, sim.	Nassif, na sua opinião qual órgão de imprensa praticou jornalismo neste caso? "Achismo" eu mesmo faço . E se quiser variedade de opiniões, o boteco da esquina está cheio delas.	O Estadão fez uma boa cobertura, assim como O Globo, embora as manchetes não refletissem adequadamente o conteúdo.	As manchetes sobre o acidente da TAM tratam o tema como se fosse o primeiro contato do leitor com a notícia. É o caso da de O Globo: "Infraero, Anac, Decea, Cindacta, FAB... e não se sabe o que houve". Ao contrário do que supõe a manchete, dez órgãos investigando não tornarão a apuração dez vezes mais rápida...

LN (20/07/2007 10:48:00)	Weden (20/07/2007 15:04:30)	LN (20/07/2007 18:11:00)	LN (21/07/2007 11:48:00)	Weden (21/07/2007 12:22:47)
A mídia está tratando com cautela a responsabilidade da TAM no acidente com o Airbus. Todos os jornais deram destaque para a explicação da TAM de que é possível aterrissar sem o reverso e não questionaram a manutenção dos aviões.	Procura-se um editorial indignado com a TAM. Pode ser um texto pequeno, de umas vinte linhas, em jornal de interior. Não precisa ser um texto altivo, com palavras escolhidas em dicionários de plantão. É importante apenas que mostre alguma indignação com a empresa que manteve aviões com defeito no ar. Esse editorial pode considerar os muitos aspectos do pesadelo. E é justo e melhor que considere... Mas antes de tudo que tenha a mesma indignação mostrada nos últimos três dias, com as primeiras hipóteses...	A radicalização política está assumindo proporções assustadoras. Os gestos de MAG comemorando a "barriga" do JN são condenáveis. Mas filmá-los na intimidade equivale a um grampo ilegal. Os gestos e a repercussão deles na mídia mostram que conveniências políticas se colocaram acima da solidariedade com as vítimas ou da busca de saídas para o impasse aéreo. A imprensa se machucou seriamente no período eleitoral. Não aprendeu a lição...	...Ontem prosseguiu o festival de exploração política do gesto do Marco Aurélio Garcia. Fosse um país mais racional, em vez de explorar os sentimentos de parentes de vítimas em um episódio irrelevante, essa energia toda deveria estar concentrada na pressão pela definição de um novo modelo aéreo, pelo afastamento do Ministro da Defesa Waldir Pires e do presidente da ANAC Milton Zuanazzi e pela criação de um grupo de trabalho independente, que possa estudar experiências internacionais e apresentar um novo modelo, consistente, de gestão da logística nacional...	Filmagem clandestina é equivalente a escuta telefônica. Pergunta se a imprensa está autorizada a fazê-lo. Hoje não existe lei que dê base legal para a prática.

3.11 Alguns aspectos sobre o controle múltiplo do comportamento verbal

No *Trivial de domingo* (1º de julho), o jornalista escreveu um verso, e quatro leitores fizeram comentários também com versos, controlados, possivelmente, em parte, pela forma do estímulo verbal proporcionada pela escrita do jornalista. Em outro exemplo, o *Trivial de quinta com Ferrari* (15) consistiu de uma indicação de um *link* na Internet, no qual o leitor poderia apreciar algumas pinturas da marca de carros Ferrari. O jornalista escreveu: “Já que vocês estão apreciando tanto a pintura, comecem quinta-feira com mais um quadro do Sérgio Alexandre. ERRATA - segundo comentário do Sérgio, logo abaixo, essa "perfeição cósmica" não é dele. Foi apenas uma dica.,.”.

Neste diálogo reproduzido a seguir, nota-se a influência de estimulações decorrentes do acidente da TAM e da dica temática do jornalista, associadas, possivelmente, a outros aspectos da história anterior do leitor. Ao comentar esse trivial, o leitor Antonio Francisco escreveu (19/07/2007 às 14h 46):

Dica para quem pilota as Ferraris e para passageiros de aviões brasileiros: pasta (física, de papéis) com detalhes sobre seu corpo são importantes para não entupir seus parentes com trabalho extra, se vier a acontecer \"aquilo\", entendeu?? Não custa deixar num só local radiografias ou fotos de arcada dentária (você tem??), além de outros detalhes que possam ajudar os peritos de IMLs a te identificar corretamente... Uma perguntinha que valeria um trivial um dia desses: se teu avião cair amanhã, tuas coisas estão em ordem para não dar problemas aos familiares???

Outro leitor, Claudio Silva, replica a Antonio Francisco da seguinte forma (19/07/2007 às 15h 41):

Antonio Francisco, eis ai uma coisa com a qual comecei a me preocupar quando meu pai faleceu, pois tivemos que correr pra arrumar as coisa, como ele imaginava que nunca iria morrer, então não ficou nada claro (....) Todos se acham imortais, e vão deixando, empurrando com a barriga até que ocorra a tragédia. Será que pra testamento basta escrever e assinar no cartório, sem atravessadores??

E o jornalista replica a Claudio Silva (19/07/2007 15h 41): “Meio tétrico, mas um bom tema para discussão.”

Esse diálogo é um exemplo do efeito de múltiplas variáveis sobre o comportamento verbal, sintetizado por Skinner (1957/1978, p. 273) quando o autor afirma que “1) a força de uma única resposta pode ser, e usualmente é, função de mais de uma variável e 2) uma única variável costuma afetar mais de uma resposta.”

Apresentam-se na Tabela 17 algumas palavras ou frases encontradas na presente coleta, cuja ocorrência subsequente poderia ser atribuída a aspectos formais do estímulo (além de aspectos temáticos) e também pode ser atribuída à causalidade múltipla do comportamento. Observe-se na primeira coluna a palavra urubu, que apareceu pela primeira vez em um comentário publicado a 00h45 do dia 18. O leitor escreveu: ... “Já vejo os abutres politiqueiros da mídia tentando faturar politicamente o acidente...” A segunda ocorrência se deu em uma réplica de LN, publicada às 10h08 do dia 18, em que ele afirma, ao replicar um leitor: “Sérgio, urubu é que gosta de carniça”. Observa-se que o jornalista usou a palavra urubu, que é funcionalmente semelhante a abutre.

A palavra *top-top*, com 22 ocorrências no total, surgiu no *blog* pela primeira vez em um comentário publicado às 12 horas do dia 20. Nota-se que, em alguns comentários, foi recombinação com outras palavras para formar uma nova palavra. A palavra abelha, que é usada por LN comumente para definir militantes políticos radicais, aparece em formas como *abelha*, *abelha assassina* e *saúva*. É interessante notar a emergência de palavras como “*venezualização*” ou “*venezuelando*”, usado para referir suposta existência de uma conspiração por parte da imprensa no Brasil para depor o presidente Lula, a exemplo de processo semelhante ocorrido na Venezuela.

Processos semelhantes, envolvendo o controle de múltiplas variáveis, ficam implícitos em comentários como “... na cola do vôo baixo dos urubus jornalísticos...” e neste em que o leitor juntou a forma *top-top*, com o nome do ministro e o reverso do avião, para formar a frase “Sempre achei que o Garcia Top-Top não tem reverso.” No quadro seguinte, outro leitor escreveu “Marco top top Aurélio Garcia. E, no último quadro da coluna *Sou leigo (a) não entendo do assunto/não sou especialista*, nota-se que o nome do jornalista Alexandre Garcia transformou-se em “Alexandre Gracinha”.

Esses exemplos novamente poderiam ser interpretados, conforme Skinner (1957/1978), como sendo decorrentes do controle de variáveis múltiplas. Nesse sentido, o autor afirma que “o comportamento verbal é usualmente o efeito de *múltiplas causas*.”

Variáveis separadas combinam-se para ampliar seu controle funcional e novas formas de comportamento surgem da recombinação de velhos fragmentos. Tudo isso exerce influência sobre o ouvinte...” (p.26).

Esses exemplos são úteis também para se discutir as análises de Skinner sobre tato estendido ou ampliado, do qual decorre a extensão metafórica, verificada em palavras como urubu e abutre, nos exemplos anteriores. A emissão de formas verbais como essas sugere a existência de controle exercido por certas propriedades do estímulo, que adquiriram esse controle por um processo de generalização, isto é, embora essas propriedades não tivessem sido reforçadas explicitamente na contingência original em que o comportamento foi instalado. Nos exemplos anteriores, falantes extrapolam algumas propriedades típicas da alimentação dos urubus (carniça) e do comportamento das abelhas (picar outros animais) para descrever certos comportamentos humanos que teriam propriedades semelhantes a algumas das propriedades dos estímulos originais. A seguinte afirmação de Skinner (1957/1992) pode ser esclarecedora sobre esse processo:

Um repertório verbal não é o equivalente de uma lista de passageiros em um navio ou avião, no qual um nome corresponde a uma pessoa, sem omissão de qualquer um ou sem que qualquer um seja nomeado duas vezes. O controle de estímulo não é tão preciso assim. Se uma resposta é reforçada sob uma dada ocasião ou classe de ocasiões, qualquer característica dessa ocasião, ou comum a essa classe, parece ganhar alguma medida de controle. Um novo estímulo que possua uma dessas características pode evocar uma resposta. Há várias maneiras pelas quais um novo estímulo pode assemelhar-se a um estímulo previamente presente quando uma resposta foi reforçada, e assim há muito tipos daquilo que podemos chamar de “tato estendido” (Skinner, 1957/1992, p.91; Skinner, 1957/1978, p.118).

Tabela 17. Exemplos de expressões* encontradas nas interações de diferentes sujeitos no *blog* ao longo do tempo, que poderiam indicar controle formal por parte de estímulos antecedentes. (LN indica réplica do jornalista).

Palavra/frase e nº de ocorrência	1ª ocorrência	Outras ocorrências (1)	Outras ocorrências (2)	Outras ocorrências (3)
Urubu(s)/abutre(s) (31)	(18/07/2007 00:45)...já vejo os <u>abutres</u> politiquieiros da mídia tentando faturar politicamente o acidente. Ainda não se sabe direito o que aconteceu.	LN (18/07/2007 10:08) Sérgio, <u>urubu</u> é que gosta de carniça.	(18/07/2007 11:07) Os <u>urubus</u> de plantão já estão trabalhando para a desinformação e uso político do fato...	(18/07/2007 21:05) na contramão do dia pouco verjifero que se encerra, mas na cola do <u>vôo baixo dos urubus jornalísticos</u> que pairam sobre as cinzas ainda fumegantes do malfadado buzum aéreo da TAM...
Top-top (22)	(20/07/2007 12:00) Vem aí a <u>!CPI do Top-top!</u> . Aguardem!	(20/07/2007 16:48) Sempre achei que o Garcia Top-Top não tem reverso...	(20/07/2007 16:48) Estou aguardando seu comentario sobre o gesto do <u>Marco top top Aurélio Garcia...</u>	(21/07/2007 18:19)...Vivo angustiado com o que acontece e as versões que saem nos jornais, então este <u>top top</u> (lavou minha alma, embora eu nem acredite que tenha uma...
Abelha/saúva/Abelha assassina (15)	(18/07/2007 19:00)...as <u>abelhas assassinas</u> são, em sua grande maioria, massa de manobra de jornalistas nem um pouco interessados com a verdade.	(18/07/2007 21:02) A <u>abelha</u> , assim como a cobra, só ataca se atacada...	(19/07/2007 12:06) ... matéria de um tal de FRANCISCO DAUDT na Revista da Folha: "O que ocorreu não foi acidente, foi crime"... na mídia tradicional também tem <u>Abelhas Assassinas</u> ...	(21/07/2007 12:16) As saúvas (talvez abelhas) e a mídia, os males do Brasil são. Não é isso?
Venezuela/Venezualização (13)	(20/07/2007 11:12) Assim como na <u>Venezuela</u> , o golpe esta sendo liderado por uma concessionaria de serviço publico, a rede GLOBO, cuja concessao termina em outubro....	(20/07/2007 11:59) A midia esta! apostando na <u>Venezuelizacao</u> do Brasil.	(20/07/2007 21:45) Já lemos aquela expressão da <u>venezualização</u> do Brasil.	(20/07/2007 22:08) As organizações Globo estão claramente <u>venezualizando</u> .
Sou leigo (a)/não entendo do assunto/ sou ignorante/ não sou especialista (45)	(18/07/2007 00:40) Curiosidade de uma <u>leiga completa</u> : tem lógica transformar um aeroporto localizado dentro de uma área urbana densa, e com uma pista curta ...	(18/07/2007 10:19) <u>Não sou especialista nesta área</u> . Mas não importa o que disserem os padrões internacionais...	(20/07/2007 23:19) <u>Leigo que sou</u> , será que entendi corretamente a Globo noticiar que no vídeo do pouso do Airbus sinistrado...	(19/07/2007 21:46) como eu tb sou <u>leigo</u> no assunto, que tal a miriam leitão, o r.a., o alexandre gracinha, o noblat, etc..., dizer algo sobre o tema.
Golpista (34)	(18/07/2007 10:38) A imprensa Tucanalha deve estar felicíssima...ficará meses a fio nos <u>!noticiários! golpistas</u> ...	(20/07/2007 12:41) Fico impressionado c/ a quantidade de termos usados aqui p/ defender o governo Lula. <u>!midia golpista!</u> , <u>!fascistas!</u> , <u>!elite golpista!</u> ...	(21/07/2007 12:23) A Mídia direitista e <u>golpista</u> procura, desesperadamente, sua TONELEROS. E não faltam candidatos a Lacerda...	LN (20/07/2007 22:48) ... passei a década de 90 inteira brigando contra a "mídia golpista", inclusive quando era utilizada pelo PT e por procuradores e o alvo era FHC. Sou contra o método, independentemente de quem o pratique.
Captura (12)	(18/07/2007 13:50) Você tem alguma opinião sobre uma possível ocorrência do fenômeno da <u>!captura!</u> com relação à ANAC...	(18/07/2007 16:11) Não conhecia a denominação <u>!captura!</u> para o fenômeno...	(18/07/2007 16:12) Agências reguladoras não foram criadas para serem <u>!capturadas!</u> ?	LN (18/07/2007 19:04) <u>A captura</u> do BC e da CVM pelo mercado são temas que tenho levantado permanentemente.

* Grifo acrescentado pela pesquisadora.

Essa discussão relativa à causalidade múltipla do comportamento verbal é importante porque traz implicações diretas para trabalhos baseados em relatos verbais, como é, notadamente, o trabalho da imprensa. Sem considerar esse fenômeno, ao entrevistar especialistas em certos temas, é possível que o jornalista tenda a achar que está diante de um relato preciso simplesmente pelo fato de estar diante de uma “autoridade” no assunto. Além disso, reconhecer que o comportamento verbal é afetado por muitas variáveis simultaneamente poderá ser útil para o jornalista – e outros profissionais – no planejamento e na execução de estratégias que visem a amenizar controles que possam comprometer a precisão de seu trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre algumas das dificuldades para a realização desta pesquisa – à parte os desafios metodológicos, uma das dificuldades enfrentada para a realização do presente estudo diz respeito à falta de modelos na literatura que pudessem sugerir métodos de coleta, de análise e de apresentação dos dados. De certa forma, este trabalho é resultado de tentativas, muitos erros, alguns acertos, até se chegar ao modelo atual, que ainda exige melhorias.

Algumas vezes, parte da coleta teve de ser refeita porque se considerou importante destacar algumas características dos textos ou dos comentários não destacados anteriormente ou que passaram despercebidos. Outras vezes, algumas características destacadas não foram devidamente analisadas, como, por exemplo, as palavras-chave referentes aos textos e aos comentários. Em pesquisas futuras, talvez se pudesse definir melhor essas palavras-chave e assim ampliar as análises aqui apresentadas. Nesta pesquisa, palavras-chave foram utilizadas, por exemplo, para definir a posição dos leitores sobre a cobertura da imprensa sobre o acidente, sobretudo acerca do episódio envolvendo MAG. A idéia de analisar à parte o caso envolvendo MAG surgiu só depois de parte da coleta ter sido concluída. Logo, foi necessário refazê-la, pelos menos parcialmente.

Não foram analisadas expressões que poderiam ser classificadas como autoclíticas, como por exemplo, “não sou especialista, mas.....” e outras do gênero. Embora tenham sido registradas no sistema, não se definiram inicialmente critérios para orientar a coleta e análise dessas expressões.

Outra dificuldade, ainda, referiu-se à categorização de alguns comentários. Houve casos em que foi difícil classificar um comentário ou réplica como discordância ou ironia. Assim como, às vezes, foi difícil separar uma pergunta com características de mando de uma pergunta que poderia ser classificada como irônica. Tampouco se analisou a segunda categoria de um comentário ou réplica, nos casos em que foram classificados com duas categorias.

Sobre a utilidade do sistema – A grande vantagem do sistema usado nesta pesquisa, em comparação, por exemplo, com uma planilha *Excel*, foi o fato de ele permitir facilmente o cruzamento e localização dos dados cadastrados. No entanto, o processo de transportar cada texto e comentário ao sistema, além de trabalhoso, pode induzir a erro. Em outras pesquisas desse tipo seria interessante importar textos e

comentários do servidor do *blog* para o sistema usado na pesquisa, de forma a diminuir o trabalho manual compreendido em copiar texto e comentário individualmente no blog e cadastrá-los em campos específicos do sistema, bem como evitar erros. Em pesquisas futuras, seria importante também, se possível, analisar comentários não publicados pelo jornalista.

Outro aspecto que facilitariam estudos futuros seria contar com blog planejado especialmente para pesquisa. Nesse caso, as próprias ferramentas do blog poderiam ser construídas de forma a auxiliar o pesquisador na seleção de palavras-chave, no preparo de sínteses, na busca de características comuns entre a escrita dos participantes, assim como para manipular a liberação de conseqüências para a escrita dos participantes.

Sobre alguns problemas metodológicos da pesquisa – Na presente pesquisa, analisaram-se interações verbais em um *blog* jornalístico, em busca de possíveis relações de controle entre os participantes do *blog*. Embora se tenha apresentado alguns indícios que poderiam sugerir a existência de controle mútuo entre eles – do jornalista sobre os leitores e de leitores entre si – não se pode afirmar que a escrita desses indivíduos, na amostra aqui analisada, tenha conexão funcional entre si. De forma genérica, muitas das análises aqui apresentadas basearam-se na forma do comportamento, e, como Skinner alertou, já no capítulo inicial de *Verbal Behavior*, a forma diz muito pouco sobre o comportamento, principalmente quando se trata do registro escrito do comportamento. Nesse sentido, o autor afirma que “uma relação funcional é mais do que uma simples conexão” (Skinner, 1957/1978, p.239).

Logo, o fato de as análises aqui apresentadas se basearem no produto do comportamento verbal, sem que se tenha noção das condições ambientais sob as quais o comportamento foi emitido, já constitui, por si, uma limitação importante para este estudo. Há que se considerar que os participantes do *blog* estavam expostos a outros meios verbais. Não se pode ignorar a história anterior desses indivíduos na determinação da forma do comportamento verbal, registrada por meio da escrita deles no *blog*.

Essa é uma das razões porque dificilmente se pode afirmar, com segurança, que alguém que escreveu no *blog*, por exemplo, a palavra “venezualização” o fez sob controle de propriedades formais da escrita de outros participantes no *blog* ou em decorrência de fontes de controles externas ao *blog*. Da mesma forma, não se pode atribuir a suposta mudança de opinião de alguns participantes ao longo do tempo às interações verbais no *blog*, embora essa interpretação seja possível.

Nesse aspecto, portanto, os resultados desta pesquisa continuam no âmbito do “exercício de interpretação”, como escreveu Skinner em 1957. Seria necessário a realização outras pesquisas para confirmá-los ou refutá-los, uma vez que, como afirmou o autor, só a manipulação deliberada de variáveis importantes para o comportamento verbal pode revelar relações de causalidade entre o comportamento e essas variáveis. (Skinner, 1957/1978, p.275)

Encorajando-se, porém, por observações do próprio Skinner (1957/1978, p. 275), que afirmou que muitas vezes inferências acerca de variáveis relevantes para o comportamento podem ser plausíveis e úteis, é possível supor legitimidade às análises apresentadas nesta pesquisa, embora não estejam de acordo com os mais rigorosos princípios metodológicos da análise experimental do comportamento (Johnston e Pennypacker, 1993).

Com base nos dados aqui apresentados e na sua ligação com a literatura descrita, é possível concluir que iniciativas como a de Porritt e cols. (2006) – que usaram a Internet como cenário para a realização de uma pesquisa, cujo objetivo era aumentar a produtividade de escritores de ficção – parecem promissoras. O trabalho dos autores deveria incentivar a realização de pesquisas semelhantes com outros gêneros de escrita, por exemplo, a escrita científica, e em outros níveis acadêmicos, como no ensino fundamental, no ensino médio.

Essa conclusão – de que o trabalho de Porritt e cols. (2006) deveria estimular outros trabalhos sobre a escrita, usando-se como cenário a Internet – é fortalecida pela análise do intervalo entre a publicação dos textos principais e dos comentários. Tal análise mostra que interações verbais mediadas pela Internet podem ocorrer quase simultaneamente. Esse fenômeno poderá provocar impactos positivos no estabelecimento de contingências de ensino. No âmbito da pesquisa sobre comportamento verbal, intervalos entre a escrita e seu efeito poderiam ser objetos de manipulações em situações relativamente controladas, de forma que se pudesse identificar o efeito de aumento ou de diminuição desses intervalos sobre a escrita subsequente dos participantes.

Em resumo, os resultados aqui apresentados são heurísticos. Espera-se, portanto, que estimulem outras pesquisas sobre as relações verbais – ou aspectos delas – descritas por Skinner (1957/1978), agora sob o contexto das novas tecnologias da informação. Parafraseando o próprio Skinner (1957/1978, pp. 541-542), é possível que novas tecnologias da informação, aliadas ao atual nível de desenvolvimento científico, não

dêem contribuições expressivas para ampliar as práticas verbais das comunidades, de forma que possam beneficiar o grupo como um todo. Tampouco se tem certeza que isso não seja possível.

Se Skinner (1957/1978, p.19) afirmou que cabe às ciências comportamentais, e de modo particular à psicologia, a responsabilidade de explicar os fenômenos da linguagem, para ser coerente com o caráter revolucionário das formulações do autor, apresentadas não apenas em *Verbal Behavior*, como também, por exemplo, mais tarde em *Tecnologia do Ensino* (1968/1972), considera-se ser necessário levar-se em conta as possibilidades criadas pelas novas tecnologias da informação para o ensino e para o estudo do comportamento verbal. O mesmo se pode afirmar sobre as estratégias para amenizar o controle unilateral da grande imprensa sobre o leitor. Aqui, para concluir, uma citação final de Skinner (1957/1978), que é ilustrativa para estas breves considerações:

A história da ciência é a história do crescimento do lugar do homem na natureza. Os homens ampliaram suas capacidades de reagir diante da natureza discriminadamente, inventando microscópios, telescópios e milhares de amplificadores, indicadores e testes. Eles ampliaram seu poder de alterar e controlar o mundo físico com máquinas e instrumentos de todo tipo. Uma grande parte dessas realizações foi verbal. As descobertas e os feitos dos homens como indivíduos foram preservados, melhorados e transmitidos aos demais... Não há razão para que os métodos científicos não possam agora ser aplicados ao estudo do próprio homem – aos problemas práticos da sociedade e, sobretudo, ao comportamento do indivíduo... Nenhum progresso científico jamais prejudicou a posição do homem no mundo. Apenas caracterizou-o de forma diversa. Na verdade, num certo sentido, cada realização *aumentou* o papel representado pelo homem no esquema das coisas. (Skinner, 1957/1978, p.545)

5. REFERÊNCIAS:

- Alves, A. C.P. (2006). *Mídia e Construção Social do Conhecimento: atentados terroristas no relato de dois jornais brasileiros*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUCSP, São Paulo.
- Andery, M.A.(2005). *A comunicação da pesquisa: redação do relatório/dissertação*. Manuscrito não publicado.
- Andery, M.A. e Sérgio, T. M. (1996). *Violent episodes as reported in Brazilian newspaper: a tentative analysis based on Sidman's Coercion and It's Fallout*. Poster apresentado na XXII Convenção anual da Association for behavior Analysis Convention, San Francisco.
- Azenha, L. C. (2008). Palavras não definitivas sobre o jornalismo anacrônico. *Blog Vi o mudo*. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/opiniaio/palavras-nao-definitivas-sobre-o-jornalismo-anacronico/>
- Azrin, N. H., Holz, W., Ulrich, R., e Goldiamond, I. (1973). The control of the content of conversation through reinforcement. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 6, 186-192.
- Briggs, M. (2007). *Jornalismo 2.0. Como sobreviver e prosperar. Um guia de cultura digital na era da informação*. The Institute for Interactive Journalism e Rede Knight de Jornalismo Cidadão. http://knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf
- Cantanhêde, E. (2008). Alerta amarelo! Em: Folha Online de 09/01/2008, disponível <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/elianecantanhede/ult681u361459.shtml>
- Chauí, M. (2006). *Simulacro e poder – Uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Costa, L. M. (2006). A imprensa em crise. Grandes jornais não Enxergam saída. *Observatório da Imprensa*. Disponível no endereço <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=413IMQ003#>
- Faro, J.S. (1999). *Revista Realidade, 1966-1968. Tempo da Reportagem na Imprensa Brasileira*. Porto Alegre: ULBRA/AGE.
- Fralely, L. E. (2004). On Verbal Behavior: The First of Four Parts. *Behaviorology Today*, 7, 10-20.

- Guerin, B. (1992). Behavior Analysis and Social Construction of Knowledge. *American Psychologist*, 47, (11), 1423-1432.
- Halimi, S. (1998). *Os novos cães de guarda*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Hayakawa, S. I. (1940) *Language in Thought and Action*. New York: Harcourt, Brace & Compaby.
- Hobsbawm. E. J. (1998). *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Johnston, J. M., & Pennypacker, H. S. (1993). *Strategies and Tactics of behavioral Research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. (2a Edição)
- Kucinski, B. (2004). *Jornalismo na era virtual – ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Editora Unesp.
- Laitinen, R. e Rakos, R.F. (1997). Corporate control of media and propaganda: A behavior analysis. In P.A. Lamal (Ed.), *Cultural contingencies: Behavior analytic perspectives on cultural practices*. pp. 237-267. Westport, CT: Praeger.
- Lima, V. A. (2006). *A mídia nas Eleições de 2006*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Lima, V. A. (2008). A (des)confiança na mídia. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <http://www.observatorio.ig.com.br/artigos.asp?cod=470JDB001>.
- Lima, V. A. (2008a). A internet e os novos “formadores de opinião”. *Observatório da Imprensa*. Em <http://www.observatorio.ig.com.br/artigos.asp?cod=476JDB002#>
- Lodhi, S. e Greer, R. D. (1989). The speaker as listener. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 353-359.
- Martins, E. (1997). *Manual de Redação e Estilo*. São Paulo: Editora Moderna.
- Martone, R. C. (2003). *Traçando práticas culturais: A Imprensa como agência e ferramenta de controle social*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUCSP, São Paulo.
- Michael, J. (1993). *Concepts and Principles of Behavior Analysis*. ABA Publication. USA.
- Mullainathan, S. e Shleifer, A. (2003). *The Market for News*. Harvard Institute (Disponível no endereço eletrônico <http://ssrn.com/abstract=335800>)
- Mullenweg, M. (2006). Em: Pablo Fernández: “Los bloggers deberían aspirar a cumplir las normas éticas de los medios tradicionales”. (www.elpais.com/.../aspirar/cumplir/normas/)

- Namo, D. (2001). *A Violência Retratada por um Meio de Comunicação de Massa: uma perspectiva Behaviorista Radical*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUCSP, São Paulo.
- Nassif, L. (2006). O blog. Texto publicado no dia 30/05/2006 no blog do jornalista <http://luisnassif.blog.ig.com.br> (disponível no endereço atual do blog www.luisnassif.com.br)
- Nassif, L. (2006a). Conhecimento em rede. Texto publicado no dia 29/09/06 na seção de economia no blog do jornalista.
- Nassif, L. (2008). Comunidade porreta. Texto publicado no dia 10/02/2008 no blog do jornalista (www.luisnassif.com.br)
- Nassif, L. (2008a). O caso Veja. Série de reportagens sobre a revista Veja, disponível em <http://luis.nassif.googlepages.com/home>; www.ocasoveja.blogspot.com/; e em <http://www.projetoobr.com.br/web/blog/4>.
- Porrirt, M., Burt, A., Poling, A. (2006). Increasing fiction writer's productivity through an internet-based intervention. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 39, 393-397.
- Ramonet, I. (1995). O pensamento único e os novos senhores do mundo. Disponível no endereço: http://www.culturabrasil.org/pensamentounico_ramonet.htm
- Ramonet, I. (2005). Mídias em crise. *Le Monde Diplomatique Brasil*. (<http://diplo.uol.com.br/imprima1046>)
- Rakos, R. F. (1993). Propaganda as stimulus control: the case of the Iraqi invasion of Kuwait. *Behavior and Social Issues*, 3, 35-62.
- Sader, E. Apresentação. Em: Serge, H. (1998). *Os novos cães de guarda*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Santos, M. B. P., Penteado, C. L. C. e Araújo, R. P. A. (2007). Blogs e eleições presidenciais no Brasil 2006. *Paper* apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Recife (PE) entre 29/5/2007 a 1/6/2007.
- Scalzilli, G. (2008). Nassif vs. Veja. A Abril nos tribunais. Observatório da Imprensa (4/3/2008). <http://www.observatorio.ig.com.br/artigos.asp?cod=475IMQ005>
- Sidman, M. (1989/2003). *Coerção e suas implicações*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B.F. (1978). *O comportamento Verbal*. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1957/1992). *Verbal Behavior*. Cambridge, Massachusetts: B. F. Skinner Foundation.

- Skinner, B. F. (1968/1972). *Tecnologia do ensino*. São Paulo: EPU.
- Skinner, B.F. (1986). The Evolution of Verbal Behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45, 115-122.
- Skinner, B. F. (1989/2005). *Questões Recentes na análise comportamental*. Campinas: Papirus.
- Spradlin, J. E. (1985). Studying the Eeffects of the Audience on Verbal Behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 3,5-9.
- Verplanck, W. S. (1955). The control of the content of conversation: reinforcement of statements of opinion. *Journal of abnormal and Social Psychology*, 55, 668-676.
- Zamith, F. (2003). Blog-jornais: as experiências da Universidade do Porto. Paper apresentando no I Encontro Nacional sobre Weblogs, Universidade do Minho, setembro de 2003 (disponível no endereço <http://bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-blog-jornais.html>)

ANEXOS

Anexo 1 – Resultado de uma pesquisa no *Google* com as palavras-chave “Nassif x Veja”, feita no dia 10/03/2008. A seta indica o número aproximado de registros encontrados, cerca de 54.400.

The screenshot shows a Windows Internet Explorer browser window with the Google search engine. The search query is "Nassif x Veja". The search results are displayed in a list format. The first result is titled "Imprensa Marrom - NASSIF X VEJA: IDÉIA GENIAL" and includes a snippet of text. The second result is titled "Novo Capítulo da Série Nassif x Veja: O método Veja de jornalismo ..." and also includes a snippet. The third result is titled "Como começaram os desentendimentos: Nassif X Veja. Com uma mentira ..." and includes a snippet. The fourth result is titled "Jornalismo & Internet Blog do GJOL : Luis Nassif X ..." and includes a snippet. The fifth result is titled "Comunique-se. O portal da comunicação" and includes a snippet. The search results section indicates "Resultados 1 - 10 de aproximadamente 54.400 para 'Nassif x Veja' (0,07 segundos)". A black arrow points to the number "54.400".

Anexo 2 – Exemplos de solicitações do jornalista aos leitores. A seta (na parte 3/3) indica o número de comentários que LN obteve para cada texto. O número inclui as réplicas do jornalista. Alguns textos não foram capturados integralmente. Por isso, colou-se o restante na seqüência. (parte 1/3).

23/02/08 13:07

Pedido aos voluntários do Blog

O leitor Eduardo mandou uma boa dica. O Google permite a pesquisa por endereço.

Para pesquisar o conteúdo no site da Veja, por exemplo, tem que colocar o seguinte comando:

"Nomes a serem pesquisados" site: veja.abril.com.br

Por exemplo, "Eduardo Fischer" site:veja.abril.com.br

Se for frase completa, entre aspas. Se palavras não concatenadas, sem aspas.

Se não for abusar demais da ajuda de vocês, estou precisando acelerar algumas pesquisas para o capítulo de amanhã.

Vou relacionar matérias e palavras-chave. Quem puder fazer a pesquisa e me enviar os links das matérias, facilitará bastante meu trabalho, e me permitirá dar uma saidinha com meu primo Oscar para uma rodada de choro no Alemão – que estou necessitado.

[continua na próxima página]

Anexo 2 – Continuação (parte 2/3) de *Pedido aos voluntários do Blog*

Preciso de dados sobre a seção de resenhas da Veja. Especificamente, os seguintes pontos:

1. As críticas desqualificadoras da Veja contra Davi Arrigucci e Silvano Santiago.
2. As resenhas de Mário Sabino sobre os livros de Otávio Frias Filho, Ali Kamel e Diogo Mainardi.
3. As resenhas de Veja sobre os dois livros de Sabino: "O dia em que matei meu pai" e um segundo (que não levantei o nome).
4. O artigo que Sabino publicou no blog de esgoto, contando como ele próprio era um ótimo escritor.

Por justo

Acho que se usarem este critério que explico abaixo, pode ser que sabendo as datas das revistas, pode-se encontrar o que se desejar

Por exemplo, estou em mãos com a revista de 110899

Então eu procuro no google por:

veja.abril.com.br 110899 angra

Resulta:Veja 11/08/99

[continua na página seguinte]

Anexo 2 – Continuação (parte 3/3) de *Pedido aos voluntários do Blog*

Quando o botão liga-desliga de Angra 2 for acionado, o país estará fazendo, ... Enquanto uma usina nuclear com a potência de Angra 2 custaria 2,5 bilhões de ...
veja.abril.com.br/110899/p_078.html - 12k

Outro exemplo: Veja de 19 de maio de 2004
Quero achar o artigo sobre "stress faz bem à saúde" (Só para os loucos é claro)
Digito veja.abril.com.br 190504 stress
Retorna:
VEJA on-line
Para a professora, essa nova realidade é uma enorme fonte de stress e depressão. Autora de outros dois livros que analisam as relações entre sexualidade e ...
veja.abril.com.br/190504/entrevista.html - 57k -

Portanto, é só verificar as datas das edições de cada revista VEJA (Cuja periodicidade eu não faço a menor ideia pois há anos que esta porcaria não entra em casa).

Alguma dúvida?

Por Alan Souza

Nassif,

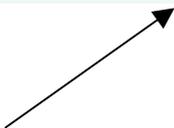
Também pelo Google é possível puxar todos os links de uma dada edição, já que a data faz parte do endereço do link.

Comentário

Vocês querem me matar de trabalhar. A pesquisa foi ampla, geral e irrestrita. Além dos temas solicitados, recebi mais um mundo de informações. Muito obrigado pela disposição.

enviada por Luis Nassif

(comentar) | (146 comentários) | (envie esta mensagem) | (link do post)



Anexo 3 – Exemplo de ajuda dos leitores ao jornalista na produção da série “O caso Veja”.

A rede e os g00db0ys (parte 1/ 4)

21/02/08 08:18

A rede e os g00db0ys

Chamo a atenção de vocês para um resultado genuíno do trabalho em rede. O trecho abaixo fecha o capítulo "Lula é meu álibi", no dossiê Veja. Foi um trabalho minucioso de pesquisa feito por vocês (clique aqui para ler o capítulo).

Quando pedi a ajuda de vocês, houve quem risse do pedido. Esse povo não sabe o que é o trabalho cooperativo em rede.

O bad boy e os g00db0ys

No domingo, quando publiquei o Capítulo sobre esse suspeito dossiê italiano, cujo link estava na coluna de Mainardi, o leitor João Alcântara, juiz aposentado, analisou o documento e ajudou a reforçar as suspeitas de fraude:

- 1) O documento não tem começo nem final. O documento tem duas numerações. Uma, aparentemente a numeração oficial do inquérito. Outra, uma numeração específica do documento. Por exemplo, a primeira página tem o número 1 (que é do dossiê entregue a Mainardi) e o número 136 (que provavelmente é do inquérito da polícia italiana). Significa que foram escondidas as 135 primeiras páginas do inquérito original. O que continuam?
- 2) A diferença da numeração no início do arquivo é de 135 paginas. Já no final é de 140, indicando que foram suprimidas 5 paginas, sem motivo algum. Entre a penúltima e a última página estão faltando a 317 e 318.

[continua na página seguinte]

Anexo 3 – Continuação (parte 2/4) de *A rede e os g00db0ys*

3) Depois, a numeração do documento vai até a página 75 (que corresponde à página 210 do documento original). A partir daí, acaba a numeração original. É um claro sinal de que alguma coisa, que não interessava, foi suprimida do documento original.

4) É só conferir a página 97 do documento. Começa a falar de Motta Veiga (o principal contato de Dantas com a mídia) e, de repente, acaba.

Há indícios fortes de que Mainardi divulgou intencionalmente uma fraude.

Mais tarde, um trabalho investigativo feito pelos próprios leitores do Blog permitiu reforçar as suspeitas sobre as fontes de Mainardi.

Acompanhe os nossos sherlocks:

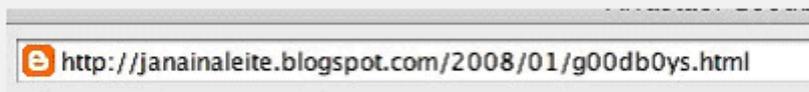
1. O leitor Aton Fon abriu as propriedades do PDF com o relatório sobre a Telecom Italia, e descobriu a data em que o documento foi preparado: criado em 21 de janeiro e modificado pela última vez no dia 22 de janeiro.

[continua na página seguinte]

Anexo 3 – Continuação (parte 3/4) de *A rede e os g00db0ys*

2. O leitor Salles pegou a dica e foi até o blog de Janaína Leite - que já admitiu ter como fonte Rodrigo Andrade, do Opportunity. Lá, ele levantou um post que falava sobre os problemas da Telecom Itália. Endossava todas as hipóteses do Opportunity, mas não mencionava a fonte de suas informações.

O nome do post era estranho: g00db0ys, assim mesmo, com zero em lugar do O. E foi publicado no dia 21 de janeiro, mesmo dia em que o PDF foi criado.



3. Aí, consultou o texto da jornalista para entender o que vinha a ser esse g00db0ys.

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 2008

Goodboys

Há alguns dias, o ombudsman da Folha **reclamou** da cobertura relativa ao processo judicial enfrentado pela Telecom Italia em seu país de origem. Pois bem. Aí vai uma dica que pode render boa matéria: a

[continua na página seguinte]

Anexo 3 – Continuação (parte 4/4) de *A rede e os g00db0ys*

Procuradoria de Milão, que cuida do assunto, descobriu que a Telecom Italia escondeu contas suíças de altos dirigentes da empresa. As contas tinham sido encontradas pela Kroll.

Claro que quem tiver paciência de ler tudo vai encontrar muito, muito mais. O pessoal de lá e a turma com quem eles se metiam eram "tutti buona genti", "goodboys".

POSTADO POR JANAÍNA LEITE ÀS 08:52

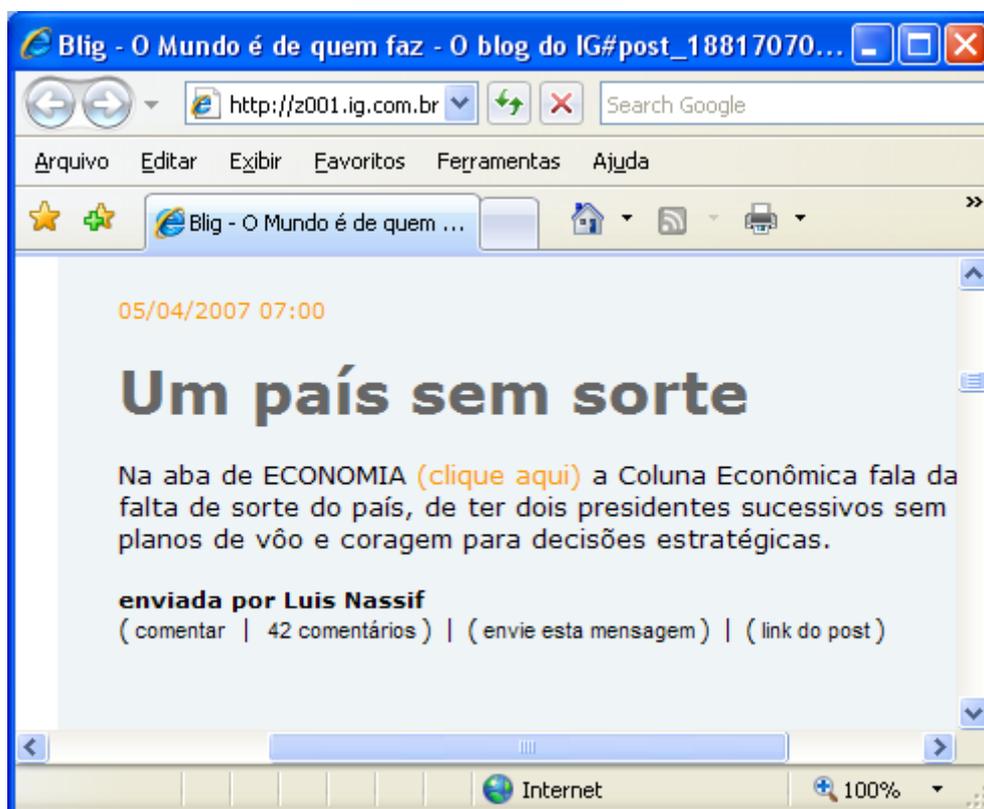
4. Curioso, foi até o relatório sobre a Telecom Itália, indicado por Mainardi na sua última coluna. E o que achou?

- uno degli hacker che ha effettuato citate attività aveva in uso un P.C al quale accedeva anche qualcuno che leggeva o inviava mail indirizzate ad Alfredo Melloni e trasmesse il server di posta di Telecom Italia;
- ad Alfredo Melloni è riconducibile il Nick name "G00db0y".
- "G00db0y" è stato un relatore apparso in alcuni seminari sugli hacker organizzati in Estonia ed in Italia dalla PIT CONSULTING.
Gli elementi che ho riportato avallano la nostra ipotesi (di Kroll) che dietro all'attacco Informatico subito vi sia Telecom Italia.

A expressão era a mesma do relatório sigiloso sobre a Telecom Itália, inclusive com os zeros em lugar do "0". Janaína, que tem como fonte o Opportunity, tinha se baseado no mesmo relatório de Mainardi, que diz ter como fonte italianos.

A rede ajudou a desmascarar a pantomima em torno do relatório que Mainardi garantia ter recebido da Itália.

Anexo 4 – Exemplo de chamada, na página principal do *blog*, e link para o texto, publicado na seção de economia.



Anexo 5 – Topo da página do *blog*, em que aparecem o título *Luis Nassif Online* e logo abaixo as seções: *blog*, *crônicas*, *minhas músicas* e *economia*.



The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying <http://www.uol.com.br>. The page title is "Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do IG :: Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do IG - Windows Internet Explorer". The browser's menu bar includes "Arquivo", "Editar", "Exibir", "Favoritos", "Ferramentas", and "Ajuda". The page content features a black and white portrait of Luis Nassif on the left. To the right of the portrait is a navigation menu with the following items: "BLOG", "CRÔNICAS", "MINHAS MÚSICAS", and "ECONOMIA". The main heading is "LUIS NASSIF ONLINE" in large, bold letters. Below the heading, the word "BLOG" is displayed. The date and time of the post are "24/04/2007 10:24". The article title is "Marcas valiosas". The text of the article discusses a study by Millward Brown, mentioning Google as the most valuable brand in the world with a value of US\$ 66.43 billion, followed by GE (US\$ 61.88 billion) and Microsoft (US\$ 54.95 billion). It also mentions a methodology of brand evaluation and a case of a newspaper that valued its brand at US\$ 200 million. The author's name, "Luis Nassif", is mentioned at the end of the article. At the bottom of the page, there is a status bar with the text "Concluído" and "Internet" along with a zoom level of "100%".

Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do IG :: Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do IG - Windows Internet Explorer

<http://www.uol.com.br> Search Google

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do IG :: Blig - O...



LUIS NASSIF ONLINE

BLOG CRÔNICAS MINHAS MÚSICAS ECONOMIA

BLOG

24/04/2007 10:24

Marcas valiosas

Pesquisa da Millward Brown indicou o Google como a marca mais valiosa do mundo, com valor de US\$ 66,43 bi, seguido da GE (US\$ 61,88 bi) e Microsoft (US\$ 54,95).

Alguns anos atrás andei lendo sobre a metodologia de avaliação de marcas. Há casos curiosos de um jornal que avaliou (ele mesmo) sua marca em algo como US\$ 200 milhões e, com isso, diluiu a participação dos demais acionistas. Obviamente foi antes de se consolidar uma metodologia de avaliação de marcas.

Não me lembro como era essa metodologia. Se houver algum especialista no pedaço, sugiro compartilhar seu conhecimento com o Blog.

enviada por Luis Nassif
(comentar) | (envie esta mensagem) | (link do post)

QUEM É LUIS NASSIF

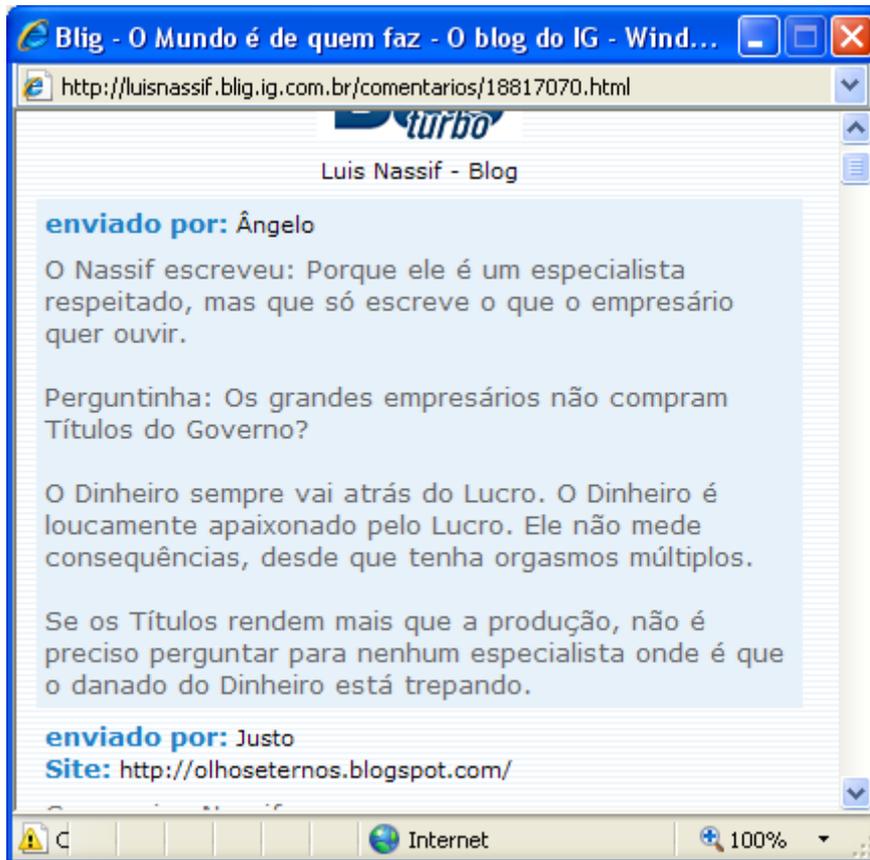
Luis Nassif foi introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. É comentarista econômico da TV Cultura, membro do Conselho do Instituto de Estudos Avançados da USP, do Conselho de Economia da FIESP e do Conselho da

Concluído Internet 100%

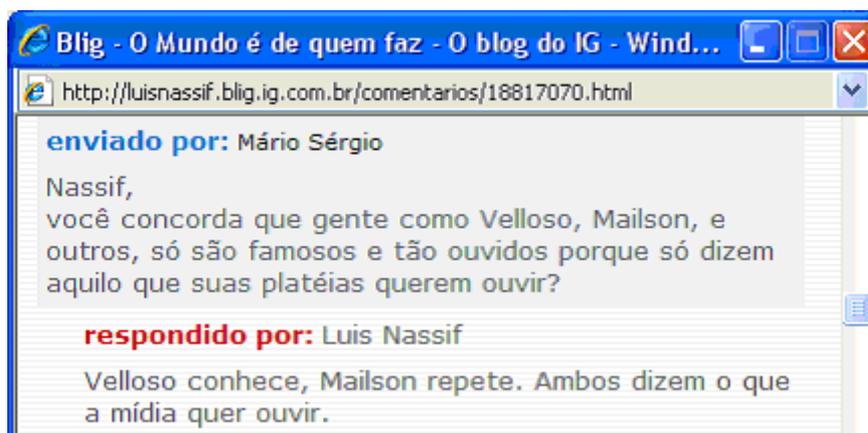
Anexo 6 – Tela para o envio de comentários ao blog.

The image shows a screenshot of a web browser window. The title bar reads "Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do IG - Wind...". The address bar shows the URL "http://blig.ig.com.br/comentarios.php?id_post=18817070". The main content area features the "Blig turbo" logo and the text "Luis Nassif - Blog". Below this, there is a form with the following fields: "Nome:" with a text input box, "e-Mail:" with a text input box, "Seu site: http://" with a text input box, and "Mensagem:" with a large text area. A blue button labeled "ENVIAR" is positioned below the message field. The browser's status bar at the bottom shows "Internet" and a zoom level of "100%".

Anexo 7 – Tela com comentário publicado no *blog*.



Anexo 8 – Comentário com réplica do jornalista.

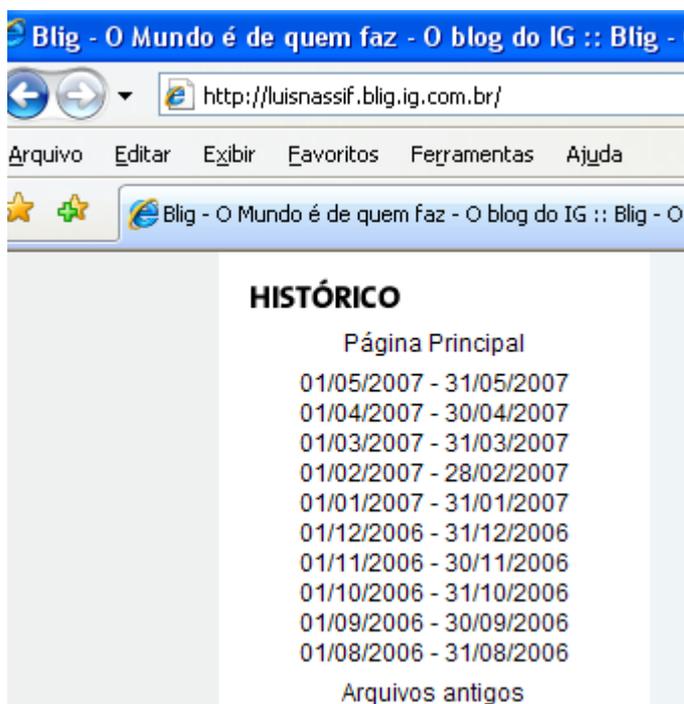


Anexo 9 – Tela para o envio de textos publicados no *blog* a outro leitor.



The image shows a screenshot of a web browser window. The title bar reads "Blig - O Mundo é de quem faz -...". The address bar shows the URL "http://blig.ig.com.br/envia_amigo.php?url=http://z001.ig.com.br/ig/04/39/946471/blig/luisnassif/2007_04.html#post_18817070". The page content includes a "FECHAR" button, a heading "Preencha os campos abaixo para enviar este post para seu amigo:", and the URL "http://z001.ig.com.br/ig/04/39/946471/blig/luisnassif/2007_04.html#post_18817070". Below this are four input fields labeled "Meu nome:", "Meu email:", "Destinatário:", and "Email:". A larger text area is labeled "Comentários: (até 500 caracteres)". At the bottom of the form is a blue button labeled "ENVIAR". The browser's status bar at the bottom shows "Internet" and a zoom level of "100%".

Anexo 10 – Histórico do *blog* organizado por mês.



Anexo 11 – Tela para cadastro do texto principal em que aparece cadastrado o primeiro texto, Sobre a pista de Congonhas.

Sistema de apoio a coleta e a análise de texto - [Cadastro de Texto principal]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda

Código do Texto: 1

Título: Sobre a pista de Congonhas

Enviado por: Roberto Seção: BB

Tema: Acidente da TAM Assunto: Pista de Cogonhas

Data/hora public.: 17/07/2007 23:50:00 Data/hora última consulta: 26/08/2007 17:27:00

Síntese do Texto: Ponto que aparece nas reportagens é a liberação da pista sem grooving. É um procedimento corriqueiro ou foi uma decisão arriscada? Não seria o caso de abrir aqui no blog uma consulta para que alguns especialistas indicassem qual é o padrão internacional para esse procedimento?

Texto: Ola Nassif, após este acidente com a aeronave TAM, um ponto que apareceu nas reportagens e que parece ser importante é o fato da pista recém-inaugurada ainda não contar com os sulcos (grooving) para sua melhor aderência.

Pelo que andei lendo, este processo soh poderia ser realizado algum tempo apos a conclusão da pista, devido ao processo de cura da massa asfáltica. Fica a pergunta. Abrir a pista sem o grooving é um procedimento corriqueiro ou foi uma decisão de arriscada. Analisando os fatos agora, provavelmente vai haver uma disputa que impeça o raciocínio.

Não seria o caso de abrir aqui no blog uma consulta para que alguns especialistas indicassem qual é o padrão internacional para esse procedimento?

Pavras-chave: grooving; padrão internacional; discussão técnica.

Observação:

Cadastrar/alterar Comentários Fechar

Registro: 1 de 39

Modo formulário

Anexo 12 – Tela para cadastro de comentários dos leitores e das réplicas.

Sistema de apoio a coleta e a análise de texto - [Cadastro de Comentários]

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Ferramentas Janela Ajuda

Título Sobre a pista de Congonhas Palavra-chave grooving; padrão internacional; discussão técnica. Fechar

Tema/Assunto Acidente da TAM / Pista de Cogonhas Data hora Post 17/07/2007 23:50:00

Tema	Assunto	dat/hora public	Pessoa	Síntese	Pavaras_chave	Direção do comentário	Destinatário	Categoria Comentário
Acidente da TAM	Autocorreção	18/07/2007 10:18:54	Juca Azevedo	No lugar de "groovel", leia-se "grooving!"		Comentário sem direção específica (ao texto do leitor-autor)		Outras
Acidente da TAM	Pista de Cogonhas	18/07/2007 10:19:01	Juca Azevedo	Não se pode permitir a liberação de uma pista insegura em dias chuvosos porque costuma se fazer isto no mundo.	Padrão internacional; grooving.	Comentário sem direção específica (ao texto do leitor-autor)		Discordância
Acidente da TAM	Discussão técnica	18/07/2007 10:19:15	Cesar M	Ótima idéia fazer uma discussão técnica sobre o tema no blog. Crítica a forma como PHA está tratando o assunto.	Crítica Paulo Henrique Amorim.	Comentário sem direção específica (ao texto do leitor-autor)		Concordância
Acidente da TAM	Discussão técnica	18/07/2007 10:19:28	TANIA CELDONIO	Acha pertinente a sugestão de abrir um espaço no blog para que especialistas possam falar. Registra sua solidariedade aos parentes das vítimas.	Solidariedade às vítimas.	Comentário ao texto do leitor-autor citando-o	Roberto	Concordância
Acidente da TAM	Pista de Cogonhas	18/07/2007 10:20:43	Ricardo Lima	A de pista de Congonhas sempre foi crítica. A pressão econômica dita as regras. A desregulamentação do setor deu espaço a aventureiros.	grooving; características de Congonhas.	Comentário ao texto do leitor-autor citando o jornalista	Luis Nassif	Contribuição
Acidente da TAM	Pista de Cogonhas	18/07/2007 10:20:49	Alexandre Porto	É correio, desde que seja fechada sob chuva. Complicado é vermos "especialistas" reclamarem apenas depois da tragédia.	grooving; liberação da pista.	Comentário sem direção específica (ao texto do leitor-autor)		Contribuição
Acidente da TAM	Pista de Cogonhas	18/07/2007 10:21:16	Douglas	Com os sulcos, talvez não houvesse aquaplanagem. Parece que se preferiu correr o risco de um acidente a assumir o ônus de novo caos aéreo.	grooving; hidroplanagem; crise aérea; crítica o governo.	Comentário sem direção específica (ao texto do leitor-autor)		Contribuição
▶ Acidente da TAM	Hidroplanagem	18/07/2007 10:22:40	Silvana	Por maior q seja a importância do grooving, parece-me q a alta velocidade do airbus foi fundamental para a desistência do piloto de pousar.	Tipos de hidroplanagem; grooving; excesso de	Comentário ao texto do leitor-autor citando-o	Roberto	Contribuição
Acidente da TAM	Grooving	18/07/2007 14:10:11	Euclides	Quantas pistas, no Brasil, dispõe desse tal faldô "grooving!"	Grooving.	Comentário ao texto do leitor-autor citando o jornalista	Luis Nassif	Contribuição

Registro: 8 de 9

Comentário que se tornou post NUM

O risco de um novo "apagão"

Coluna Econômica – 20/07/2007

Uma das grandes discussões atuais é sobre o risco de um novo apagão no setor elétrico. Recentemente, [o Instituto Acende Brasil](#) preparou um trabalho jogando para mais de 30% a probabilidade de um novo apagão até 2011.

Responsável pelo planejamento do setor e pelas estimativas de oferta e demanda de energia, Maurício Tomalsquim, presidente da EPE (Empresa de Planejamento Energético) discorda das avaliações do Instituto.

Segundo Tomalsquim, o trabalho não levou em consideração os seguintes fatos:

1. Em 26 de junho passado houve leilão de energia até 2010. O estudo do Acende Brasil não levou em consideração a energia vendida, dizendo não saber quanto iria entrar no sistema. Na dúvida, considerou como zero a nova oferta de energia.
2. Não teria levado em conta o fato de grandes consumidores de energia estarem adquirindo energia diretamente dos produtores. O último leilão de energia alternativa não foi considerado como bem sucedido, admite Tomalsquim. Mas não se considerou o que teria ocorrido. Para o leilão, muitas usinas de PCH (Pequenas Centrais Hidrelétricas) tinham depositado até garantia financeira para o leilão, o que demonstraria que os preços eram atrativos.

[continua na página seguinte]

Anexo 13 – Continuação (parte 2/3) de *O risco de um novo "apagão"*

Mas não "bidaram" (fazer o lance). A EPE foi investigar e constatou que algumas grandes empresas, como a Companhia Vale do Rio Doce, haviam feito proposta de compra da energia dessas PCHs. Para a matriz energética brasileira, o aumento da oferta foi a mesma do que se todas essas PCHs tivessem colocado sua energia no leilão.

3. O Instituto também considerou como nulo o resultado do próximo leilão de energia do próximo ano, que visará comprar energia para 2011.

Há outras duas válvulas de segurança que deixam a EPE tranquila.

Nos próximos dias será aprovado pelo Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico um novo critério de despacho das usinas térmica, preparado pelo ONS (Operador Nacional do Sistema), aumentando a segurança do sistema

Hoje em dia, o despacho (autorização para venda) é por ordem de mérito. Existe um custo marginal do sistema, da energia descontratada negociada no mercado à vista. Se tem mais água nos reservatórios, o custo cai; com menos água, o custo sobe.

[continua na página seguinte]

Anexo 13 – Continuação (parte 3/3) de *O risco de um novo "apagão"*

Hoje em dia, está por volta de R\$ 130,00 o mw/h. A EPE "despacha" toda termoeletrica cujo custo de operação seja inferior a R\$ 130,00. As termos mais caras ficam paradas.

O critério, portanto, é puramente econômico.

Com a nova regulamentação, a idéia é criar um seguro anti-apagão. Vai se calcular qual seria o pior período de hidrologia da história. A partir desse cálculo, paga-se o que for necessário para as termo, para que os reservatórios suportem essas situações de pleno stress.

Outro elemento, que foi incluído no conjunto de leis aprovadas no PAC (Plano de Aceleração do Crescimento), permite contratar energia de reserva, mesmo que a oferta e a demanda estejam estruturalmente empatadas.

Obviamente não se pode exagerar nesse seguro, porque significará um aumento no custo da tarifa. Mas, de qualquer modo, Tomalsquim garante que energia não faltará.

Para incluir na lista Coluna Econômica

enviada por Luis Nassif

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)